

AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR. Elysio de Carvalho



Anno II.

N. 21

Setembro de 1923.

Preço 1\$000

BANCO ALLIANÇA

SÊDE NO PORTO

RIO DE JANEIRO

146, Rua do Rosario, 146

Caixa do Correio, 924

Telephones: Norte 3376 e Norte 6329

Saques sobre todos os paizes do mundo
—Descontos—Operações bancarias
em geral—Administração de
propriedades—Cobrança de juros e
dividendos—Inventarios—

Correspondentes em todo o territorio
dos Estados Unidos do Brasil.

DEPOSITOS

A' ordem. . . . 4 % ao anno

DEPOSITOS A PRAZO E LETRAS A PREMIO

A prazo de tres mezes.	4 1/2 % ao anno
A prazo de seis mezes.	5 1/2 % ao anno
A prazo de nove mezes.	6 % ao anno
A prazo de doze mezes.	6 1/2 % ao anno

BANCO HYPOTHECARIO DO BRASIL

50 -- AVENIDA RIO BRANCO -- 50

RIO DE JANEIRO

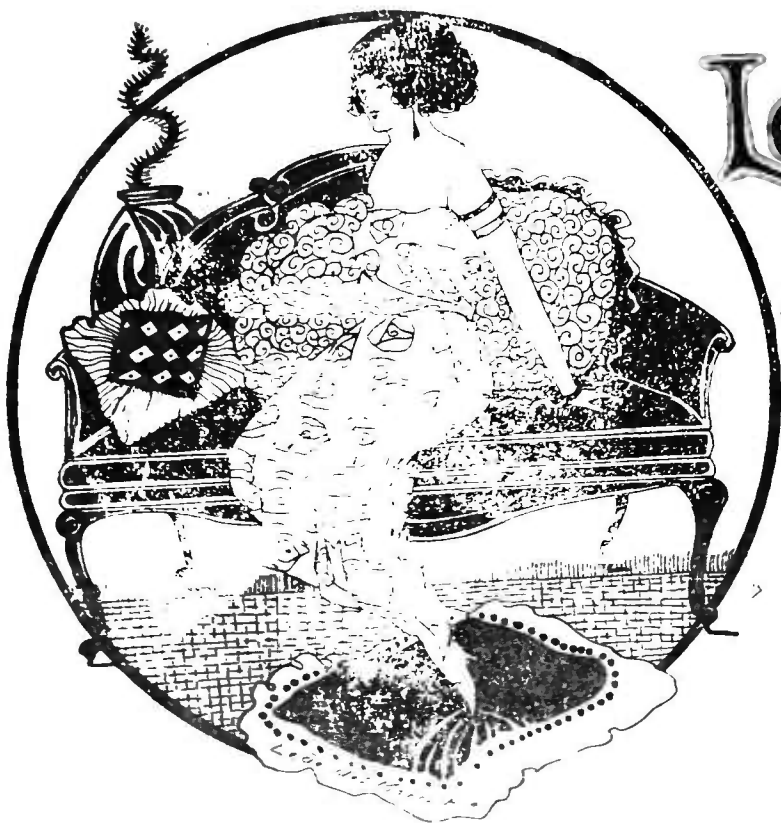
Caixa do Correio, 268

Telephone, Norte 2320

Depositos em contas correntes
á vista e á prazo

Operações bancarias geraes

HYPOTHECAS



Leão do
Mares

Phone Central
822

Quereis adquirir **Moveis** e **Tapeçarias**
os mais artisticos e confortaveis ?

Sem hesitar procure V. Ex. o **LEÃO
DOS MARES** que vos proporcionará o
maximo de economia.

Mourão & Americo

RUA DO PASSEIO, 110 — (LAPA)

Uma bella sala de jantar holiandeza, poderá ser adquirida por 1:000\$ e um rico
dormitorio completo e embutido por 1:050\$000.

Banco Português do Brasil

CAPITAL.... RS. 50.000:000\$000

SÉDE: RIO DE JANEIRO



Abre Conta Corrente
de movimento,
CONTAS CORRENTES
LIMITADAS COM
TALÃO DE CHEQUES,
Conta Corrente a
prazo fixo e
encarrega-se da adminis-
tração de
propriedades

FILIAES EM S. PAULO E SANTOS

Endereço Teleg.: BRASILUSO

Caixa Postal: 479

24, Rua da Candelaria, 24

RIO DE JANEIRO

AMERICA BRASILEIRA

RESENHA DA VIDA NACIONAL

Director: ELYSIO DE CARVALHO

Secretario da redacção: LUIS-ANNIBAL FALCÃO

SUMMARIO DESTE NUMERO

A ANTHROPOSOCIOLOGIA NOS ESTUDOS BRASILEIROS.....	OLIVEIRA VIANNA.
PATRIOTISMO BRASILEIRO	JOÃO DE BARROS.
A LIBERTAÇÃO DO MARANHÃO.....	GUSTAVO BARROSO.
SANTANDER	MAX GRILLO.
MARCEL PROUST E GOMEZ DE LA SERNA.....	CARLO BOSELLI.
A SALVAÇÃO DE FAUSTO.....	MESQUITA PIMENTEL.
CLEMENCEAU.	CAMILLE MAUCLAIR.
MAUCLAIR E A LITTERATURA FRANCEZA NO SECULO XX....	L. A. F.
A ALMA DE ESPANHA.....	JOSÉ OSORIO DE OLIVEIRA.
NACIONALISMO	MOTTA TRIGUEIROS.
VIRGO PRÆDICANDA	CARLOS D. FERNANDES.
MENTALIDADE ARGENTINA.....	JOSÉ INGINIÊROS
POTENCIALIDADE ECONOMICA DE MINAS.....	REDACÇÃO.
IMPRESSÕES DO "SALÃO"	CARLOS RUBENS.
NOTAS & COMMENTARIOS.....	REDACÇÃO.
NOTULAS	REDACÇÃO.
PORTUGALIA	REDACÇÃO.
REPERTORIO	REDACÇÃO.

EXCERPTOS

DE

Machado de Assis, Graça Aranha, Renato Almeida, Metzinger, Gabriel Brunet, Guerra Junqueiro e
Elie Faure.

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA ANNUAL

Para o Brasil. ..	10\$000
Para o Exterior	12\$000

VENDA AVULSA

Numero do mez	1\$000
Numero atrasado.	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 96, 3.º

Tel. Norte 6011

RIO DE JANEIRO - BRASIL

Caixa Postal 1228

AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 21

==

RIO DE JANEIRO — SETEMBRO, DE 1923

==

ANNO II

A ANTHROPOSOCIOLOGIA NOS ESTUDOS BRASILEIROS

Esta bella sciencia, de tão recente criação, está sendo victima de uns certos equívocos, que fazem parecer, nos olhos de muita gente, falsos ou tendenciosos os seus fundamentos. E' uma sciencia essencialmente franceza, que teve como iniciadores duas poderosas organizações caracteristicamente latinas: Durand Le Gros e Gobineau. Os seus grandes systematizadores foram porém, allemães e chamavam-se Ammon, Woltmann, Relmer e Chamberlain — e dahi a fonte de todos os equívocos.

Os dous primeiros eram homens de sciencia authenticos e entraram nos domínios da anthroposociologia com a sincera intenção de encontrar a verdade: mas, os dous ultimos foram buscar nas investigações anthroposociologicas as bases scientificas do imperialismo pangermanista — e fizeram, não obra de cientistas, mas obra de partidarios, transformando a bella sciencia dos Gobineau e dos Lapouge em instrumento para a propaganda de um programma politico. Não eram, como observa Lapouge, anthroposociologistas, mas "caricaturistas da anthroposociologia." Deformaram a anthroposociologia aos feitos dos interesses germanicos, como os Houzé, os Finot, os Manouvrier, que os contrabateram, a deformaram ao geito dos interesses francezes, ameaçados pelas conclusões aggressivas dos pangermanistas, à maneira dos Reimer e dos Chamberlain. Chegado o ardor dos contendores ao ponto da temperatura branca, a serenidade desapareceu inteiramente dos debates, perdeu-se completamente a noção dos interesses da sciencia e a discussão dos argumentos se revestiu da feição irritada dos pamphletos.

Homens de cultura fundamentalmente franceza, os nossos letrados souberam desses debates apenas atravez dos oppugnadores francezes e, tendo assim uma visão parcial da questão, concluíram que a anthroposociologia está morta e que os materiaes colhidos não teriam outra utilidade senão a de servirem para entrecchos de romances de fantasia, sinão do genero dos de Julio Verne, pelo menos do genero dos de Pierre Loti...

Eu não quero, de modo algum, entrar no exame do ponto que deu motivo à formidável algazarra dos sociologos e anthropologos francezes: a questão da superioridade dos povos germanicos sobre os povos chamados latinos ou, em technica de antropologia, a superioridade do *Homo europeus*, de Lapouge, sobre o *Homo alpinus*, de Linneu, isto é, do dolicocephalo louro sobre o brachicephalo moreno — o que, em ultima analyse, redundaria na afirmação da superioridade do germano sobre o celta, ou, mais particularmente — para collocar a questão no terreno incandescente da politica pangermanista — a do allemão sobre o francez. Estou absolutamente convencido que houve muito exagero, muita conclusão precipitada, muita inferencia sem

razão de ser da parte de Lapouge, de Ammon e de Woltmann — para falar unicamente dos mestres, que deram às suas investigações a severidade e imparcialidade da sapiencia. E' possivel que tenham de ser revistas e refundidas muitas daquellas "leis fundamentaes da anthroposociologia", taes como appareceram formuladas numa obra de Lapouge, pois data de 1909 (— *Race et milieu social*, pag. 169). Nada disto diminue o immenso valor da nova sciencia social e a enorme importancia pratica das suas conclusões.

Mesmo naquellas suas afirmações sobre a superioridade do dolico-louro nem tudo está errado. Ha, sem duvida, um solido fundo de verdade nessas conclusões, que, embora exaggeradas na sua significação e importancia, estão muito bem separadas por dados objectivos, extremamente copiosos, para serem totalmente errados. O que é certo é que os anthroposociologos de verdade, como

pouge e de Amon se restrinja exclusivamente a isto.

Não; o dominio da anthroposociologia é incomparavelmente mais vasto: é o estudo das reacções reciprocas da raça e do meio social. Qualquer aggregado humano, seja qual for o *habitat* em que viva, está sempre sujeito a duas ordens de influencias: as que lhe vem da sua base physica, e as que lhe vem da raça.

Dos reflexos do meio cosmico sobre o grupo social e deste sobre o meio cosmico cuida a "anthropogeographia"

Dos reflexos da raça sobre o grupo social e do grupo social sobre a raça cuida uma outra sciencia, que é a "anthroposociologia"

O fundamento desta ultima sciencia, o seu postulado basico é o principio da hereditariedade dos caracteres ethnicos. Por isso mesmo ninguem póde discutir questões de anthroposociologia sem conhecer heredologia a fundo — pois, toda questão de anthroposociologia, como de ethnologia, se reduz, afinal, a um problema de hereditariedade. Estamos diante de uma sciencia, que marca, como se vê, o ponto de transição entre as sciencias naturaes e as sciencias sociaes. Os que entrarem nos seus domínios tem que ir preparados para jogar, ao mesmo tempo e com a mesma segurança, com os dados da biologia e os dados da sociologia.

Entre nós, a anthroposociologia encontra um campo admiravel para investigações. Presumo que ninguem haja até agora cultivado aqui esses estudos, tão cheios de seducção e interesse, devidos exclusivamente à prevenção existente contra o mais notavel representante da nova sciencia no mundo latino: Vacher de Lapouge. O poderoso pensador de *O aryano* passa por ser o maior pregoeiro da superioridade dos povos germanicos sobre os povos latinos — e dahi a prevenção contra a sua obra e, consequentemente, contra a anthroposociologia. Entretanto, a obra fundamental de Lapouge não é *O aryano*; mas sim, as *Seleções sociaes*. Este livro, embora opine pela superioridade da raça dolico-loura, é uma soberba construcção scientifica, que bastaria para mostrar a complexidade dos problemas versados pela anthroposociologia — tal como o livro de Amon: *A ordem social e as suas bases naturaes*.

Entre nós, os problemas da anthroposociologia offerecem o interesse mais vivo, porque a nossa massa social soffre a influencia de tres racas differentissimas, duas das quaes exóticas: a branca e a negra; e, além disso, duas dellas, a negra e a vermelha, vivendo num clima social muito diverso dos climas sociaes da sua formação originaria. As reacções reciprocas destas tres racas sobre o nosso meio social e do nosso meio social (que, aliás, não é o mesmo ao norte e ao sul do paiz) sobre estas tres racas são

O INSTINCTO DE NACIONALIDADE

Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão alli farto manancial de inspiração e irão dando physionomia propria ao pensamento nacional. Esta outra independencia não tem Sete de Setembro, nem campo de Ypiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sahir mais duradoura; não será obra de uma geração, nem duas; muitas trabalharão para ella, até perfazel-a de todo.

MACHADO DE ASSIS.

Lapouge, por exemplo, têm sempre o cuidado de accentuar que as leis que regem, segundo elles, a distribuição social das racas, e que deram motivo ao protesto dos Finot, dos Houzé e dos Manouvrier, só têm verificação nos meios sociaes, compostos exclusivamente de *H. europeus* e *H. alpinus*. As leis que regem o comportamento do *H. europeus* em relação a outros typos ethnicos, como por exemplo, o *H. meridionalis*, que é o typo dominante da Italia do sul e na peninsula iberica, — não estão ainda perfeitamente definidos.

Errado, porém, andar quem confundir anthroposociologia com apologia do homem dolicocephalo louro. Os anthroposociologos allemães, de comparsearia, aliás, com alguns bellos espiritos francezes, chegaram à conclusão da superioridade dos dolico-louros: mas, seria evidentemente reduzir de uma maneira injusta o campo da anthroposociologia, julgar que a formosa sciencia de La-

PATRIOTISMO BRASILEIRO

ELISIO DE CARVALHO E OS BASTIÕES DA NACIONALIDADE

O artigo, que transcrevemos, data venia, do "Primeiro de Janeiro" de 1 de Julho de 1923. do illustre escriptor Sr. João de Barros, é uma admirável synthese do nativismo brasileiro, que se não deve isolar, mas, ao revés, se fecundar nas tradições gloriosas da raça commum.

Enquanto, por vezes, nós em Portugal discutimos se temos ou não uma origem ethnica que nos permita considerar a nacionalidade um todo uno, eterno e diferenciado dos outros da população iberica — o Brazil, pela pena dos seus mais altos escriptores e sabios, afirma-nos essa crença e justifica-nos essa certeza. Para eles, uma das causas mais fortes da união e da cohesão do seu vasto paiz, é, precisamente, a ascendencia luzitana — e dessa ascendencia se honram e orgulham como sendo duma das mais antigas e vigorosas raças da Europa. A memoria recente do que foi a formação do Brazil pela persistencia e pelo genio portuguez, creando uma Patria tão diversa das outras patrias da America do Sul e a elas tão superior, ensina aos brasileiros essa attitude de justiça e de verdade para com os luzitanos, e faz-lhes sentir a profunda originalidade e a personalidade indestructivel desse antigo povo, que aonde vive ou passa edifica e levanta construcções immorredorais.

estudos do mais alto interesse scientifico e cheios de fecundas consequencias practicas. Na *Evolução do povo brasileiro*, ao estudar a evolução da nossa raça, bosqueja, em traços ligeiros e genericos, alguns problemas mais interessantes da nossa anthroposociologia; mas, o que digo alli está longe de representar um estudo exhaustivo das questões abordadas. Num outro ensaio, de menores proporções, sobre *O typo ethnico brasileiro e os seus elementos formadores*, que vem no volume introductorio do *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, publicado pelo Instituto Historico, eu accentuo um pouco mais a analyse de alguns aspectos da nossa psychologia ethnica, especialmente dos modernos typos europeus, confluentes ao sul do paiz. Mas, o problema do eugenismo desses typos e dos nossos mestiços indoaricos — apparece estudado muito succintamente e está exigindo uma analyse mais demorada e exhaustiva. Pretendo fazel-a em trabalho mais especializado e de maior tomo — *O Aryano no Brasil* — para que estou carreado materiaes, de modo a poder discutir esses problemas ethnicos e anthroposociologicos com o possivel rigor scientifico.

No Brazil, o problema das influencias ethnicas tem uma importancia muito consideravel, porque não existem aqui certos preconceitos de casta ou de

Estas reflexões fazia eu lendo o magnifico livro de Elisio de Carvalho, que se chama "Os Bastiões da Nacionalidade". Elisio de Carvalho é um dos mais lusofilos entre os lusofilos escriptores brasileiros, e é um dos mais belos e elevados espiritos da sua geração. Entusiasta, mas refletido; artista de vibrante sensibilidade, mas pensador de sereno raciocinio; critico e poeta, historiador e economista, — todas estas multiplas facetas do seu nobre talento se subordinam a uma mesma orientação patriotica. Desde muito que propaga, defende e explica as ideias e as acções que mais uteis lhe parecem á grandeza e á prosperidade da sua terra. E tal é o poder de convicção que anima as paginas dos seus livros, ou da sua revista "A America Brasileira"; e tão cheios de logica e de razão e de probidade mental são os seus argumentos que bem pôde dizer-se ter conquistado já, pela influencia da sua obra, um logar de conductor e de professor de fé nacionalista entre a mocidade do Brazil.

Essa fé nacionalista afirma-se com especial insistencia em "Os Bastiões da Nacionalidade" — livro todo consagrado á gloria e ao futuro do Brazil, livro em que se encontra esta frase orgulhosa: "tudo, em nós, é antes de tudo, brasileiro"; e que, no entanto, pelo amor e pelo apêgo que denuncia ás coisas portuguezas, bem poderia trazer na capa uma epigrafe significativa, uma epigrafe que é a divisa do

apostolado de Elisio de Carvalho: — "pelo Brazil e por Portugal", como já foi a divisa do apostolado inesquecivel do inesquecivel João do Rio...

"E' assim que o Brazil, no pensar do admiravel escriptor (Graça Aranha) se tem de afirmar como o continuador do genio portuguez no mundo americano, dando á alma antiga mais vigor, mais enthusiasmo e mais agilidade, e á America mais clareza, mais intelligencia, mais beleza nas suas relações com o universo", escreve Elisio de Carvalho.

Neste periodo incisivo e claro contém-se todo o pensamento do prosador illustre sobre o magno problema do destino brasileiro, que ele assim entrelaça, intimamente, ao destino portuguez: "Quer mais brasileiro que o transmontano ou o alfaeinha que levou a sua paixão da terra até ao sacrificio de defendel-a com a própria vida?" — continua Elisio de Carvalho. E, mais adiante: — "aos portuguezes devemos, digamos sem enfimismo, a grandeza da terra, unida e identificada pelo sangue e pelo espirito da patria, e a opulencia da nacionalidade".

Não teriam importancia estas afirmações se viessem dum brasileiro que não consagrasse a actividade da sua vida ao culto e ao engrandecimento do Brazil. Mas Elisio de Carvalho é supremamente, ardentemente patriota. Fala, portanto, com uma autoridade maxima — e foi por isso que a sua defeza dos portuguezes, quando se deu o ataque nativista, produziu tão funda impressão. O seu amor a Portugal não é um sentimento postico: — é a consequencia directa do seu amor ao Brazil, cujas tradições e passado são os mesmos que nós reivindicamos para nós, e que nos pertencem tanto como aos proprios brasileiros.

"Os Bastiões da Nacionalidade", pelos assuntos tratados nos seus varios capitulos, pela condição do seu autor, e pelo seu estilo vehemente e moço, merece a attenção de todos os espiritos desajosados de estudar e comprehender o Brazil. E para os portuguezes possui este livro um interesse particular: — mostra como o patriotismo da elite brasileira não é adverso nem hostile ao patriotismo luzitano. Muito pelo contrario. Um e outro se fundem, na evocação e na religião do Passado. Um e outro se approximam na legitima ambição de continuar, em nações diversas, os exemplos desse Passado heroico e as victorias sempre renovadas duma raça comum.

sangue, que embaraçam e perturbam, em outros povos, a plena actuação das tendencias ethnicas.

Dada a ausencia de preconceitos sociais; dada a ausencia de interdições legais; dada a egualdade de oportunidades para os individuos de todas as raças; é claro que a orientação de cada um delles será uma resultante exclusiva das hereditariedades trazidas por cada um. Ora, entre essas hereditariedades, conta-se, principalmente a hereditariedade ethnica. Havendo aqui tres raças em confronto, pergunta-se: — em que sentido as tendencias hereditarias de cada uma impellem os individuos, em que ellas predominam?

Certo, numa dada orientação, numa certa direcção.

Qual, para cada uma das tres raças?

— Determinar essas direcções e as leis que as regem — eis-nos em pleno campo da anthroposociologia brasileira.

Evidentemente, as conclusões nossas, as que havemos de chegar, não poderão coincidir com as conclusões da anthroposociologia dos grupos europeus — porque aqui o dolico-louro está fora de questão. Ha de se ver, porém, que onde parece reinar apenas o acaso, dominam leis surprehenderes, que transformam a apparente desordem do nosso caos ethnico numa ordem magnifica.

Oliveira VIANNA

João de BARROS

A LIBERTAÇÃO DO MARANHÃO

Conferencia realisada no Instituto Varnhagen em 28 de julho de 1923

O Maranhão foi um dos maiores baluartes da resistência portugueza á emancipação do Brasil. Não que lhe faltasse aos filhos o mesmo ardor patriótico que agitava o paiz de sul a norte, nem que entre elles alguns não tenham sido dignos de hombrar com os mais altos vultos da formação da nossa nacionalidade. Mas as condições do momento, resultantes do seu afastamento da capital, da sua vida economica quasi independente, das suas relações directas com Lisboa, da sua representação fiel ás Côrtes do Reino, do numero, prestigio e fortuna do elemento portuguez no seu seio, tornaram-no numa como base da repulsa lusa ás legítimas aspirações da nossa gente. No entanto, no momento de declarar-se a luta aberta, os independentes do Maranhão, souberam com coragem pegar em armas.

Quando o rastilho da insurreição despertada pelo grito do Ypiranga crepitou pelo Ceará e pelo Piahy, a organização lusitana daquela provincia onde nasceu Gonçalves Dias appareceu aos olhos ansiosos dos *carcundas*, que assim se appellidavam os brasileiros, como um terrível espantinho. Por isso, ao historiar, desenvolvida e pormenorizadamente, os factos desenrolados após a celebre proclamação da Parnahyba, o illustre sr. Abdias Neves chama no livro, tão interessante quanto bem documentado, a "Guerra do Fidié", a essa ameaça o *perigo maranhense*.

Desde 1821, o Brasil todo estremecia, aqui e alli, como se lhe percorressem o vasto corpo calefrios denunciadores de grande crise. E ás proprias provincias mais distantes do foco de nacionalismo, que era a região do Centro-Sul, sentiam fortes abalos. Não só nas cidades do littoral se agitavam as idéas e os homens. As noticias da effervescencia percorriam os sertões asperos e distantes. Por toda a parte, um fremito entrecortado de rebeldia, como os fugazes clarões que perpassam por entre as nuvens amontoadas, pouco antes do aguaceiro despejar-se e de roncar a tempestade.

Sae-se da agitação a prol da organização constitucional para a dos decretos que chamam D. Pedro a Lisboa e convocam os procuradores das camaras. Movimentam-se Lédos e Andradas, Josés Clementes e Januários, Nobregas, Sampaio, Rochas, tantos outros. O Rei torna ao outro lado do Atlantico e, na anarchia nacional, enquanto o Principe procura enfeixar nas violentas mãos os destinos do joven povo, algumas provincias só escutam as vozes e só cumprem as ordens das Côrtes portuguezas. Entre ellas o Maranhão.

Raia o anno memoravel de 1822 e o echo do FICO repercute no paiz inteiro. E' a grande reacção nacional que se despenha. Guarnições lusas já capitulam. D. Pedro percorre Minas e S. Paulo. Ferve o movimento libertador. Ha tanto sonho nas almas, tanta luz, tanta esperança nos olhos de todos quantos se preparam de ser brasileiros e tão somente brasileiros. E, á soupra, formidavelmente, a Maçonaria age sem treguas, em defesa dos melhores destinos da grande patria que desperta para o grande futuro.

Borbulham levantes, como solfataras, pela vasta face da terra brasileira. As

canções do povo ridicularisam o filho de outra banda:

"Marinheiro pé de chumbo,
calcanhar de frigideira,
quem te deu a ousadia
de casar com brasileira?... " (1)

Travam-se os particulares, nascidos em solo diverso, de razões a cada passo. Nossos patricios de então sentem correr-lhes nas veias como que um sangue novo. E, afinal, á margem do arroio paulista, o grito definitivo estruge, acordando mais uma nação neste portentoso continente.

Ergue-se o Brasil á voz luminosa da liberdade, porém não todo. Alguns de seus membros continuam acorrentados ás algemas coloniaes. Não faltarão energias para quebral-as e atiral-as longe. Depois de porfiada peleja, a 2 de julho, rompem-se os ferros vis da Bahia gloriosa. Em seguida, liberta-se o Piahy, liberta-se o Maranhão e liberta-se o Pará. E, assim, o gigante pode espreguiçar-se ao sol, livre para todo o sempre.

O echo do brado "Independencia ou Morte!" leva quasi um anno para attingir essa Athenas Brasileira, que tem sido a

A SIMPLICIDADE DE DEBUSSY

Quando se lança pela primeira vez os olhos sobre uma partitura da orchestra de Debussy, ficamos surpreendidos com a complexidade da escriptura. Rythmos e motivos se entrelaçam e se superpõem numa atmosphera cambiante. Instrumentos se associam em combinações inesperadas, segundo dosagens imprevisas. Poder-se-hia suppor que este conjunto de tão extraordinaria instabilidade não vai soar bem: muito ao contrario, na execução tudo entra em ordem. Os themas principaes emergem, os rythmos se accusam contrariando-se e a sonoridade é a mais bizarra caricia para os ouvidos. A impressão que se tem desse conjunto tão complicado é a da maior simplicidade. Só o que se precisa para que este effeito se produza, é que um habil regente de orchestra tenha cuidado de pôr cada cousa no seu lugar. Também é preciso que esse regente de orchestra comprehenda e sinta profundamente as bellezas da arte debussysta...

HENRY PRUNIÉRES.

mais dadivosa mãe de intelligencias para a nossa gloria intellectual. Resoara, fraco, em outubro, na cidade piahyense de Parnahyba, onde o juiz João Candido e o coronel de milicias Simplicio Dias da Silva proclamam a adhesão da provincia ao novo estado de coisas. Mas a junta do Maranhão, aluna e corpo ligados á metropole, apoiada nas bayonetas e na artilharia da forte guarnição, escudada no prestigio moral da Igreja, representada pelo bispo Nazareth, oppõe-se á marcha, ao alastrar do movimento revolucionario e atira sobre o Piahy o seu anathema, enquanto o brigadeiro Didié, em commandante das armas, que se achava em Oeiras, prepara-se para atacar os sediciosos.

Era preciso suffocar logo aquelle impulso de patriotismo. E, como diz o emi-

(1) Esta quadra tinha a seguinte variante no Maranhão:

"Marinheiro pé de chumbo
calcanhar de requieirão,
quem te deu a ousadia
de casar no Maranhão?"

nente historiador, Sr. Rocha Pombo, na sua monumental "Historia do Brasil", afim de melhor combater o nacionalismo revoltoso dos brasileiros, a junta maranhense pôz-se de concerto com a do Pará "no sentido de se manterem fieis ao governo de Lisboa".

Avança Fidié, arrastando as suas peças de artilharia e carretas de municao com bois, pelos sertões inhospitos afóra, talando campos e saqueando fazendas. Fogem, assombrados, os patriotas da Parnahyba, atravessando as fronteiras cearenses, rumo de Sobral e Granja, nucleos de victorioso nacionalismo.

Todavia, as fagulhas destinadas a atear o incendio naquellas regiões não se apagam. Mantém-nas accésas o vento de rebeldia e liberdade que sopra de todo o interior do Ceará, onde os independentes piahyenses refugiados buscam apoio moral e reforços.

Fidié faz da Parnahyba, conquistada com pouco esforço, a sua Capua, sem as delicias da classica, bem entendido, mas identica, como demora, á do outro, embora não se possam comparar os tamanhos historicos de ambos. Sua ausencia prolongada da capital do Piahy permite que ella se torne tumultuaria. Lavra a agitação pelos sertões em fóra. Ha qualquer coisa no ar, dizem todos. Sentem mais do que dizem. E a junta lusophila de Oeiras manda apressadamente chamar o Fidié.

Antes que elle chegue, porém, premidos pela medrosa tyrannia da tal junta, os independentes se desmascaram, chefiados pelo brigadeiro Souza Martins. Proclama-se a independencia. "De mãos dadas com o Ceará", reza um documento coevo, está o Piahy preparado para a luta.

E os cearenses com os seus guritões de couro das velhas milicias e ordenanças, de fundo largo e achatados, differentes dos da tropa portugueza, afunilados e altos, o que lhes deu a alcunha de *cabeças chatas*, pois o crano achatado é commum a todo habitante do Nordeste e não peculiar somente aos de minha terra; com os cearenses, em bandos quasi sem disciplina, mas armados e peor commandados, entram pelo territorio da provincia vizinha, a depredar a pecunia alheia e a saquear os povos, como o faziam os avidos e brutaes soldados da metropole. João Brígido chamou a essa entrada "aladroada expedição de Caxias".

Chefiavam-nos homens de rija tempera e velha experiencia de caudilismo sertanejo: Tristão de Alencar, destinado a ser um dos heróis tardios de revolução de 1824 e prometido á morte pela mão raivosa dum sequeiro dos Cunhas do boqueirão, nos campos ensanguentados de Santa Rosa; e o afamado José Pereira Filgueiras, ou Felgueiras, especie de Panchy y Villa diminuido pela diminuição do proprio ambiente, um dos homens agigantados de maior força que o folk-lore sertanejo perpetua, contando o povo que, sosinho, desatolava da lama um carro de bois, que seu braço era duma cana só, dum só osso, e que disparava com elle estendido, sem que fugisse do logar, mau grado o formidavel recuo, qualquer um dos seus dois bacamarte: o Bôcca da Noite ou o Estrella d'Alva!

E' ainda o folk-lore que perpetua a lembrança da *mitriaga* espantosa, a metralha da artilharia portugueza do Fidié, que, no campo do Retiro do Genipapo, varreu essas hostes bravias e estonteadas, hordas de sertanejos mal armados, derrotando-as. Contra onze canhões e mais de mil homens de boa tropa de linha lusitana, os pobres matutos bisonhos pelejaram

SANTANDER

proposito do um livro do General Abreu e Lima

O Governo venezuelano, presidido pelo Sr. General Juan Vicente Gomez, "austero e simples", que, segundo o conceito do seu ministro do Exterior, sente pelo Brasil a admiração do homem do trabalho por aquelle que possui em um grão eminente a mesma fecundadora virtude" pensou render uma homenagem exultante e digna da grandeza do Brasil no primeiro Centenario de sua Independencia, ao ordenar que o intelligente diplomata Dr. Diego Carbonell publicasse os manuscriptos do livro *Resumo historico da ultima dictadura do libertador Simon Bolivar, comprovada com documentos, por Ignacio de Abreu e Lima*.

Este pamphletto, escripto com o particular proposito de exaltar o nome de Bolivar e offender a memoria de Santander, chamado pela posteridade o Organizador das Victorias da Guerra da Independencia, permaneceu inédito até que o illustre medico e diplomata Dr. Carbonell, o viesse tirar do olvido para presentear-o como homenagem da Venezuela ao Brasil. O livro de Abreu e Lima, que com certeza não agradou a Bolivar pois não foi publicado em seu tempo soffre de um lado, de excessos dythrambicos a respeito de feitos os menos memoraveis do grande homem e, de outro, é um terrivel amontoado de juizos apaixonados contra Santander, o Homem das Leis, o estadista que luctou para que prevalecessem sobre os louros da victoria, a Repu-

blica e as instituições que se tinham dado aos povos libertados. O livro de Abreu e Lima, composto ao calor da inimizade com Santander, em dias em que as paixões cegavam o juizo dos homens, está cheio de erros, é injustamente apaixonado contra Santander e, por conseguinte, deve ser lido com desconfiança. A imprensa brasileira, com a agilidade de comprehensão que a distingue, quasi nenhuma importancia concedeu ao livro editado pelo Governo Venezuelano, embora se achasse entre as suas paginas a traducção de um Goulart de Andrade do formoso panegyrico composto por José Enrique Rodó sobre Bolivar.

Os juizos do General Abreu e Lima são hoje revistos pelos historiadores, que tiveram o cuidado de estudar em archivos e documentos authenticos o periodo da historia colombiana de 1825 a 1830. A segunda dictadura de Bolivar á qual se refere Abreu e Lima, acha-se perfeitamente julgada. As tremendas accusações contra Francisco de Paula Santander, principalmente, toda a supposta participação do Homem das Leis na conspiração de 25 de Setembro de 1828, foram desvanecidas de um modo sereno e bem fundado.

Embora o autor destas linhas tenha dedicado numerosos dias ao estudo na personalidade historica de Santander e não ob-

stante achar errados os conceitos de Abreu e Lima na sua obra, absteve-se de commentar: não para contribuir na conspiração de silencio com que foi acolhida no Rio de Janeiro, mas por consideração de outra especie, entre as quaes avultou principalmente a estima que professa pelo Dr. Carbonell. Ademais, o organizador das Victorias que libertou o Equador, em Pichincha, a Venezuela em Carabobo e o Peru e a Bolivia em Ayacucho, bem pode desafiar só com a sua obra os embates de seus inimigos, passados e presentes. Commetteu erros e faltas, uma delas, não só no conceito de Abreu e Lima como no dos escriptores de Avila, consistiu em ter defendido a lei contra a dictadura. Mas a sua obra, as bases democraticas e livres que pos como fundamento da Republica na Colombia elevaram Santander no decurso dos tempos até o cume da maior admiração entre os estadistas e os povos da America. No discurso que pronunciou no dia 4 de Janeiro deste anno o Eminentissimo Secretario de Estado dos Estados Unidos, Mr. Hughes, traçou a figura de Santander nos sobrios traços que seguem: "Em uma epoca em que o processo do governo republicano se achava ainda em estado de formação, Santander fez comprehender ao seu povo a importancia de formar um governo de leis e não de homens, e foi devido ao seu trabalho infatigavel que se lançaram os cimentos dessas garantias de liberdade pessoal nas instituições de justiça, sobre as quaes deve descansar, infallivelmente, a grandeza de vosso paiz. A lição que elle ensinou é a que o mundo ainda precisa. E, porque não se limitou a ensinar-a, mas tambem consagrou a sua vida ao estabelecimento dos principios essenciaes da liberdade, rendemos altas honras ao seu nome e compartilhamos convosco do orgulho que tendes da sua obra."

Na guerra da Independencia colombiana assignalaram-se muitos guerreiros. Basta lembrar em Cordoba, o heroe de Ayacucho, elevado a general por Sucre, no campo de batalha. Santander foi tambem guerreiro e um dos principaes estrategistas de seu tempo na America. Mas não são precisamente as glorias militares que nos empolgam, na Colombia. Nossos militares, desde Santander até o actual presidente da Republica, engenheiros militares, são, antes de tudo, homens civis que estudaram em universidades nacionaes ou estrangeiras. Desde tempos immemoriaes o povo colombiano repete esta trova:

En Colombia, que es la tierra
de la cosas singulares,
nos dan paz los militares
Y los civiles dan guerra.

Se Santander não tivesse sido o estadista que praticou o principio por elle formulado e seguido (as armas vos deram independencia, as leis vos darão liberdade), citado por Mr. Hughes; se não tivesse sido o estadista que, depois dos combates, e ainda no meio da guerra, fundou collegios e estabeleceu as bases da administração publica, não seria o varão eximio e a figura representativa da patria que edificou e educou para a vida republicana.

Mas, dirá o leitor, porque escreve agora este colombiano, a respeito do livro de Abreu e Lima, quando se absteve de julgá-lo ao ser publicada? Responderel simplesmente; porque o livro do procer pernambucano influiu sua duvida, no juizo que um escriptor brasileiro estampou acerca de Santander; juizo synthetico, no qual, sem attenuações de especie alguma, nega-se toda virtude e todo merito ao homem eleito pela Colombia para representá-la em effigie no recinto da União Pan-americana de Washington. Na serie de artigos, de amena leitura, que vem publicando o "Imparcial" sob a epigraphe "Do meu balcão sobre os Andes", um escriptor, que assigna as suas chronicas em Santa Fé de Bogotá, o Snr. Anthero Gama, pseudonymo de um illustre brasileiro, diz, o seguinte, na chronica intitulada "Pernambucanos na Colombia": "Abreu e Lima fez toda a campanha da independencia colombiana. Mereceu de Bolivar o epitheto honrozissimo de "el guapo, el valiente". Gozou da confiança de varios chefes, como Paez, Soublette, Santander. Deste ultimo foi amigo intimo, escreveu-lhe numerosas cartas que estão reproduzidas no "Archivo Santander", mas depois reformou o juizo sobre esse caudillo, formulou-lhe graves accusações. (1) Por isso os historadores amigos de Santander, consideram o nosso patricio, um "vil aventureiro miseravel discolo, apostata e traidor". Em compensação todos quanto framente estudaram a personalidade de Francisco de Paula Santander, são unanimes em imputar-lhe felonias

tres horas a fio, como leões! Heroismo desnordeado e barbaro!

Fidié foi um capitão que poderia dizer, consoante o verso celebre: "eu não cuidei". Camões não o louvaria. Triunphante, esqueceu a impedimenta. Alongou-se da sua caça, como o diria um chronista medieval. O regimento de cavallaria de milicias de Sobral, ás ordens do capitão Nereu, que tambem invadira o Piahy rebellado e convulso, surpreendeu-a, matou-lhe a guarda e levou-a comsigo. E o chefe luso foi acampar no Estanhado, hoje União, sem munições, que, assim, as perdêra todas!

Dalli retirou, depois, para Caxias, no Maranhão.

Então, todo o Piahy agitado proclamou a libertação e o Ceará acode-lhe continuamente com soccorros de homens e de arma. A situação dos portuguezes no norte não é mais tão importante e segura como fóra. Começa-se a sentir que o Maranhão, apesar de meio asphyxiado, vibra. A sua junta fortifica-se na capital e pede soccorros urgentes a Lisboa, emquanto por varios logares do interior vae-se acclamando o nome imperial de D. Pedro I.

"Alli só se espera a voz dum chefe", diz Rocha Pombo. Em S. Luiz, soffrem os brasileiros nativistas temores e vexames de toda a ordem; agem, no entanto, em outros pontos. As apprehensões da junta cortam-lhe até a voz. Nem responde aos officios em que Fidié lhe pede soccorros, de Caxias.

Isolada da capital pelo movimento geral de insurreição dos maranhenses, Caxias é assediado pelas tropas do Ceará e do Piahy. Fidié demitte-se do commando e a cidade capitula. Toda a provincia estava ás mãos dos patriotas e a capital certamente não poderia resistir muito tempo. Lavrara alli certa anarchia, que dia a dia se accelerava. Não se deve esquecer que até officiaes da tropa de linha, como os tenentes Barradas e Raposo, acompanhados do alferes miliciano Reis, revoltaram-se de armas na mão contra o dominio portuguez, combatendo na rua os soldados do marechal Faria.

Emfim, lord Cochrane, conde de Dundonald e marquez do Maranhão, commandando a nau de guerra *Pedro I* seguida de brigues, surge no porto de S. Luiz, apossa-

se de navios portuguezes, arria de todos os mastros, em terra e no mar, o pavilhão das quinas, substitue-o pela bandeira auri-verde, desembara marinheiros para contra aqueles renitentes a que se refere Vieira da Silva, proclama de vez a independencia e acclama o Imperador e Defensor Perpetuo do Brasil a 28 de julho de 1823.

Este resumo, feito sem graça e sem valor, dos factos de que decorreu a independencia do Maranhão, cujo centenario o Instituto Varnhagen commemora, mostranos que, para tal resultado, se contribuiu a acção vinda de fóra, do Piahy directamente e do Ceará, através do Piahy, tambem concorreu a agitação interna, creadora de anarchia provisoria, necessaria á eclosão dos bons frutos, fonte das energias possantes que ajudaram a desmantellar a machina preparada para matar alli o movimento libertador.

Nessa luta, não conseguio a força que se oppunha á generalização da nossa independencia separar do corpo do paiz a grande provincia de Odorico Mendes e dos Azevedos. Outras lutas em outras paragens, mesmo idéas separatistas, até agora não conseguiram tambem fazer desunir-se parte alguma deste territorio immenso, patrimonio que nos legaram descobridores, bandeirantes, colonizadores, independentes, o indigena regressivo, o negro que arroteou as terras virgens e hostis, ao sol, e á chuva, o luso bravo, patrimonio que devemos legar intacto ás gerações do futuro, se quizermos ter o orgulho nobre de havermos, em verdade, constituido uma nação.

Nesta data centenaria e augusta pela sua significação e pela sua velhice, rendendo homenagem á memoria daquelles que trouxeram o Maranhão aos braços dos seus irmãos já libertos, façamos votos para que, no meio das desunidas nacionalidades, geradas na fragmentação espontanea dos antigos vice-reinados espanhões da America do Sul, continue o Brasil a ser a excepção que é, pela homogeneidade de seu todo, pela união de suas varias partes, pela manutenção sob as estrellas da mesma bandeira duma das maiores areas concedida ao povo, que nos foi entregue inteiriça, una, pela admiravel força de cohesão da nossa Raça, — Raça mãe de prodigios!

Gustavo BARROSO

desonestidades. O antigo vice-presidente da Nova-Granada, de facto, é por muitos considerado um baixo demagogo, e por duas vezes tentou assassinar o mesmo Bolívar traço-tramente, desmentindo a confiança que lhe dispensava, de boa fé, o insigne chefe. De modo que os detractores do nosso Abreu e Lima estão caracterizados e conhecidos; são os endeusadores desse verdadeiro diabo que se chamou Santander; não merecem maior atenção". (2) Chamo a atenção que o Sr. Anthero Gama, tenha formado um juízo tão pouco benevolente sobre os feitos e os meritos de Santander. Verdade é que muitos dos detractores do Homem das Leis, de evidente parcialidade, têm repetido as acusações violentas que lançaram contra elle os amigos das dictaduras e mesmo das tyrannias, em tempos passados, quando o processo se achava vencido e prisioneiro, por ter defendido a constituição e as prerogativas do regimen civil. Posteriormente, essa escola chamada "cesarismo democratico" por um dos seus corypheus, repete pela bocca de seus escriptores, as accusações que se fizeram em 1828 contra Santander por se ter opposto a dictadura boliviana. E' certo, tambem, que o mais grave o Illustrado dos escriptores venezuelanos, Gil Fortoul, defendeu Santander, de que appareceram até hoje 17 grossos volumes — provavelmente não estudados pelo Sr. Gama, — contribuiu para que se analysasse e ponderasse qualificação em seu genuino valor os feitos e a conducta de Santander em relação aos actos dictatoriaes de Bolívar. Para o autor destas linhas, o homem, chamado por antonomasia, o Libertador, é um dos genios mais extraordinarios que tem toda a humanidade, o que não impede todavia que no quadro da historia, que é e só deve ser mestre de justiça e lampada de verdade, se defenda com consciencia o Homem das Leis, a quem o proprio Bolívar dizia desde o Peru: "O exercito, no campo, e V. Ex., na administração, são os autores da existencia e da liberdade da Colombia. O primeiro deu vida ao sólo dos seus paes e dos seus filhos, e V. Ex. a liberdade por que fez imperar as leis no meio do ruido das armas e das cadeias. Resolveu V. Ex. o mais sublimo problema da politica se um povo pode ser livre. V. Ex. merece, pois, a gratidão da Colombia e do genero humano. Aceite a minha como soldado e como cidadão (Archivo Santander, tomo XIII pag. 27) Não me é possível em tão curto artigo demonstrar sufficientemente quão apaixonado e leviano o juizo que, em tom dogmatico, nos dá do procere colombiano o Sr. Gama. Tentai-o, todavia.

O "baixo demagogo" ao qual se refere o Sr. Gama, exerceu o Governo da Colombia durante os nove ultimos annos da guerra de independencia. Seu temperamento severo, que chegou a actos de uma rigidez apenas perdoavel nas circumstancias anormaes da guerra, carecia dos impulsos e das aptões do demagogo. Multo o contrario foi o grave estadista e militar; caracter frio, previdente, ini-

(1) E' aventurado affirmar que Abreu e Lima tivesse sido amigo intimo de Santander. Na carta daquelle para este, datada de 5 de Janeiro de 1822 queixa-se de que o estadista não respondeu ás suas repetidas missivas, do que o vice-presidente da Colombia "nem sequer lhe mande lembranças em algumas de suas cartas ao General Paes y Soubllette". Na mesma carta lhe pede um serviço que fora difficil a Santander fazer naquelle momento. "Por Deus, meu General, termina Abreu e Lima, escreva-me e diga-me algo". Em carta de 14 de Abril do mesmo anno o procere pernambucano mostra-se muito grato ao grande republicano. Sem duvida, Santander tinha acolhido favoravelmente o seu pedido. "Os quilates de sua amizade, diz elle, estão a prova de toque". Na carta de 7 de Julho, do sitio de Maracaibo, accusa-lhe o recebimento dos documentos nos quaes Abreu e Lima funda o seu pedido. Na de 14 de Junho de 1823, conta-lhe que ao imperio do Brasil se deu uma constituição e finalmente solicita que o nomeie Secretario da Legação que a Colombia deve enviar ao Rio de Janeiro. Estas cartas que o auctor leu, em seus originaes, foram algumas respondidas por Santander. Mas este não deixou copias das respostas no seu archivo. (V Archivo Santander, tomo V a X inclusa).

(2) — Ignora em absoluto se na Colombia se escreveu alguma cousa contra Abreu e Lima. O que posso assegurar, sem temer nenhum equívoco, — é que nenhum escriptor de merito no meu paiz, se atreverá a chamar de "vil aventureiro" a quem nos levou o concurso de seu valor na guerra de Independencia. Sou levado a crer que o Sr. Gama exaggera demasiado.

O LIBERTADOR

O libertador sente o Universo em si. Para elle tudo é imagem e a função essencial do espirito humano é a função esthetica. Este poder de transfigurar é a essencia da arte. Tudo se transfigura e em cada transfiguração ha uma imagem que muda. A imagem que passa chama a que ha de vir. Este perpetuo fieri de imagens é a suprema esthetica. O movimento é eterno. Nada é estatico e tudo é extase. O pantheismo é emanente e não transcendente. A transfiguração é a causa e o fim; é o universo inatingivel. Explicam-nos a nós mesmos e conserva o nosso perpetuo mysterio. E' uma divina allucinação. O abysmo está em cima, no alto, e o Ser sobe, perde-se, transfigura-se. Sente a Unidade absoluta; é a imagem. E' o maximo da ascensão. E' a beatitude além da alegria. E' o extase além da imagem. E' a transfiguração que se detém. Eternidade. Recomeça a descensão. e a imagem renasce. Multiplica-se a transfiguração, prodigam-se os extases, a vida define-se, o absoluto explica-se, a Unidade desune-se. E' a volta á ansia da fusão do ser no Todo infinito. A ascensão recomeça. Tudo se transforma. Tudo é imagem. Transfiguração, perpetuo jogo esthetico do Universo, e que se transporta ao infinito espiritual. A alma transporta-se e é o extase. O Homem imagina-se, é o Ideal. A Dôr transfigura-se, é a Ilusão. O Amor realiza-se, é a Magia. A Vida exalta-se, é a Alegria.

GRAÇA ARANHA

migo das exhibições: orador de raciocinios commedidos, desdenhara as metaphoras deslumbrantes; n'uma das suas cartas a Bolívar, censura, entre zombarias e verdades, o uso de imagens estupendas, com as quaes o insigne heroe revestia os seus discursos. No discurso que proferiu recentemente em Washington o Ministro da Colombia, antigo Ministro do Exterior, Dr. Olaya Herrera, disse ao esboçar a figura de Santander: "Serva ao povo, mas não o lisonjeava. Era um servido, desinteressado da democracia, mas o seu temperamento e o seu caracter sempre o deixavam longe de toda insinuação demagogica. Sua constituição espirital mostra-o, na guerra como na paz, com o aspecto da mais perfeita austeridade. Suas mensagens são papeis de estado: nunca falhos de entusiasmo, que é o dom das convicções profundas e sinceras, animados porem pelo raciocinio e pela analyse, sobre as quaes fundava os actos de sua vida e os conselhos ao seu povo. Tinha a dignidade do mandatario que representa a magestade nacional e a modestia de quem sabe que um cidadão collocado nos altos postos do governo, é mero servido da liberdade do seu paiz. Teve sempre ante os olhos as responsabilidades historicas, e nos mais graves conflitos possuiu todo o valor civil necessario para assumil-as. Apertava para julgar os seus actos as almas que contra elle usava a paixão, mas a lisonja não mesclou o ouro finissimo de sua idiosyncrasia".

O homem das Leis

Durante o tempo que exerceu o governo, Santander esforçou-se por merecer, antes de tudo, o nome de legislador consciencioso, que respeita as normas constitucionaes e somente ás leis attende. Se Bolívar era o Heroe, o caudilho dos impossiveis, Santander tambem possuia uma ambição de gloria: a de organisador da liberdade. Alguns lances de sua vida darão uma clara idéa do seu temperamento legalista. Nunca quiz perseguir a livre manifestação do pensamento. Foi esta decisão inquebrantavel de seu procedimento como governante um dos motivos de suas desavenças com Bolívar. Santander acreditava, com toda sinceridade, que não seria precisamente a gloria militar, e ainda menos as dictaduras, que fariam respeitadas as novas republicas, mas sim o exercicio continuo e sereno da Lei dentro da liberdade. Compreendia isto com perfeita clarividencia; sabia que os espiritos selectos do velho e do novo mundo esperavam, nisso das democracias que iam surgindo na America. Se Bolívar via longe, não menos vasta era a visão de Santander. "Sou amigo das leis por convicção e sustentel-as-hei como cidadão: sou militar e devo sustentel-as nessa qualidade. — dizia a Bolívar, — sou o primeiro magistrado da Republica e é meu dever morrer na lucta, defendendo o regimen constitucional." Era um demaggo quem fa'ava assim em principios do seculo XIX? Os jornaes de Caracas e de outras cidades atacavam -no sem treguas, no momento em que a Republica levava suas armas triumphantes até o Peru. Santander nunca pensou em suspender esses jornaes. Parecia-lhe util que, embora erradamente se exercesse o pensamento em toda liberdade. Um rasgo verdadeiramente typico pinta esse respeito pela liberdade que era um principio fundamental do grande republicano: ao sahir do palacio do Governo encontrou ele, pregado

á porta, um libello impresso. Leu-o. Tudo era contra elle. Tomando o seu lapiz, o procere escreveu simplesmente, em baixo da folha: — "inteirado. Santander." Tal era o "baixo demagogo." Sendo presidente da Nova Colombia, em 1839, Santander não occultou a sua sympathia por José Maria Obando, que disputava a primeira magistratura a José Ignacio de Marquez. Mas não interveio em absoluto nas eleições. A prova disso foi cabal: Marquez foi eleito. Demaggo quem, já em 1839, dava semelhante exemplo ás democracias americanas? Uma vida tão intensa, uma personalidade tão relevante, teve, — e ainda os tem, — inimigos irreconciliaveis. Ha espiritos ingenuos que estão convencidos de que, denegando Santander, vão sentar-se ao lado de Bolívar nos Campos Elyseos. Desde 1830 até nossos dias alguns dos panegyristas de Bolívar procuraram escurecer a figura do Homem das Leis, unico grande adversario que nas horas de desastrosa dictadura do genial caraqueno, podia medir suas forças com a fulgurante figura de Bolívar. O triumpho momentaneo foi para o Libertador. Mas a victoria definitiva foi para os vencidos. As dictaduras não fundam nada de estavel. São monumentos de barro que o sopro do tempo desfaz. A Historia collocar-se-ha, — se já não está collocada, — ao lado daquelles que, como Santander, só confiam na Lei posta ao serviço da democracia. Certos escriptores para quem Bolívar é um semideus, (eu o admiro como poucos entre os heróes) querem a todo transe oferecer-lhe uma victimia em seus altares, a mais augusta, a que representa o genio civico, o homem que não se deixou perturbar pelos esplendores da gloria militar, mas sim a luz serena da Republica, assentada em bases de justiça. E um escriptor brasileiro que sem duvida, terá tido o tempo sufficiente de estudar a vida de Santander, chamou-o de "baixo demaggo." Exactamente o contrario é que elle foi: um homem de governo, um severo republicano. "Em Santander, disse L. Garcia Ortiz, ex-ministro do Exterior e historiador distincto, a arte do governo, os dotes de commando foram ingenuos. No anno de 1866 dizia em Pariz o Principe Pedro Bonaparte ao nosso Ministro plenipotenciario, Don Manoel Maria Mosquera e ao seu Secretario Don Anibal Galindo: — "Conheci todas as Magestades da Europa e posso lhes assegurar que não conheci ninguem em que a natureza tenha impresso com caracteres mais fortes o dom de mando do que no general Santander."

Attentado contra Bolívar

"Por duas vezes, diz Anthero Gama, tentou (Santander) assassinar o mesmo Bolívar traço-tramente, desmentindo a confiança que lhe dispensava, de boa fé o insigne chefe." Assim se escreve a historia. Ninguém ignora na Colombia que Santander salvou uma vez Bolívar de ser ferido, talvez assassinado, ao sahir de uma festa publica. Na conspiração de 25 de Setembro de 1828, quando se achava deposto do mando pela dictadura, foi julgado e absolvido da accusação que, naturalmente, os seus inimigos se empenharam em fazer. Os conspiradores da "nefanda noite setembrina, que foram numerosos, nunca accusaram Santander como cúmplice do attentado. Na "representação" que o famoso procere dirigiu da fortaleza de Bocachina a

Bolívar, Santander escreveu: Aos olhos da humanidade todos os meus padecimentos parecerão pequenos, ao lado da condenação de que devia perder a vida como grande criminoso, dirão elles, devo ainda soffrer mais. Prescindo de examinar se esta maneira de pensar offende a humanidade, limito-me a dizer que nem o testemunho de minha consciência, nem o processo formado contra mim, me collocam no numero dos criminosos. Não fui conspirador; não dirigí, aconselhei, auxiliéi nem executei a conspiração de 25 de Setembro; e reprovei o projecto logo que o conheci no seu inicio; procurei afastá-lo, dissuadindo aquelles que eu sabia adoptar-o; ignorei o que lá acontecer em 25 de Setembro; e enfim é isto que me enche de satisfação e de gloria: *salvei a vida de V. Ex.* do punhal fatídico dos conspiradores; não consta isso tudo do processo? Houve por acaso contra esses factos notorios outra coisa alem de declarações infundadas, conjecturas debéis e miseráveis referencias, nascidas do espirito partidario? Pois se tudo é assim como demonstra o processo, se não ha delicto senão onde ha vontade deliberada de quebrantar a lei, porque hei de me julgar criminoso e merecedor das penas que padeço? E, mais adiante, no mesmo memorial, acrescenta o grande virão, como para recordar Bolívar, prepotente Dictador, as razões de suas desavenças: "Magistrado supremo, fui independente nas minhas opiniões e constantemente guiado pela lealdade a mais firme, porque a verdadeira lealdade," segundo um profundo philosopho, "é uma firme e leal adhesão á constituição e ás leis da sociedade de se que se faz parte." Assim reafirmava Santander da prisão, os princípios que tinha sustentado desde o começo. Se um homem que assim procedia e assim se expressava não

for um grande caracter, que o Sr. Gama nos mostre um outro que lhe seja superior na America para se lhe preste homenagem. Po-

PASCAL E ESCHYLO

Porque Pascal nos faz pensar em Eschylo? Porque a palavra tragica se nos apresenta para qualificar a poesia pascaliana? E porque temos a impressão que Eschylo no *Prometheu encadeado* nos deu o poema do Homem, tal qual devia ser feito por um grego dos tempos heroicos e Pascal o poema do Homem, como deveria ser feito por um cristão, que era ao mesmo tempo uma natureza aspera e viril? Porque temos a impressão que, de modos diferentes, Eschylo e Pascal nos deram o mesmo poema: o poema da humanidade esmagada?

GABRIEL BRUNET.

deria citar numerosos testemunhos e documentos para defender o organisador das victorias da Independencia da accusação que

um pouco levianamente lhe dirige o escriptor brasileiro. Mas não os tenho em mãos. Bastam as seguintes linhas da *Historia de Colombia*, por Henao e Arrubla, obra coronada pelo Governo da Republica: "O general Santander foi julgado e sentenciado á morte como responsável na conspiração, mas apesar de suas idéas politicas e de sua opposição firme e franca á dictadura, nunca se compromettera a sua participação no attentado." (ob. c. Pag. 394, t. II-1-1912). Como defensor da Constituição, nosso heroe não podia ser partidario da dictadura exercida por Bolívar. Disso não se pode deduzir com boa logica que approvasse um attentado contra a vida do Libertador, que Santander admirava com a convicção que os grandes caracteres sentem pelo genio. Quando um dia de 1831 chegou ao desterrado a infausta noticia da morte de Bolívar, um servidor do proscripto pensou dar-lhe uma boa nova ao communicar-lhe o fim do grande homem. Santander, levantando-se de sua cadeira, indignado, fez calar o imprudente, e, em mudo colloquio com o mesmo, chorou o desaparelhamento daquella immortal entre os mortaes. E' cousa facil negar-se os meritos e as virtudes de um varão extraordinario. Bastam umas poucas palavras. Ao contrario, para fazer-se a defesa do mesmo homem é preciso mais tempo e mais estudo.

"A virtude dos homens publicos, escreveu Santander, é uma propriedade da historia imparcial." Mas é indispensavel, digo eu, que se conheça essa vida em cada caso; examinar a fundo os factos e proceder com muito cuidado quando se as conhece apenas por ouvir dizer.

Max GRILLO

MARCEL PROUST GÓMEZ DE LA SERNA

Um critico madrilenho, Ballesteros de Martos, juntou opportunamente os dois autores para estabelecer um paralelo entre as respectivas obras. Ambos representam, sem duvida, uma nova tendencia nas literaturas dos dois paizes. Julgando as produções literarias da França e da Hespanha de um modo synthetico, Proust não parece francez e Gómez de la Serna — funambulo da linguagem, que joga com as palavras como os malabaristas dos circos os pratos, as bolas, os circulos e as chammas — não parece tambem hespanhol.

Proust se diria uma consequencia franceza da literatura russa, como Baroja não é uma consequencia espanhola. A' maneira da literatura russa contemporanea, Proust concebe o romance mais do que o desenvolvimento de um argumento em que intervêm determinadas personagens ás quaes acontecem determinados factos para chegar a uma determinada solução, como um pretexto para contar as sensações mais intimas, analisar personagens e descrever minuciosamente os acontecimentos de suas vidas, os mais significativos e os mais triviaes. Tambem Gómez de la Serna faz o mesmo nos seus romances, mas não seria justo classificá-lo como um producto da literatura russa. Nada de mais differente deste originalissimo e excentrico escriptor espanhol, que se não parece com nenhum, e cuja filiação artistica seria difficil, seria impossivel, determinar.

Gómez de la Serna foi sempre o mesmo, desde os seus primeiros escriptos. O tempo robusteceu, mas não modificou o seu modo de ser, a sua tendencia caracteristica. Se a uma fonte se pode attribuir parte do seu espirito, é a dos escriptores de genero e chronicistas do

ultimo terço do seculo XIX, misturada porem com o puro humorismo espanhol e á propria ironia exotica.

Enquanto Proust pôde agradar ou não, sem alternatva, segundo o gosto dos leitores, Gómez de la Serna agrada e desagrade, maralha e irrita, atrae e repelle ao mesmo tempo. Proust produz uma só emoção e uma só sensação; de la Serna produz as mais variadas e contradictorias emoções, comprazendo-se em divertir-se com a paciencia e a serenidade do leitor. Ao meio de uma coisa seria põe uma brincadeira, uma insensatez ou um gracejo, acaba-se sem saber se está caçoando ou falando a sério.

Para elle não existe mais do que um respeito "sui generis, para o seu uso pessoal. Deforma tudo. As noções normaes do gosto da propriedade, da seriedade, as leis da arte reputadas intangiveis, não as leva em conta. Substitue tudo isso por outras coisas, vindas do capricho do seu humor, do seu temperamento e da sua vontade.

Proust é um escriptor homogeneo; Gómez de la Serna é difficil de julgar, não faz romances sobre este ou aquelle modelo; é um escriptor personalissimo, de um valor literario positivo, ainda que d'scutivel.

Tambem, no que diz respeito aos estylos, ha differenças radicaes. Enquanto Proust é respeitoso para a sua lingua, parece que de la Serna é que inventa a delle.

Apesar de tantas e tão grandes differenças espirituaes, é incontestavel que ambos são grandes renovadores das normas e dos valores das respectivas literaturas.

Carlo BOSLELI

EMERIC MADÁCK

Neste anno de centenarios litterarios, celebrou a Hungria o de Emeric Madách, uma das figuras mais insignes de sua litteratura, e cujo nome é glorioso em toda a Europa. Nasceu em 21 de Janeiro de 1823, em Alsó-Sztrégova, de uma familia de antiga nobreza e, tendo perdido seu pai muito cedo, foi sua mãe, mulher de grande espirito, que se occupou com a sua educação. Depois de seus estudos basicos, feitos no proprio castello de Alsó-Sztrégova, fez o seu curso na Universidade do Port, revelando-se logo um nacionalista exaltado, recusando todos os empregos publicos, por se bater contra a oppressão austriaca. Foi em 1840, que publicou, numa edição para amigos, o seu primeiro livro *Lontirágok*, tendo, por esse tempo, produzido varios trabalhos litterarios e estheticos, feito versos e discursos e escripto, sob pseudonymo, em varios jornaes húngaros. Quando da revolução de 1848, embora uma grave doença o impedisse de tomar papel saliente no movimento de libertação, acompanhou-o com fremente enthusiasmo, tendo sido mesmo preso, por um anno, por ter assyado um prescripto. Saindo da prisão, em 1853, em golpe terrivel quasi o aniquilou: a sua mulher abandonára os filhos, fugindo com um seductor. A custo reequilibrado, dedicou-se a estudos de philosophia e de historia, escrevendo a *Tragedia do Homem*, terminada em 1860, que é a sua obra prima. Foi eleito deputado e na Dieta húngara seus discursos fizeram o maior successo, revelando-o, por assim dizer. Varias sociedades litterarias o chamaram a seu seio e foi a época do seu apogeo. Mal o gozou, pois em 5 de Outubro de 1864 morreu, de uma molestia de coração. Escreveu uma tragedia — *Mojseés* — e um fragmento *Tundérdom* (*Sonho de Fada*), além poesias lyricas e satyricas. A *Tragedia do Homem* foi recentemente traduzida para o francez pelo Sr. Ch. de Bigault de Casanova, que, sobre ella, assim se manifesta: "Acreditamos que nunca a eterna queixa do homem vibrou com accents mais plangentes, do que sob a forma impessoal, de que damos aqui a traducção. Sente que o seu autor a escreveu com as lagrimas e o sangue do proprio coração. Ademais, o grito de angustia que se escuta ininterruptamente dessas duzentas paginas resoa tanto mais profundamente quanto o poeta abstrae completamente a sua individualidade, assimula no mais intimo o sentimento egoista e nacional: por isso a obra pessimista de Madách é unica na litteratura húngara, e talvez o seja tambem na litteratura universal."

A SALVAÇÃO DE FAUSTO

O Sr. Renato Almeida publicou sobre o *Fausto* um livro de feição pouco vulgar em nossas letras: erudito, consciencioso, completo e bem ordenado. Commentou ali toda a fragmentaria, diffusa e, no entanto, possante tragedia goetheana; e, para fio conductor através dessa brenha espessa, tomou a ideia da salvação de Fausto, desenvolvendo-a e alargando-a numa theoria geral do Destino Humano. Desta sorte ostenta o seu commentario a cupula de uma ampla significação philosophica ao mesmo tempo que se firma sobre os alicerces de um minucioso trabalho de exegese litteraria. Neste ultimo aspecto, e mesmo para os leitores familiarizados com os processos dos glosadores e dos criticos do 1º e do 2º *Fausto*, dos *Fragments* de 1890, e do *Urfaust* achado em 1887 por Erich Schmidt entre os papeis de Luisa Gröschhausen, apresenta este livro do Sr. Renato Almeida explicações elucidativas, como por exemplo, a interpretação subjectiva das Madres — quebracabeças de tanto Eckermann imprudente —, e a interpretação Spinosista da palavra “acção” na celebre paraphrase ao Evangelho de São João no monologo do 1º acto. — Não vou agora empenhar-me na obra subtil e improficua de commentar este commentario. Quero apenas servir-me da oportunidade da sua publicação para conversar com o seu Autor e os seus leitores sobre o problema do Destino e sobre as razões que podem justificar a salvação final de Fausto, encarado a um tempo como individuo e como symbolo representativo da creatura humana em geral.

§ I

Creio que foi Th. Jouffroy nas suas *Mélanges philosophiques* e no seu *Cours de Droit Naturel* o philosopho que com mais vivacidade, mais calor, ao mesmo tempo que com mais exactidão ordenou os termos essenciaes desse problema do destino que angustiosamente tem atormentado tantas gerações de homens de espirito inquieto e de coração affectivo. Elle miudamente analysou os motivos que levam o homem a interrogar o universo em busca da resposta que lhe dê a chave do enigma da sua vinda ao mundo, e enumerou os factos que impõem ao homem a duvida dessa pergunta e a ansia por uma solução que lhe assestene para sempre a alma inquieta. Effectivamente, os prazeres que o homem persegue com tanto ardor na esperança de obter com elles essa felicidade constante cuja sede o aguilhão; mal alcançados se dissipam em fumaça deixando-lhe apenas na bocca aquelle saibo amargo de cinza a que se referem as Escripturas. Si desilludido dessa perseguição elle se afasta das cidades tumultuosas onde vive e busca um allivio no espectáculo da natureza, esta lhe accresce o tormento, porque ante a grandeza das montanhas, a largura dos valles, a profundidade insondavel do céu, a multiplicidade infinita dos astros, o homem se sente de uma pequenez miseravel e lhe parece que a sua vida, as suas paixões, as suas preocupações são mequinhas e insignificativas no meio desse còro descomunal de cousas grandes. Si horrorisado por essa contemplação o homem volve os olhos para os seus semelhantes não achia melhor consolo: a historia mostra-lhe uma successão interminada de gerações humanas que desde a noite dos tempos até a era actual avançam umas atraz das outras, agitam-se por um minuto sobre uma pequena superficie da terra e logo se abatem, calcadas pelas gerações que lhes sobrevêm no encalço, e se desfazem successivamente no esquecimento — até á presente geração que se agita no minuto presente e já começa a ceder o espaço onde pisa á geração que lhe ha de succeder... E si consultar ainda a biologia e a geologia verá o mesmo espectáculo em ponto maior e repetirá a mesma pergunta desolada, porque as raças animaes, como os povos, se succederam sobre a terra, e antes dellas desfilarão as especies da fauna e da flora nos grandes periodos geologicos que precederam á vinda do homem; e as camadas mesmo dessa terra sobre a qual a vida surgiu e proliferou-se superpuzeram umas ás outras, e dessas revolu-

ções enormes, de que o homem apenas pôde conceber uma ideia imprecisa, quasi não restam vestigios, e especies e raças e familias inteiras vicejaram e desapareceram sem deixar sequer memoria de sua passagem sobre a terra... Nessa transitoriedade universal que vale o homem, para que vive, que destino tem, si é que tem algum?

A essa pergunta ansiosa differentes respostas têm sido formuladas pelos homens em todas as epochas da civilização, competindo os philosophos com os theologos e os scientists no esforço para estancarem, no manancial das suas doutrinas, a sede espiritual de certeza que afflige tantos corações. O Sr. Renato Almeida, sempre bem informado, recordou, no ultimo capitulo do seu livro, as principaes dessas soluções resumindo-as ás vezes com exactidão e elegancia.

Essas theorias philosophicas sobre o destino do homem podem ser agrupadas, grosso modo, em duas vastas categorias: as doutrinas mecanistas e as doutrinas finalistas.

Para os mecanistas o universo é o effeito necessario de uma Causa Primeira, espirito, materia, ou incognita que transcende dos limites do nosso conhecimento, effeito que se desenvolve em virtude da impulsão inicial sem plano preconcebido, sem fim previamente visado; o homem, nessa evolução do universo, é um effeito, um objecto contingente como os demais que o cercam, e o seu destino, como o dos animaes e das plantas com os quaes convive, é unicamente satisfazer as tendencias diversas do seu organismo de accordo com as leis do meio physico e social onde vive. A sua felicidade é satisfazer aquellas de suas tendencias que lhe proporcionam prazer maior e mais duradouro, isto é, que lhe permittem viver sadio e respeitado entre os seus semelhantes; e o facto de sentir elle tendencias para realizar determinadas acções significa unicamente que o seu organismo vive e nunca que o seu destino seja satisfazer necessariamente essas tendencias ou que não as podendo satisfazer, por ser contrariado pelos outros homens, pelas molestias, pela morte, pelos limites dos seus sentidos, e do mundo em que vive, lhe seja concedida uma vida suplementar na qual ellas sejam então plenamente satisfeitas. Os homens desejam porque tem sentidos, intelligencia, imaginação; mas disso não se pôde deduzir que haja necessariamente no mundo objectos correspondentes exactamente a todos os desejos humanos nem que os homens só sintam desejos para se apropriarem effectivamente dos objectos de seus desejos. Viver satisfazendo, no lugar e no tempo em que vive, as tendencias do seu organismo e, si for obstado nisso, remover os obstaculos ou, não o podendo, contentar-se com o que lhe é dado alcançar, e esperar, o mais sosegada e alegremente que puder, a morte inevitavel, é no que se resume, para os mecanistas, todo o Destino do Homem — consequencia logica da sua propria natureza e não desempenho de alguma ordem superior e alheia a elle.

Para os finalistas o universo é a criação de um Ser Supremo, materia ou espirito, que nós podemos conhecer ou que jámais conheceremos, mas não é uma criação necessaria, resulta de um acto voluntario do Ser Supremo que o executou para dar existencia a uma obra de arte ou de mecanica, ou, quando menos, a um brinquedo, um espectáculo em summa, para a sua vista ou um campo de experiencias para a sua curiosidade. Assim sendo cada cousa existente no universo poderia não existir: si existe é porque delibrou creal-a o Ser Supremo e como este, como ser absolutamente intelligente e poderoso que é, tem sempre um objectivo em mira quando age, cada cousa que existe foi creada para attingir determinado fim, previsto pelo Creador, e é dotada dos meios requeridos para poder alcançar esse fim. Portanto, si o melão tem gomos, é para ser partido e comido em familia; si a espuma do mar é branca é para que de longe os marinheiros a avistem destacada sobre o dorso negro dos escolhos; si a pulga é parda é para que os homens facilmente a possam descobrir sobre a alvura da pelle

A REDEMPÇÃO DE FAUSTO

A vida de Fausto foi obra da regeneração, não inconsciente, como poderia parecer aos menos avisados, mas effectiva, porque sempre que o demonio tentava desviar-o do caminho recto para invios atalhos, recusava com repugnancia e horror. Fausto venceu a razão com a propria razão, conseguindo conhecer seu diabo e evitá-lo. O passeio na caverna de Auerbach, a ida a cosinha da Feiticeira e a noite de Waipurgas não conseguiram, na laseinação reluzente e suggestiva de seus motivos, seduzir-lhe o espirito, avido pelo mais alto e mais perfeito. Seu desejo foi a sabedoria, ou seja chegar ate o Eterno: pela razão, como doulor; pelo sentimento, como amoroso; pela belleza, como contemplativo; pelo trabalho, como governante. A posse da verdade, do amor, do rythmo, ou da felicidade, foram as etapas, pelas quaes procurou Deus, no universo immenso. Seu estorço foi sublime, sua accão, grandiosa de fe, de té no destino da creatura, por mais que a vida lhe seja hostil e precario o seu ser na terra. A ventura a mejada, não era o prazer, era a perieção, que é Deus. Mas a criação para ser fecunda precisa elevar o homem e collocar-o em sympathia com os semelhantes. Portanto é obra de amor. *In Anfang war die Tat*. A criação foi um acto de amor e a vida seu reflexo, ligando os homens entre si e levando-os até Deus. So o amor explica o universo, só elle nos revela essa intelligencia superior que tudo criou e essa vontade suprema que tudo quer, só elle nos justifica, elle é o começo e o fim da existencia, como emanção inelavel de Deus.

RENATO ALMEIDA.

ou das roupas; e si os homens sentem determinados desejos é para que os satisfaçam alcançando os objectos que os despertam. Esses objectos existem e podem ser alcançados pelos homens, porque resultando tudo da criação voluntaria e perfeita do Ser Supremo este não iria criar os homens com desejos por determinados objectos si correpondentemente não creasse taes objectos destinados a serem attingidos pelos homens que o desejam e não desse aos homens os meios efficazes para os alcançarem. Si o homem procura a felicidade perenne é porque ella existe, si elle tem horror á morte é porque é immortal, e si morre, apezar disso, é porque essa morte é apenas apparente e o seu *Eu* subsiste em uma vida ulterior e perfeita... Desta sorte, apezar de todos os soffrimentos que o atormentam e de todos os mysterios que o cercam, o homem, creatura de um Deus providente, sorri ao seu destino que, através de todos os óbices, elle prevê e está seguro de alcançar: a eterna felicidade.

Aqui, por maior que seja o meu empenho de ser breve e claro, não posso deixar de notar que as doutrinas finalistas se repartem em varias modalidades discordantes entre si a respeito do modo pelo qual o homem cumpre o seu destino e sobre a natureza mesma dessa felicidade perfeita ou beatitude a que elle está destinado. E' assim que para alguns philosophos a vontade de Deus é que conduz o homem ao seu destino e para outros Deus apenas lhe dá a liberdade e os meios de se salvar; para uns todos os homens alcançam a Beatitude, mas para outros só a alcançam alguns, aquelles que a mereceram por suas virtudes ou a ganharam por uma Graça arbitrária de Deus; para uns ainda o destino do homem se cumpre todo neste mundo na vida presente, enquanto para outros elle se perfaz em vidas successivas, neste ou noutros mun-

dos, ou em Paraísos Supraterrenos; enfim, para uns a beatitude a que se destina o homem é a satisfação das suas tendências em uma vida pessoal e consciente posto que eterna e suprasensível, enquanto que para outros essa beatitude é a confusão da individualidade com o Criador, ou é mesmo a desagregação, a aniquilação definitiva da individualidade...

Receio muito que por amor à brevidade eu me tenha tornado obscuro, e que tendo encantado às pressas e um pouco brutalmente — as numerosas e matisadas theorias sobre o destino humano nesses dois compartimentos do mecanicismo e do finalismo, estreitos demais para essa multidão pullulante, eu as tenha inadvertidamente deformado ou truncado. Essa minha insuficiência, aliás, pouco importa agora; não estou fazendo um curso sobre o problema do destino; quiz apenas lembrar as suas diversas soluções para resumir a questão no seu estado actual — e eterno — e indicar as diferentes estradas que se abrem diante do espirito curioso que se dispõe a viajar nesse paiz. Quanto ao resto, e como se usa dizer em estylo forense, invoco os aureos supplementos do benevolo leitor.

Interessado pelo problema do destino de frontando as variadas soluções propostas pelos philosophos de toda especie, o Sr. Renato Almeida, orientado pelo seu temperamento affectivo, inquieto, sequioso de certeza, escolheu uma das theorias finalistas e homologou-a no seu livro. E' uma fatalidade inherente á imperfeição do nosso organismo; as nossas ideias se tingem com a cor das nossas sensações e muitas vezes a escolha de um thema de estudo implica a direcção em determinado sentido desse estudo. "Il avait un besoin passionné de connaître la destinée de l'homme; — il établit comme axiome que tout être a une destinée et de là il dérive le reste". (Taine — *Philosophes Classiques* — p. 265). O que disse Taine de Jouffroy applica-se ao caso vertente...

Não juro (Não jurarás, S. Matheus, V, 34) que a doutrina adoptada pelo Sr. Renato Almeida seja a catholica orthodoxa; e, de resto, não me parece que elle, no encontro das opiniões que refere, se tenha occupado a definir e estabelecer muito claramente a sua; penso que elle não desdenharia de partilhar neste assumpto a opinião de Santo Thomaz de Aquino — combinando-a com a de Santo Agostinho; entretanto estimaria — para segurança do meu espirito — que mais de espaço elle se houvesse demorado a explicar as razões da sua preferencia.

Essas razões, si não as encontramos por elle expostas *ex-cathedra*, depaeram-se-nos, contudo, dispersas pelo livro e, sobretudo, nas criticas feitas pelo autor a differentes doutrinas. E' assim que, demorando-se particularmente no exame das theorias modernas concernentes ao destino humano, o Sr. Renato Almeida recusa sua adhesão á maioria dellas: — ao materialismo porque lhe repugna dar á materia vontade e consciencia creadoras e porque a geração espontanea ainda não está provada; — ao positivismo porque este não responde á sua pergunta sobre a finalidade da vida e assegura mesmo que tal pergunta é ociosa por irrespondivel; — ao neo-vitalismo e ao bergsonismo porque estas doutrinas subtilem diluem na materia e na "evolução creadora" as ideias de finalidade e consciencia divina que lhes servem de fundamento... Dessas theorias apenas uma agrada ao seu espirito prudente, é o pragmatismo de William James, que não affirma nem nega categoricamente a finalidade da existencia humana, mas que aconselha a vida, a acção, a pratica moral e, provisoriamente, sob beneficio de inventario, affirma certos axiomas convenientes para facilitar a cada homem a tarefa presente de viver e agir.

O Sr. Renato Almeida é francamente sympathico ao pragmatismo: "Na enorme crise presente que atravessa o mundo, escreve elle, caracterizada por um negativismo despotico e por uma anarchia verbal em que se pretende sujeitar a razão ao instincto, depressimindo-se o sentimento para abolir a fé, o primeiro e único que se ha de fazer, para re-estabelecer a acção" (pag. 365). — Entretanto essa sua parada no pragmatismo inseguro e dubitativo é de curta duração. Se-

dento de certeza busca doutrinas mais affirmativas, e não encontrando satisfação nas respostas restrictas dos scientistas e hypotheticas dos philosophos entrega-se resolutamente ao instincto, ao sentimento para ouvir da religião, com o ouvido da fé, a resposta absoluta que lhe contente definitivamente o espirito ansioso. — Creio que os seguintes períodos, recortados do seu livro, exprimem exactamente o seu pensamento: "No correr desorientado pela terra, escreve elle, procuramos um fim, mal suspeitado, em cuja intenção dirigimos a prece mais intima do coração afflicto, no limite ultimo do conhecimento. Esse termo da intelligencia que, por força, ha de ser a causa universal, portanto Deus, constitue para o homem a tortura da sua razão..." (pag. 291) — "Fechemos os ouvidos aos philosophos e aos scientistas, certos de que pouco havemos de perder perdendo a sua sabedoria fragil, pretenciosa e ridicula, como aquella homunculo de Wagner..." (pagina 294) — "A razão, o sentimento e o instincto, disputam-se como o meio mais perfeito de penetrar no supremo conhecimento, o qual permanece inacessivel aos elementos de verificação que temos como realidade. O limite ultimo, só nos pode dar a fé, manifestação derradeira e suprema da psyché humana" (pag. 292) — "Nesse ponto a intuição de Secrétan é profundamente humana e o mais certo meio da creatura humana chegar até Deus, como no symbolo de Fausto, é pela intelligencia tornando-se fé para sentir os primeiros principios. A impossibilidade da razão é que nos induz a procurar uma força mais alta que nos solicita, como inspiração divina e é o sentimento." (pag. 370). Porque — conclue elle, "na vida uma ideia se impõe á creatura como solicitação intima de seu espirito e sua mais imperiosa necessidade — a ideia de Deus, *causa causarum*. Não é possível afastar-a por mais que a contingencia queira resolver a existencia e, se é hypothese, é a unica sobre a qual se póde razoavelmente construir o ser" (pag. 368). "Não abandono a hypothese salvadora cuja crença, afinal de contas, não trará mal maior" (pagina 293).

Em resumo, o Sr. Renato Almeida opina que o homem não é um mero accidente no universo e que a sua vida é o desenvolvimento de um Destino concebido por Deus, porque ao seu coração generoso repugna acreditar que assim não seja e porque essa hypothese lhe parece a mais consoladora de todas. A sua attitude é a mesma aconselhada por Pascal na sua conhecidissima theoria da aposta. O facto é que o seu temperamento que o levára a escolher esse problema do Destino para thema das suas cogitações já previamente, tambem, lhe ditára a solução a que haveria de chegar: a sua erudição só lhe trouxe argumentos para confirmal-o na acceitação do theorema que o seu sub-consciente formulára... "Tu me me chercerai pas, si tu ne m'avais déjà trouvé"...

Posta nestes termos a questão evidencia-se a superfluidade de qualquer discussão puramente logica. A solução adoptada pelo Sr. Renato Almeida sobre o problema do destino não é uma theoria, é uma crença, não procede da razão, procede do coração e, para citar novamente Pascal, "le coeur a ses raisons que la raison ne connaît pas" e que, portanto, não podem ser discutidas só racionalmente. No seu modo ironico e sarcastico, o Sr. Renato haveria de superiormente rir-se do meu afan si eu me entretivesse aqui a alinhar syllogismos frios e claros para demonstrar que a sua doutrina é ou não é logica. *Facile et solus credimus quod volumus*, redarguiria elle... Porque, neste passo, a sua attitude de intellectual, abrazado de fé e menosprezador da intelligencia, é a inversa exacta de de Santo Agostinho que, no dizer de Santo Anselmo, era, justamente, a fé tornando-se intelligencia, "*fides querens intellectum*", e que achava proveitoso esforçar-se por comprehender e explicar os dogmas da sua fé. "*ut intelligamus quod credimus*"

Cumprimentemos, pois, o Sr. Renato Almeida por ter alcançado em tão boa hora, seguindo a estrada lisa da Fé, a certeza suprema que outros, caminhando por veredas mais asperas, levam tantos annos a procurar

e só alcançam tardiamente — como aquelle vigoroso Brunetière — quando a alcançam; — e antes que, excedido pelo men nefario intellectualismo, elle me compare a Wagner, ao Homunculo, ao Bacharel presumido que "deante do diabo nelle não cre" (pag. 195); concordemos com elle que a fé, mais do que a dialectica, é a autoridade competente para decidir, sem recurso, esse litigio secular sobre o destino dos homens e sigamos em sua companhia, atravez a "selva selvaggia" do drama goethiano, as pegadas do Doutor Fausto a fim de verificarmos, no destino deste personagem, a comprovação e a pratica das doutrinas do Autor.

§ II

Não vamos aqui realizar a tarefa ingrata e esteril de autopsiar o Fausto e, comparando a nossa analyse á que nos apresentou o Sr. Renato Almeida, notar minuciosamente o que elle omittio e o que elle ajuntou na sua descripção do personagem de Goethe.

Estando certo, como acabamos de ver, que cada homem, vindo ao mundo tem um destino definido a cumprir, que é tornar ao Deus que o criou (pag. 369), é natural que o Sr. Renato Almeida observasse á luz dessa philosophia a acção dramatica do Fausto e só se deixasse impressionar pelos episodios do poema que confirmassem ou illustrassem a sua ideia. Como é sabido, nós só extrahimos de um livro o que lá previamente depositamos, isto é, em qualquer obra, — e melhor ainda numa obra cahotica, ampla, irregular e suggestiva como o Fausto, — nós só vemos, como nesse espelho magico da feiticeira, a nossa propria imagem com feições alheias, quero dizer, os nossos desejos escondidos sob o aspecto dos objectos do mundo externo. Desta sorte, no Fausto, o Sr. Renato reconheceu o seu proprio espirito inquieto, ansioso, torturado pelo desejo de comprehender o absoluto, descrente das sciencias que só revelam o contingente, acalentado pela acção que distrae o espirito na perseguição de um ideal, salvo, enfim, pela Fé religiosa que sossega o coração revelando-lhe Deus fim supremo e suprema aspiração do seu ser; — e no desenvolvimento do drama goethiano elle descobriu a comprovação da sua theoria da vida, pois — "a vida de Fausto, — escreveu — foi a obra da regeneração, não inconsciente, como poderia parecer aos menos avisados, mas effectiva, porque sempre que o demonio tentava desviar-o do caminho recto para invios atalhos, recusava com repugnancia e horror. Fausto venceu a razão pela propria razão, conseguindo conhecer o seu diabo e evital-o. O passeio na caverna de Auerbach, a ida á cosinha da Feiticeira e a noite de Walpurgis não conseguiram, na fascinação relutante e suggestiva de seus motivos, seduzir-lhe o espirito, avido pelo mais e mais perfeito. Seu desejo foi a sabedoria, ou seja chegar até o Eterno: pela razão, como doutor; pelo sentimento, como amoroso; pela belleza, como contemplativo; pelo trabalho, como governante. A posse da verdade, do amor, do rythmo, ou da felicidade, foram as etapas pelas quaes procurou Deus, no universo immenso. Seu esforço foi sublime, sua acção grandiosa de fé, de fé no destino da creatura, por mais que a vida lhe seja hostil e precario o seu ser na terra. A ventura almejada não era o prazer, era a perfeição, que é Deus" (paginas 272-3).

Essa interpretação que nos deu da figura de Fausto o Sr. Renato Almeida é seguramente das mais nobres que se podem formular; eleva, consola, revigora o espirito de todos aquelles que se habituaram a mirar-se na obra de Goethe como num espelho e a afivelar ao proprio rosto a mascara de Fausto.

Que o Sr. Renato me perdõe, contudo; apesar da sua capitosa dialectica não consegui ver o Fausto como no seu livro o mostra: um caracter de arestas definidas, uma alma forte (pag. 326) que, embora transviada algumas vezes, aspira sempre a elevados ideaes e se esforça tenazmente por attingil-os (paginas 137, 372, e *passim*); ao contrario, elle continuou sempre a me parecer um caracter indeciso, quasi amorpho, debil e inquieto como o seu irmão Werther, preocupado comsigo

mesmo como o seu illustre progenitor, sempre insatisfeito porque os seus nervos são doentes e o seu espirito ávido pede ás cousas externas mais do que ellas lhe podem dar, dominado sempre por suggestões estranhas, peteca de Mephistopheles que o leva para toda a parte, mesmo contra o gosto delle, falador e tagarela impenitente que nas occasiões decisivas de sua vida, quando deve resolver e agir para demonstrar que é um homem e não um titere, — abandonar Margarida ou casar-se com ella, por exemplo, buscar Helena, dirigir a batalha do Imperador, adquirir a cabana de Philemon e Baucis — entrega-se totalmente ao arbitrio de Mephistopheles e segue os conselhos deste, quites a lamuriar-se depois por não ter realiado os seus desejos — que elle não formulou, e por não ter encontrado satisfação nos acontecimentos — que elle não se esforçou por orientar no sentido da sua vontade...

Quanto á redempção ou salvação de Fausto — pois que no continuar a tragedia determinou Goethe de salvá-lo — ella não se explica satisfactoriamente, a meu ver, nem como recompensa aos esforços virtuosos de Fausto, pois estes não se observam no correr do drama, nem como o cumprimento de um decreto imprescriptivel do Senhor e independentemente das acções de Fausto, pois isto não se concilia com o criterio de salvação affirmado no Epilogo pelo Côro dos Anjos. Só explica inteiramente uma tal salvação, penso eu, aquella doutrina da *reversibilidade* das penas e dos meritos, tão cara a Paul Bourget tradicionalista e catholico. A redempção de Fausto, dest'arte, não é obra da Fé, é obra do Amor; e não dos amores que Fausto sentio por Margarida ou pela fantastica Hellena, amôres frouxos e curtos, maculados demasiadamente de egoismo, — mas do Amor que por elle sentio Margarida, a unica pessoa inteiramente viva e integralmente humana de toda essa confusa obra, amor absoluto, completo, incondicional, eterno, que persiste mesmo atravez da Morte, e que induz Margarida, quando chega para Fausto o momento supremo, a interceder por elle junto da mais piedosa das Santas e a obter que a alma daquelle peccador se cleve no Céu em seguimento da sua que o attraía, sempre para mais alto, pela força do seu radioso Amor. — Fausto não é salvo porque luctasse constantemente pelo bem, nem porque o Senhor assim o houvesse predeterminado; elle é salvo porque uma creatura humilde e piedosa, forte pelo grande amor que a animava, penitenciada duramente dos seus peccados que eram apenas a consequencia desse amor, tomou sobre seus hombros, frageis mas corajosos, a responsabilidade das culpas desse pobre homem a quem tanto amava e repartio com elle o beneficio divino que os seus soffrimentos, a sua contricção, e a sua fé nunca abalada lhe haviam grangeado.

Margarida, na sua simplicidade tosca, no seu amor ingenuo e ardente, na sua fé constante é a grande figura desse drama; quanto a Fausto pessoalmente, elle inspira-me sympathia e piedade, mas não admiração; elle me parece humano, mas humano demais, — diria Nietzsche; é uma alma vulgar, não um caracter superior; é uma existencia falhada, não uma vida perfeita. Fraco, incerto, balôco em excesso elle me parece improprio para symbolizar um destino completo que ha de ser, forçosamente, superior ao da média vulgar humana, e deve-se desenvolver, atravez de luctas, erros e emendas, por ventura, mas consciente do seu esforço e tendendo vigorosamente para um determinado fim previsto claramente ou obscuramente presentido.

Retraçando a figura de Fausto indubitavelmente o Sr. Renato Almeida se deixou em absoluto dominar — porque isso convinha ao seu systema philosophico — por aquella sentença do Senhor no *Prologo*, confirmada no *Epilogo* pelo côro dos anjos, a qual sentença impõe — exteriormente — á vida de Fausto uma significação superior e uma orientação continua, significação e orientação que de facto não se encontrâem ou foram totalmente esquecidas no tacer da trama mesma dessa vida. — Foi deste modo, salientando no drama o que confirmava a sua theoria e deixando em penumbra o que a contrariava ou

lhe era indifferente, que o Sr. Renato Almeida conseguiu apresentar-nos um Fausto forte e persistente — *ein strebender Mensch* —, enquadro entre aquella sentença fatalista do Senhor:

"Ein guter Mensch in seinen dunkeln Dingen Ist sich des rechten Weges wohl bewusst."
e aquella affirmativa dos Anjos:

"Wer immer strebend sich bequemt,
Den können wir erlosen"...

Como quer que seja essa interpretação da personalidade de Fausto apresentada pelo Sr. Renato Almeida é razoavel; pôde-se mesmo assegurar que ella é das mais razoaveis que têm surgido, e basta ler o livrinho de H. Lichtenberger sobre o Fausto (Ensaio de Critica Impessoal) para se formar uma ligeira ideia do delirio de imaginação a que se entregaram numerosos commentadores do Fausto interpretando-o nos sentidos mais abstrusos, mais contorcidos, mais distanciados da letra do poema e do bom senso.

Naturalmente cada leitor interpretará o Fausto consoante as idiosyncrasias do seu temperamento e as conclusões da sua experiencia pessoal, acceitando ou regeitando os esclarecimentos dos exegetas. Sómente no que elles comprovarem ou infirmarem da sua propria concepção. Ultimamente, discutindo em Paris com o philosopho Bergson a respeito da obra

Kantiana, o relativista Einstein — que é preciso citar antes que nasça de moda — resumio o debate assegurando que assim como cada individuo tem o seu tempo proprio, por sua vez, também "cada um tem seu Kant proprio". Analogamente se dirá que cada um tem o seu Fausto proprio, isto é, interpreta pessoalmente essa obra de Goethe sem que os melhores commentarios alheios alcancem modificar essencialmente os lineamentos da sua interpretação. Foi o que Anatole France exprimio finalmente assegurando que "une argumentation suivie sur un sujet complexe ne prouvera jamais que l'habilité de l'esprit que l'a conduit."

Desta sorte cada pessoa verá sempre o Fausto com os seus proprios olhos e o julgará fatalmente pelo estalão do seu gosto individual, attribuindo-lhe taes ou taes intenções nos seus actos, salvando-o em attenção a taes ou taes preferencias da sua philosophia. Mas todos poderão buscar no livro do Sr. Renato Almeida elementos para aperfeiçoar ou corrigir sua propria interpretação, sinão mesmo argumentos para contrariar interpretações alheias, e todos poderão admirar a habilidade litteraria, philosophica e hermeneutica com que o Autor logrou integrar a figura de Fausto — symbolo do Homem — salvo a um tempo pela Graça do Senhor e pela constancia de suas aspirações idealistas — na solução religiosa que acceitou como unica definitiva do problema do Destino Humano.

Mesquita PIMENTEL.

A potencialidade economica de Minas

A actividade economica do Estado de Minas Geraes, nos varios ramos da produção animal, vegetal, mineral e manufactureira, não tem soffrido descontinuidade, conforme os algarismos da estatistica da exportação.

No anno de 1922, o valor da exportação, incluindo-se o valor da exportação isenta de impostos, elevou-se a 512.826:156\$, contra 524.544:492\$ em 1921, com a diferença para menos de 11:718:836\$ no anno findo.

São os seguintes os numeros apurados:

1. — VALOR DA EXPORTAÇÃO TRIBUTARIA:

Animaes e seus productos	135.726:029\$000
Vegetaes e seus productos	306.463:355\$000
Mineraes	38.670:226\$000
Artigos manufacturados	31.966:540\$000
Total	512.826:157\$000

2. — VALOR DA EXPORTAÇÃO NÃO TRIBUTARIA:

Animaes e seus productos	3.497:516\$000
Vegetaes e seus productos	11.827:040\$000
Mineraes	437:996\$000
Artigos manufacturados	7.962:918\$000
Total	23.635:470\$000
Valor total da exportação	536.461:627\$000

São as seguintes, em contos de réis, as sommas com que contribuíram os principaes productos para esse total:

1. — ANIMAES E SEUS PRODUCTOS:

Bovinos	53.954:000\$000
Queijos	23.535:000\$000
Áves	10.995:000\$000
Manteiga	10.974:000\$000
Carnes de bovinos	9.109:000\$000
Suínos	8.013:000\$000
Productos de suínos	7.568:000\$000
Leite	7.212:000\$000
Seda	3.267:000\$000
Ovos	3.093:000\$000
Couros seccos e salgados	2.351:000\$000
Muares	1.469:000\$000

2. — VEGETAES E SEUS PRODUCTOS:

Café	269.846:000\$000
Tecidos de algodão	15.496:000\$000
Arroz	5.580:000\$000
Feijão	5.780:000\$000
Milho	5.650:000\$000
Fumo	5.431:000\$000
Batatas	4.895:000\$000
Madeiras	4.429:000\$000
Carvão vegetal	4.072:000\$000
Assucar e rapaduras	2.572:000\$000
Fructas	2.713:000\$000
Algodão	2.303:000\$000
Vinho	2.164:000\$000
Cascas taníferas	1.633:000\$000

3. — MINERAES E SEUS PRODUCTOS:

Ouro	16.627:000\$000
Manganez	12.555:000\$000
Ferro e artefactos	6.651:000\$000
Aguaes mineraes	6.435:000\$000

NACIONALISMO

Logo depois, este grande pensador argentino numa carta dirigida a um illustre homem de letras do Brazil, faz notar, cheio de inquietamento essa "crise de exaltação nacionalista que se tem manifestado em todos os paizes depois da guerra", lamentando, todo enleado na aspiração utópica de um sopro de concórdia infinita ligando a America-latina, lamentando esse alvorecer do nacionalismo como um entrave forte e lamentável ás doutrinas mysticas do seu sonho pacifista.

O illustre publicista vê no nosso movimento cogenerator talvez, na expansão notavel da nossa actividade nestes ultimos annos uma ameaça temivel de pan-brazileirismo.

Estamos effectivamente num grande periodo de transição.

O phenomeno, porém, é universal. Sentimentos que um grande vento de revolução passa abalando as nossas velhas instituições.

Eu não sei, meu Deus, perdido neste recanto obscuro do Brazil, neste rincão formoso do S. Francisco de um céu tão azul e tão puro, eu não sei o que surgirá dos escombros da hecatombe que ensanguenta a velha Europa, mas creio firmemente que daquelle choque terá vel resultados idéas e ideaes mais verdadeiros, concepções mais reaes em proveito da civilização.

E para nós realmente, ella trouxe a lição incisiva de que a vida de um povo está no aproveitamento intelligente de suas energias. Foi de facto ella que nos despertou, que nos accendeu o ardor da nacionalidade, não o ardor guerreiro, trescalando á ceserna mas amor da patria, trabalhador e pacifico.

Ingenieros não observa bem quando colloca o nacionalismo emparelhado synonymicamente a patriotismo, militarismo ou prussianismo. No velho mundo, onde as instituições e os usos modernos estão profundamente vinculados ao passado historico — nacionalismo manifesta-se, incontestavelmente, por um forte sentimento de "egoismo nacional". Não se concebe o principio de patria sem a sua correlativa defesa militar e isto pela razão simples de que a patria foi adquirida por conquista, já foi retalhada pelo invasor brutal e está sempre ameaçada por pretensões eternas e insubmissas. Accresce ainda a circumstancia de habitar a Europa povos de indole guerreira o que não acontece nos vastos campos do novo mundo.

Não ha na America o terror permanente do invasor ambicioso mercê da sua vastidão territorial, das immensas riquezas disseminadas e do profundo espirito de democracia e liberdade de que fomos o berço. Penetramos, depois da guerra como que num forte e brilhante periodo de trabalho intenso, de acção e de estado. Sente-se por toda a parte, nas cidades, nos campos, nos sertões invios um verdadeiro despertar com todos os seus deslumbramentos.

Posso mesmo dizer que a era do descaso tombou e que raiou enfim para o Brazil o sol fecundo de uma nova Renascença, illuminando horizontes mais amplos e mais promettedores.

E foi indubitavelmente a guerra que nos fez acórdar para a vida intensa; foi ella que nos fez erguer do marasmo pusillanime do "que-me-importa-lá" em que viviamos.

O espirito novo sahido desta geração opulenta de idéas tão robustas; o ardor sympathico de uma imprensa sã, bafejando, guiando com o seu vigoroso poder divagador as novas aspirações da nacionalidade; a penetração cada vez mais intensa do espirito regenerador pelos sertões longinquos — toda essa exaltação brilhante é, não ha duvida, a mais lidima manifestação de um resurgimento do alvorecer de uma nacionalidade.

A *quelque chose malheur est bon*. A conflagração do velho mundo veio delinear-nos poderosamente o sentido das actividades nacionaes no tocante ao seu desenvolvimento. E' certo tambem, lamentavelmente verídico, que não trouxe, como esperava a ingenuidade dos pacifistas, nenhum ensinamento aos governos das grandes potencias militares no sentido de se pôr termo ao delirio macabro dos armamentos. A Europa é ainda hoje como ha cinco annos, um grande acampamento onde um exercito formidavel bivaqueia com sentinelas vigilantes nos postos avançados.

Viram desalentados os pacifistas orthodoxos o ruir inesperado de um sonho antigo, dessa deliciosa chimera tão irrealizavel quanto a ancia da Perfeição nunca alcançada, do velho Ulysses.

Ingenieros participa desse amargo desalento quanto condemna essas manifestações de nacionalismo.

O nacionalismo não é obsessão do amor da patria.

Nacionalista não é aquelle que cerrando as vistas para o resto do mundo num grande desdém, concentra-se irredutivelmente dentro da muralha chinesa do preconceito de que só a sua patria é grande e capaz de lhe proporcionar todo o bem, desprezando incondicionalmente tudo que não estiver sob o seu céu. Isso poderia ser *nativismo* retrogrado, *buirismo* inconsequente, absurdo, nunca nacionalismo.

Pode perfeitamente harmonizar-se o mais doce pacifismo. Os dous sentimentos, são antinomicos, não se repelem portanto. Seria, antes, a formula ideal da democracia latino-americana, — um producente nacionalismo irmanado a um grande espirito de concórdia a guiar os nossos destinos.

Este seria o ideal politico da America-latina.

Mas porque recuar de um sentimento tão justo e tão nobre? O nosso passado historico não é uma grande lição de amor á Justiça e á Paz? Não é uma garantia notavel dos nossos intuitos? Isso não basta então para assegurar e reafirmar o nosso grande desejo de uma operosidade pacifica? Pacifistas sempre o fomos. A nossa historia exuberantemente o demonstra a cada passo. Se as aspirações pacifistas alguma vez foram deffendidas com valor e brilhantismo o foram por nós em Haya, quando os potentados procuravam velar com falsos adereços as suas ambições em detrimento da liberdade das pequenas nações de paz garantidora da civilização.

Pacifistas sempre o fomos. Não temos o espirito guerreiro dos anglo-saxões ou dos germanos. Seria crime revoltante o estorvar, de qualquer maneira, esse cáldo e confortante bafejo de soerguimento que nos anima na hora presente, só porque entre os povos d'além-mar na velha Europa, tão gasta e exgotada, o amor da patria, o ardor nacionalista não é um sentimento pacifico, sahido de uma visão mais ampla e altruista e progressiva — é antes um dever emanado dos quartéis, do espirito da disciplina e veste, quasi sempre, para sahir á rua, a fardeta prussianana.

Como e porque reprimir um sentimento que não nasceu espúriamente de nenhum decreto, mas que é proprio do homem, que nasceu com elle, que adormecido ás vezes, já existia, latente em seu coração?

* *

O amor da nacionalidade é a modulação ampliada do amor da familia. E' o mesmo sentimento que restricto, quasi mesquinho no berço das associações humanas, á medida que ellas crescem e se ampliam e ganham em proporção elle as acompanha, crescendo, ampliando-se tambem, vinculando-se profundamente nalma humana. Começa no lar, ascende ao *plan*, á tribu, á cidade, á nação.

O homem deixando as cavernas, associando-se á mulher, constitue a familia primitiva e num bocado de terra funda a sua primeira

pequena patria (1) com o seu timulo, o seu deus lar, o seu fogo sagrado. Aquella terra receberá o seu pal e n'elle proprio; nella viverão as almas de seus antepassados; e santificada por isso, Elle a deffenderá sobretudo contra o linango que a profanar porque lá está o seu deus, a sua fé; é ella que o alimenta e abriga, é a terra *patrum*, terra dos pais. Dessa veneração, desse apego quasi inconsciente, vago, mesclado de superstições, de crenças rudimentares, surgem as primeiras manifestações do amor da patria. E' ainda um sentimento de uma estreiteza e mesquizez verdadeiramente primitiva, mas é já uma manifestação evidente de um sentimento forte e bem nascido.

Mas tarde, em Roma, o sentimento do amor da patria attela o voo, ampla-se ganha em robustez e em fé civil; — a patria é a cidade, é Roma activa e opulenta, com os seus heróes e o prytanado, (2) é a "Terra sagrada da patria" *sacra terra patriae*. O patriotismo estriba-se então num mundo de fortes convicções, é um sentimento energico potente, enrijado de supremas virtudes civicas.

A patria era para o cidadão de Roma o bem supremo, o unico bem porque nella encontrava a segurança protectora das leis, a homogeneidade da fé, da lingua, da raça, dos costumes, da arte de todo esse acervo de sentimentos e qualidades communs que caracterizam uma nação. O exílio era a mais cruel punição que se lhe podia infligir. Amava portanto acima de tudo a terra que lhe dava o sol e que o vira nascer, os seus campos e as suas searas, os heróes do passado, os seus deuses, as suas lendas. Estava preso á ella como o avarento ao seu thesouro, por ella iria ao sacrificio dos sacrificios.

O sentimento entretanto, vai crescendo com o desenvolver da civilização. O Imperio romano baqueia pela infiltração irresistivel e assoberbadora das tribus irrequietas e insubmissas do norte; a velha fibra, rigida do romano está gasta pelas dissipações e desatinos da decadencia. A civilização penetra, com a queda do fulgor de Roma, no crepusculo, no obscurantismo, na asphyxia do feudalismo medieval. E como que se perde na escuridão dolorosa e suffocadora da Edade-Media todo o antigo ardor da patria...

Mas, é que, na sombra se estão formando novas nacionalidades, resquícios do velho mundo romano. A Renascença é a apresentação no palco do mundo, dos novos povos, sahidos como que por milagre, dos escombros de uma civilização morta.

E' o estado agora a grande patria, patria maior, com os seus governos, a sua aristocracia e os seus exercitos. A theocracia militar impéra. A patria está encarnada n'elle. A nação ainda não surgiu para arrancá-las de suas mãos o direito divino. Approximase porém, imperturbavelmente do ponto culminante. A analyse racionalista surge com

(1) — F. de Coulanges — A cidade antiga.

(2) — F. de Coulanges — A cidade antiga.

HARDING

A figura do Presidente americano que desapareceu, antes que tivesse ensejo de caracterizar o seu governo por qualquer gesto universal, é uma personalidade admiravel de *self-made man*, pois de simples agricultor, typographo e conductor de bond, conseguiu attigir a uma das mais altas posições no mundo, como seja governar a grande republica norte-americana. Harding era um representativo da politica yankee e a sua indicação para combater e vencer o idealismo de Wilson, significou bem o desejo do povo de seu paiz, de entregar o governo a um homem que, embora sem ser figura de elite como o seu antecessor, fosse o *plain American* (um simples americano), sem a perturbação dos elementos extranhos, que o paiz não concorda em conjugar ao rythmo poderossimo de sua grandeza. Praticando a politica de isolamento, evitando immiscuir-se nas contendas da Europa, até onde só foi, quando sentia que o militarismo ameaçava subverter a ordem mundial, a America do Norte não se desinteressa do bem estar da Humanidade e o seu idealismo está sempre prompto a servir tão nobre causa. Harding, nessa orientação geral, promoveu a conferencia de Washington, para cuidar da limitação geral dos armamentos, principiando por dar o exemplo nas forças armadas de seu paiz; e celebrou o Tratado do Pacifico, cuja significação não é mistér encarecer. Entre os chefes da poderosa Republica Norte-Americana, que desde Washington têm governado o paiz, em 150 annos, Harding tem um logar assinalado, pela sabedoria politica com que o dirigiu, num dos periodos mais tumultuosos para o mundo, ainda atordoado pelo fragor da grande guerra.

A MENTALIDADE ARGENTINA SEGUNDO JOSE INGENIEROS

Enciclopedia; um livro, o — Contrato Social — derruba um throno. A proclamação dos Direitos nivella os homens. A patria é a nação. Não se combate mais pelo rei; morre-se pela nação.

Mas a ambição dos governos, o espirito guerreiro, opprimem os pequenos Estados. A Europa é uma vasta coberta de retalhos. Aos Estados falta a cohesão de uma homogeneidade ethnica. Povos inteiros estão subjugados a um Governo que lhes é estranho ou vivem dispersos, sem independencia.

Uma voz, porém, Manccini, invocando o principio das nacionalidades, congrega sob a mesma bandeirola uma unica nação.

A patria é a nação una e indivisivel. Patriotismo é nacionalismo — forma ampla e rejuvenescedora de um sentimento progressivo.

Poderá, porventura um dia, romper esse sentimento sublime os diques da nacionalidade e estender-se á humanidade? Não, porque desde que elle se desentranhe d'alma duma raça estiolar-se-ha inutilmente em outras regiões onde não encontrará ambiente proprio. Será como certas plantas que só vicejam numa certa região. Transplantal-as é tiralhes a vida. A fé na nacionalidade gera o patriotismo que é a essencia vital de um povo. Perdida a fé cívica, inoculado o veneno mortal da descrença, do indifferentismo corruptor alma de um povo, esse povo vergará inevitavelmente sob o proprio peso de seu enervamento.

A's vezes, na vida das nações, passa um torpor. As fibras da nacionalidade estão como que adormecidas.

De subito, porém, picadas pelo agulhão de um grande principio, de um facto vultoso, ellas as que vibram e despertam.

Opera-se então um rejuvenescimento; as capacidades dynamizam-se, as actividades creadoras produzem; uma operosidade alentadora amparada pelos homens dirigentes vem restabelecer a fé e a força perdidas.

O Brasil dormia o seu velho somno, pesado, mole, criminoso, esquecido do mundo, de si proprio esquecido embriagado pela verborragia frouxa de velhos pataratas galanteadores que lhe embaiavam o somno com a eterna e sedida toada das nossas grandezas, a melopéa narcotizante da nossa riqueza e sefiorias que taes. Um optimismo exterior, injustificavel, matava a nação lentamente tirando-lhe "a consciencia clara de seus grandes deveres, cortando-lhe o estimulo para as fortes ousadías" como dizia então o grande revoltado que foi Sylvio Romero.

Era uma nota picante e de alta distincção o exhibir-se nos salões a ignorancia das causas do Brasil. Fez época então a phrase infame de que nós eramos um povo sem historia.

Enquanto outros povos trabalhavam fudemente, nós dousavamos; enquanto os outros povos produziam e exhibiam ao mundo o resultado de seu trabalho, as descobertas scientificas, os estudos de antiguidade, as conquistas da hygiene, nós mostravamos — o irrisão — o Amazonas.

Os Governos davam-nos avenidas e negavam-nos o pão espirital da instrucção.

Que se ensinava á criança nas escolas? que noção lhe dava o professor do paiz em que nascera? Uma idéa confusa (quasi que se poderia dizer *cafusa*) de que estamos num paiz ideal de fadas, bafejado por todos os Bens supremos da vida; ensinava que "no Brasil tudo é grande", que isto é o el-dorado, o verdadeiro el-dorado maravilhoso e fantástico da lenda. Gente houve que quiz demonstrar por aXb que o paraíso da legenda bíblica era situado nos nossos vergeis. Incutia no espirito da pobre criança essas idéas rutilantes e brilhantes de grandeza incommensuravel, noções hyperbolicas delirantes de um fausto e gloria verdadeiramente phenomenaes, sem entretanto adduzir nenhuma prova efficiente.

Na imaginação daquelle entesinho que se estava formando para a vida, ia então, pouco e pouco, erguendo-se aquelle sumptuoso e falso edificio de grandeza. A patria surgia-lhe como uma terra immensamente deslumbrante, plethorica de riqueza, dotada de todos os ineffaveis dons de abundancia, fortuna e regulo.

Tinhamos as mais fulgentes e sumptuosas montanhas de ouro e os maiores rios; as mais ricas florestas e a fauna mais pujante; os mais verdes campos e as terras mais férteis; os mais habéis diplomatas e os poetas mais harmoniosos; tinhamos humilhado Rosas e vencido a tyrannia de Lopez; tinhamos mudado de regimen como quem muda socagadamente de roupa depois do almoço.

Era isso que se pensava; era nisso que se cria; era disso que se esperava tudo. A

No ultimo numero da *Revista de Filosofia*, a notavel publicação que dirigem os Srs. José Ingenieros e Anibal Ponce, encontramos a resposta daquelle illustre escriptor, á carta que o philosopho Henri Bergson lhe dirigiu, na qualidade de presidente da Commissão de Cooperação Intellectual da Liga das Nações, sobre a mentalidade moderna da Argentina. Não nos furtamos ao prazer de dar uma synthese desse importante depoimento. A' primeira pergunta, responde que nos ultimos dez a quinze annos foi accentuado o progresso no dominio dos estudos historicos e litterarios, na Argentina; os methodos e criterios mais adoptados na França e na Alemanha tiveram visivel influencia sobre a historia e a litteratura argentinas. Fora desses domínios, a producção original é escassa, sem que haja tambem trabalhos de vulgarização. Actualmente só ha um homem de sciencia no paiz, algumas de cujas produções têm sido traduzidas no velho mundo; ha tambem duas dezenas de escriptores scientificos ou litterarios que têm collaborado em revistas europeas, ainda que a hospitalidade dessas tem sido tendenciosa para consolidar as "amizades" nascidas ou accentuadas com a guerra. A segunda resposta affirma que, em geral, o publico se interessa muito pouco pelos estudos scientificos e litterarios, o que explica, lá como em toda parte, pelo culto da violencia que empolga o mundo depois da guerra. Quanto aos jornaes, que dedicam uma secção semanal a qualquer acontecimento scientifico e litterario (têm as columnas cheias diariamente, com box e outros desportos) têm, em compensação um excellentes serviço de informações da vida intellectual na Europa, superior ao de qualquer diario desse continente. Os estimulos ainda são poucos e o exito commercial nullo, não havendo escriptor que possa viver das lettras. Por ultimo, o valor commercial das novellas tem crescido, mas em geral, de novellas curtas e mal escriptas, ao sabor das massas menos lettradas que as lêem com agrado. Em summa, não existe circumstancia alguma que favoreça a producção intellectual, salvo a excepção citada da novella, do theatro e, além dessas, dos trabalhos me-

nossas aspirações, se algumas havia, fundavam-se nestas crenças. Tudo já estava feito; tinhamos tudo; nada mais era preciso fazer. Já existia tudo feito, os problemas serenamente resolvidos para a delicia do brasileiro. A vida correria facil e doce como uma boa anedocta.

Entretanto, penetrando na luz da vida publica, ao forte contacto com as realidades ambientes, que via a criança de hontem?

Um doloroso espectáculo.

A criança via com desmesurada surpresa os horrores inimaginaveis das séccas, o flagello tetrico e acabrunhante da fome e dos exodos involuntarios dizimando as populações; via uma grande plebe pavida, de mãos postas, pelas injustiças potentes da Justiça; entrava a conhecer o eterno fantasma do deficit, esse nosso grande pesadello; desolava-se em contemplar uma população analphabeta e pobre a esmolar pelos bairros sordidos e andrajosos.

Esboroava-se então, como num despertar subito de um sonho feliz, a visão antiga do el-dorado, e uma grande descrença, um cruel e mortal desinteresse pela patria vinha substituir o falso sonho da infancia. Desilludido, descrente da patria só lhe ficava um conceito que era um epitaphio: — paiz perdido!

Eis o estado moral do Brasil antes da guerra.

A guerra foi o agulhão potentissimo que nos veio despertar do commodismo pusillanime em que viviamos.

Eramos ricos; sim, mas de que nos serviam essas riquezas se ellas jaziam obscuras, mal sabidas, ignoradas quasi, abandonadas criminosamente? A guerra nos fez prescutores intelligentes e operosos.

dicos, que constituem um reclamo indurto para a profissão. Respondendo á terceira pergunta disse o Sr. Ingenieros que a actividade scientifica se circumscreve, na Argentina, como allás em todos os paizes da America Latina, nas universidades do estado (Não a exacto quanto ao Brasil, seja dito de passagem, pois entre nós, ao contrario do que pensa o illustre escriptor argentino, ha homens de notavel saber fora do ambito universitario. Como exemplos: Ruy Barbosa e Oswald Cruz). Condenna as missões universitarias europeas e diz depois que a situação economica do professorado é má. Ganham pouco os lentes, sendo que muitos só occupam as cadeiras por dedicacão ou por sacrificio, vivendo das suas profissões. Os que são apenas professores, devem occupar varias cadeiras, 3, 4, até 8 e 10, o que prejudica a actividade intellectual. O unico remedio lhe parece assegurar a situação economica do professorado, de sorte que, cada qual, possa viver preoccupado exclusivamente com a actividade intellectual. Sobre as instituições mais importantes, da mentalidade do paiz, cita as 5 universidades: Buenos-Aires, La Plata, Córdoba, Litoral e Tucuman, adiantando que a producção das duas ultimas é praticamente nula. Todas dispõem de recursos sufficientes para viver. A Faculdade de Philosophia e Letras de Buenos-Aires, é uma especie de escola normal superior. Sobre a influencia extranha, diz o Sr. Ingenieros que foi essencialissima na formação intellectual da sua patria, sendo que as maiores influencias litterarias são da França e da Espanha, que disputam a primazia dessa actuação, que tende a diminuir. As influencias scientificas predominantes são da França, Alemanha, Italia, Estados-Unidos e Espanha, paizes de maior clientela scientifica, na ordem enumerada. Quanto á influencia da Argentina no exterior, declara que seria absurdo que a Argentina, com o idioma espanhol, pretendesse ter qualquer influencia na Europa, tendo, porém, alguma, embora pequena, na vida intellectual da America latina. A' sexta pergunta, sobre os meios de informação intellectual-melhoral-os, respondeu o Sr. Ingenieros, af-

vislumbrados os aivores da era fecunda, a imprensa nacional num gesto louvavel de carinhoso amor, amparou, incentivou e continua a ser o arauto e a propulsora do movimento renovador.

Apoiar as nossas ricas energias nas forças vivas da nação; estudar, aproveitar, melhorar a terra; fortificar as instituições com a virtude republicana; procurar os erros da nossa historia para corrigirmo-nos no futuro; robustecer a fé cívica nos fortes ensinamentos do passado; fazer cidadãos... eis o nosso nacionalismo tal qual tem sido.

Sahir do indifferentismo em que viviamos para rolarmos no cosmopolitismo dissolvente, caracteristico, seria absurdo inqualificavel.

Não é um estorvo ás ineffaveis docuras do pacifismo um movimento regenerador intenso que se apoia no Trabalho honesto, no Direito constructor e na Justiça fecunda.

Pretender apagar o facho antigo, o fogo sagrado do patriotismo em prol da ideologia mystica de uma patria de todas as raças metidas numa nova Babel — é fazer méra bizarraria philosophica.

Hoje poderemos dizer com orguho que representamos, apesar de tudo, um valor efficiente na grande scena do mundo, graças a esse bem-lito despertar das nossas forças creadoras. Hoje a visão antiga, negra e acabrunhadora diluiu-se batida pela realidade nova e viva que nos cerca e nos eleva. Hoje, mais do que nunca poderemos dizer, cheios de fé — "Ama com fé e orguho a terra em que nasceste" — porque antevemos com junio um porvir digno deste grande povo, digno desta grande terra.

E. Motta TRIGUEIROS

firmado que os livros e revistas da Europa chegam a Buenos Aires, 20 dias depois de apparecidos. O seu paiz julga que a actividade intellectual da Europa esta em crise e a sua produçao inferior á de antes da guerra. Para que a informaçao fosse ainda mais completa, bastaria mais dinheiro. Quando as relações intellectuaes com pessoas e organizações estrangeiras, assim como a possibilidade de melhorias ou de estabelecer uma organização intellectual, diz que diminuem, apesar dos esforços feitos pela França e pela Alemanha para estimular seus partidarios mais por motivos politicos do que por estima intellectual. A proposito de uma organização internacional de alta cultura, acha que isso depende da "desmobilização dos espiritos". Declara que o predomínio das paixões politicas produziu uma morbida xenophobia paralela ao proteccionismo economico. Os intellectuaes de cada paiz põem-se a escrever tendenciosamente, descobrindo genios nos seus compatriotas e exaggerando-lhes os meritos, obra que os governos incentivam, o que dificulta em absoluto essa cooperação, que o Sr. Ingenieros não acredita poder ser feita por Comissão da Liga das Nações, a que

responde, porque seria um novo instrumento de propaganda politica dos aliados, sem vantagens para o progresso intellectual. Só com o tempo isso se conseguira, depois de passados os intellectuaes perturbados pela guerra. Algumas sociedades e fundações ricas dos Estados Unidos, tentaram se ramificar na Argentina, mas pouco conseguiram pela aversão crescente contra o imperialismo politico do seu paiz de origem. A oitava pergunta, sobre as tendencias e orientação que se podem prever, teve como resposta o seguinte: em ciencia, nada tipicamente autonomo; nas letras e nas artes, parece accentuar-se o espirito regionalista; na politica, uma certa renovação, cujo caracter se irá definindo á medida que na Europa se extenda a revolução social, começada no fim da guerra; na philosophia, domina os jovens um accentuado espirito pragmatico. Sobre a influencia da actividade intellectual na moral publica, reconhece o Sr. José Ingenieros, que, na Argentina, como, aliás, em toda o mundo, ha um ambiente de immoralidade dominante, uma licença nos costumes, nas relações sociais, na economia e na imprensa, que perturba o rythmo de

crescimento dos povos. Tal meio, ao contrario, não pôde contribuir para o desenvolvimento intellectual. Em resumo, conclue, o adtre publicista portenho, podemos dizer que na vida intellectual argentina se observam os mesmos phenomenos negativos que na Europa, a causa foi a guerra, mas não diminuíram com a sua terminação; o publico se interessa menos do que antes pelas altas actividades intellectuaes, dispensando maior attenção ao theatro e novela; toda a vida scientifica gira em torno das universidades officiaes, não existindo institutos privados que cooperem na produçao intellectual; as relações scientificas com o extrangeiro diminuíram apesar da tendenciosa propaganda com fins politicos, os meios de informaçao são bons e proporcionam aos recursos; a organização internacional da actividade scientifica está agora dificultada pelas paixões xenophobas excitadas pela guerra, o nacionalismo e o imperialismo; as unicas orientações renovadoras se manifestam no terreno da reforma social; a moralidade publica soffreu uma depressão desfavoravel ao progresso da actividade intellectual.

VIRGO PRÆDICANDA

A ELYSIO DE CARVALHO.

zelador e vedeta dos "Bastões da Nacionalidade"

Nas plagas do Reconcavo nasceste,
Morena filha do sertão agreste,
Moça destemerosa e varonil;
Quiteria de Jesus, virgem bahiana,
Que evoluiste de gracil Diana
Em defensora estrenua do Brasil.

Dera o seu brado o Principe Regente,
Fazia-se mister que a nossa gente
Consolidasse o feito desse heróe.
Accende-se a peleja na Bahia,
Onde Madeira em tactica porfia,
A conquista pacifica destróe.

Então, afluem de districtos varios
Fogosos contingentes voluntarios,
Para a obra commum de defensão.
Entre esses taes Quiteria se apresenta,
Desfarçando na impropria vestimenta
Seu feminino e bravo coração.

Examinado, inscreve-se artilheiro
O camponez intrepido, trigueiro,
De membros e maneiras tão gentis,
Que para logo desconfiam todos
Da sua compostura, dos seus modos,
Do seu porte e seus trajas varonis.

Eis se descobre a civica fallacia
E o bello ardil, a temerosa audacia
Abre um sulco de augurios no porvir
Cinge um curto saiote a vivandeira,
Que, agora, de espingarda e cartucheira,
Nos "Periquitos" lesto vae servir.

Encarniça-se a lucta horrendamente.
Quiteria, sempre indomita e fremente,
Caminha na vanguarda das legiões.

Salta impecilhos, mofa de emboscadas,
Accommette trincheiras, paliçadas,
Quadrados, contingentes, esquadrões.

Quando, em Paraguassu, varias senhoras
Se fizeram da Patria defensoras,
Num arremesso insolito e feroz;
Lá estava Quiteria, desgrenhada,
A tiros de fuzil, golpes de espada,
Guardando as aguas da patricia foz.

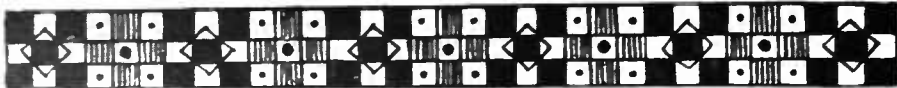
Com Labatut, na arena de Cabrito,
Correndo aos chamamentos do seu grito,
Quiteria de Jesus presente está.
Garbosa pelejou sete batalhas
E esteve na refrega, entre as metralhas,
Que a sagraram cadete em Pirajá.

Joven, galharda, deslumbrante heroína!
Triumphaste da horrifica chacina,
Calma, ascendeste ao Capitolio, a pé.
Bem haja a Communhão da Soledade,
Que a tua fronte de epica deidade
Ornou com ramos floreatos de café.

Ficaste sendo o symbolo da gloria
E entraste, eximia, os porticos da Historia,
Nascida embóra em asperos confins.
Fôste, naquella hora alviçareira,
A imagem da patria brasileira,
Toucada de esmeraldas e rubins.

Agraciou-te emfim, Pedro I
Com a merecida cruz de cavalheiro,
Insignia do brasilico valor;
E em vez de marechal só fôste alferes,
Enlevo e orgulho de homens e mulheres,
Pomba custodia de bravura e amor.

Carlos D. FERNANDES.



IMPRESSÕES DO SALÃO

Admirada, em conjunto, a nossa exposição official de bellas artes causa uma agradável impressão. Ha como em todas as mostras, o que satisfaz e o que não entusiasma; o que deixa o espectador indifferente e o que commove. Póde não ser um "Salão" á altura da nossa capacidade ou como querem os que diante da nossa produção artistica se abstrahem das condições do meio, da nossa educação esthetica, do estímulo popular ou official que os idealistas d'arte possuem. Acresce que o actual certamen fez-se logo após o do Centenario, o que denota esforço e dedicação dos nossos artistas.

Não podemos dizer que é inutil uma exposição de artes plasticas, mesmo quando nella não figurem, como na deste anno, pintores como Parreiras, Baptista da Costa, Visconti, Theodoro Braga, Lucilio e Georgina de Albuquerque, Bracet, Bruno e esculptores como Antonino de Mattos, Francisco Andrade, Kanto, Leopoldo Silva e Mazzucchelli e que ali falta sinceridade, quando o que se expõe, não foi realizado com perfeição, o que em nenhum centro de arte do mundo já se encontrou, foi feito com intelligencia e com alma e com a honestidade rara do artista brasileiro.

Ha obras interessantes e de valor no "Salão" de 1923. Veja-se, por exemplo, esse tumultuoso e singularissimo Antonio Parreiras, de uma capacidade de trabalho formidavel, de uma palheta rica de cor e luz, fremente e tropical. As suas telas, mais de setenta, ornamosinhas uma sala enorme. E a Natureza, varia e linda, placida, dormente, auroral, evocadora e pulchra de França, Suíssa, Normandia como a do Brasil, ali vive numa transplantação emocional poderosa e numa gloria fulgente de belleza.

E' verdade que a critica sabia e exigente não vê nessa opulenta realização pictorica motivos para ficar embasbacada como ficou diante da pintura de effeito do Sr. Koek-Koek, mais cabotino que "pintor de amargura y pesadilla", renovador e das paisagens vulgares de Monsieur Louis Tinayre. Mas, apesar disso o Sr. Parreiras é um mestre incontestavel. Ninguém o supera na paisagem, onde queríamos que concentrasse todos os primores do seu talento.

Pintor individual, possuidor de uma technica admiravel, colorista audacioso e justo, Parreiras traz consigo o sentimento da Natureza universal, interpretando-a com grande alma, de cada região traduzindo a formosura o a dor, a alegria e a graça, de subito apprehendendo e traduzindo o característico deste ou daquele lugar. Encanta na França como deslumbra no Brasil. E' maravilhoso em *Vallée de la Dala* (Suíssa) e em *Aurora nas planicies da Normandia*, como nos aspectos encantadores da Corsega e nos do Brasil, de tão intensa exuberancia.

Porque não vêr coisas harmoniosas e de profunda existencia pantheistica como *Castanhheiro de ouro* (França), de uma grande, inarravel belleza; *Velho Parque*, tão cheio de antiqúas na solitaria morada e nas arvores outomnaes revelando ermo e abandono? Como esquecer *Outomno florido*, de tão enorme desalento na paisagem, que é nossa, na maravilha d'ouro das arvores em efflorescencias lucidas? *Ultimo clarão* (Suíssa), um trecho de rua que era que os ultimos clarões do sol tocam a irregularidade do casario e que é um trabalho sobrio e solido — e *Piratininga*, admiravel de encantamento nas arvores e de esplendor na luminosidade alacre do dia?

Se nenhuma dessas telas valessem como arte, nem *Inferno verde*, que é uma das provas mais vigorosas da Natureza brasileira, nem *Salgueiros*, nem *Champfleuris*, ali estaria

esse grandioso triptico *Terra natal*, onde tão bem se sente a grandiosidade da matta que tão raros perlustadores tem tido, onde a Terra é um hymno gloriosissimo de melodia e luminosidade.

Só os quadros desse portentoso Parreiras despertariam o louvor de quantos sabem apreciar as bellas coisas patricias, como têm despertado o entusiasmo vivaz dos estrangeiros. Como o emotivo do *Solitude*, apparece esse outro mestre da paizagem lyrica do Brasil que é o Sr. Baptista da Costa. Das suas quatro telas é bastánte vêr *Nevos da manhã*, de tão doce poesia nas arvores distantes que a nevoaça da manhã envolve sob o céu calmo, sobre o lençol da agua dormente. Tudo nesse pequeno quadro é serenidade, luz melguiceira, sereno amanhecer. E' uma tela valiosa, um pouco differente de quanto temos admirado do notavel paisagista brasileiro.

O Sr. Pedro Bruno tem: *Yara, A pescadora*, *Symbolo das praias* e *Repouso* e mostra que o premio de viagem lhe foi um bem apreciavel. Evoluiu. Sua pintura é agora mais fresca, mais expontanea e mais bella. Póde-se elogiar com prazer o *Repouso*, nú de justa e vigorosa carnção, interpretado com justeza e boa technica e louvar, com sinceridade, o *Symbolo das praias* — uma das obras mais importantes do "Salão" reveladora da nova maneira do artista. O typo louro de mulher que sahe do mar trazendo no braço uma criancinha é de muita frescura e muita simplicidade, como o ambiente é harmonioso e sympathico.

Ao Sr. Theod. Braga de quem se não póde deixar de elogiar os trabalhos constantes e apreciaveis de estyllsacção da flora e fauna do ruz, na ancia de crear, como evidentemente creou, uma esthetica puramente brasileira, cabe muitos louvores pela sua tela *Senhora*, um esbelto typo de mulher pintado com sobriedade, elegancia e leveza de tons, vivendo num ambiente calmo e de muita harmonia. A mulher loura, com um grande chapéo escondendo a farta cabelleira, de pé, tendo no braço direito a "boa" branca, voltada para o espectador, olha direito, numa expressão serena e numa *allure* natural e distincta. E' uma obra de arte brilhante, digna de ser vista com afeição e intelligencia.

Uma paisagem de immensa belleza é *Mangueira*, desse novo eminente que é Edgar Parreiras. O caminho á esquerda, a grande arvore á direita, os planos seguintes e o marmais além, são feitos com expontaneidade e conhecimento de valores e planimetria — todo o quadro sendo rico de colorido e de ar.

O Sr. Elyseu Visconti é o pincel sempre brasileira. Seis são os seus bellissimos trabalhos, feitos com aquella segurança technica que tanto se louva e aquella simplicidade intelligente, cheios de rythmo e de expressão cariciosa. De todos se destaca *Affectos*, de tocante sentimento e agradável maneira, como de sua obra se destaca uma alegre, festiva orchestração de cores e sonoridades.

O Sr. Paula Fonseca (João Baptista de), vai se distinguindo como paisagista, tornando-se senhor dos motivos, sentindo melhor a Natureza, com melhor conhecimento de perspectiva aerea, de planimetria, mais espontaneidade e graça. E' o que revela *Recanto de Fazenda*, bem sertido, de agradável corte e boa luz, traduzindo a grande poesia e solidão

campestra. *Retrato* (aguarella) *Duna ensolarada* — *Midnight* são o envio do Sr. Gaspar Magalhães, o laborioso e estudioso pintor. Bem feito, com muito carac'er e conhecimento do genero é *Retrato*, como digno de menção é *Duna ensolarada*, trecho de praia de Ipanema tocado de sol e de rumor de ondas verdes.

O joven Sr. Garcia Bento, marinheiro, como na Hespanha Javier de W. thuyssen, é o "pintor de los jardines" não nos poude dar os seus juvenis aspectos praieros, as suas lhas solitarias e dá-nos apenas *Tarda de sol*, que confirma o seu renome. O juvenil Sr. Oswaldo Teixeira, por quem se deslumbra o Jury do "Salão" é a mesma revelação pictorica singular, inquieto, procurando a sua maneira caracteristica, a sua luz, a propria individualidade. Cada trabalho seu revela essa inquietude, fala da sua indecisão diante da arte eterna e divina, do cahos de que procura sahir, tomando rumo direito á belleza. Sua tela melhor devia ser *Sinit párrulus contra ad me*. E' a mais fraca. Preferimos *Recostada* de muito vigor e naturalidade e os dois retratos.

Do saudoso pintor que soube ser Arthur Timotheo o "Salão" se honra com um *Retrato*, que é um primor d'arte, mostrando a intelligencia sadia que tão cedo enlutou a nossa pintura. João Timotheo figura com duas palzagens e uma mancha, esta sendo de muita belleza e colorido agradável e confirmadora dos meritos do pintor.

A senhora Sarah Figueiredo merece incent vos com *Maruf* *Retrato da senhorinha L. B.*

Manoel Santiago, que appareceu promettedoramente ha tres annos expõe *Yara*, que o não recommenda. Candido Fortunari fez o *Escultor Paulo Mazuchelli*, cujo caracter soube fixar. O joven Dakir Parreiras está representado com uma tela — *No quintal*, evidenciando a sua maneira moderna de ver e sentir as coisas. E' na feição que revela um bom trabalho.

A secção de esculptura diz que não temos esculptores... o que Bernardelli, Corrêa Lima, Eduardo de Sá, Moreira Junior e outros podiam desmentir. Tem uma duzia de expositores, sendo de justiça que salientemos Leopoldo Silva, com *Piedade*; Kanto, Andrade, Antonino de Mattos e Mazzucchelli. Seis são os gravadores de medalhas, á cuja frente notavelmente se salienta o mestre Augusto Girardet, os melhores sendo Leopoldo Campos, Sobre e Arlindo Bastos. Dos novos expositores da secção de architectura destacam-se: Berna, Dibugras e Francisco Santos.

A secção de artes applicadas teve apenas quatro expositores: Helios Seelinger dá-nos dois azulejos nos quaes reproduz *Carmellas* e *Nossa esquadra em evoluções*; Theodoro Braga, que mostra varios trabalhos de estyllsacção da flora e fauna brasileiras tão desprezadas diante das suas pobrissimas rivaes estrangeiras e uma interessante frisa decorativa animando a lenda do *Veado e o jaboty*. Ludovico Berna expõe um *ritral*, em estylo Luiz XV e duas taças e a senhora Wanda Marie mostra um tapete bordado á mão, trabalho de gosto e habilidade, feito em anlagem e lã brasileiras sobre um desenho de Raul Peierneiras, que na secção de pintura assigna tres caricaturas a aguarella e que muito fazem rir.

E outros trabalhos ha no Salão e que nos escaparam neste relato ligeiro e pallido.

Carlos RUBENS

firmando que os livros e revistas da Europa chegam a Buenos Aires, 20 dias depois de apparecidos. O seu paiz julga que a actividade intellectual da Europa está em crise a sua produçãõ inferior á de antes da guerra. Para que a informaçãõ fosse ainda mais commo he, bastaria mais dinheiro. Quando as relações intellectuaes com pessoas e organizações estrangeiras, assim como a possibilidade de melhora-las ou de estabelecer uma organizaçãõ intellectual, diz que diminuem, apesar dos esforços feitos pela França e pela Alemanha para estimular seus partidarios mais por motivos politicos do que por estima intellectual. A proposito de uma organizaçãõ internacional de alta cultura, acha que isso depende da "desmobilisaçãõ dos espiritos". Declara que o predomínio das paixões politicas produz u uma morbida xenophobia paralela ao proteccionismo economico. Os intellectuaes de cada paiz põem-se a escrever tendenciosamente, descobrindo genios nos seus compatriotas e exaggerando-lhes os meritos, obra que os governos incentivam, o que dificulta em absoluto essa cooperaçãõ, que o Sr. Ingenieros não acredita poder ser feita por Commissão da Liga das Nações, a que

responde, porque seria um novo instrumento de propaganda politica dos aliados, sem vantagens para o progresso intellectual. Só com o tempo isso se conseguira, depois de passados os intellectuaes perturbados pela guerra. Algumas sociedades e fundações ricas dos Estados Unidos, tentaram se ramificar na Argentina, mas pouco conseguiram pela aversão crescente contra o imperialismo politico do seu paiz de origem. A oitava pergunta, sobre as tendencias e orientaçãõ que se podem prever, teve como resposta o seguinte: em sciencia, nada tipicamente autonomo; nas letras e nas artes, parece accentuar-se o espirito regionalista; na politica, uma certa renovação, cujo caracter se irá definindo á medida que na Europa se extenda a revolução social, começada no fim da guerra; na philosophia, domina os jovens um accentuado espirito pragmatico. Sobre a influencia da actividade intellectual na moral publica, reconhece o Sr. José Ingenieros, que, na Argentina, como, aliás, em toda o mundo, ha um ambiente de immoralidade dominante, uma licença nos costumes, nas relações sociais, na economia e na imprensa, que perturba o rythmo de

crescimento dos povos. Tal meio, ao contrario, não pôde contribuir para o desenvolvimento intellectual. Em resumo, conclue, o liberte publicista portenho, podemos dizer que na vida intellectual argentina se observam os mesmos phenomenos negativos que na Europa; a causa foi a guerra, mas não diminuiram com a sua terminaçãõ; o publico se interessa menos do que antes pelas altas actividades intellectuaes, dispensando maior attenção ao theatro e á novela; toda a vida scientifica gira em torno das universidades officiaes, não existindo institutos privados que cooperem na produçãõ intellectual; as relações scientificas com o estrangeiro diminuíram apesar da tendenciosa propaganda com fins politicos, os meios de informaçãõ são bons e proporcionam aos recursos; a organizaçãõ internacional da actividade scientifica está agora difficultada pelas paixões xenophobic crecidas pela guerra, o nacionalismo e o imperialismo; as unicas orientaçoẽs renovadoras se manifestam no terreno da reforma social; a moralidade publica soffreu uma depressão desfavoravel ao progresso da actividade intellectual.

VIRGO PRÆDICANDA

A ELYSIO DE CARVALHO.

zelador e vedeta dos "Bastões da Nacionalidade"

Nas plagas do Reconcavo nasceste,
Morena filha do sertão agreste,
Moça destemerosa e varonil;
Quiteria de Jesus, virgem bahiana,
Que evoluiste de gracil Diana
Em defensora estrenua do Brasil.

Dera o seu brado o Principe Regente,
Fazia-se mister que a nossa gente
Consolidasse o feito desse heróe.
Accende-se a peleja na Bahia,
Onde Madeira em tactica porfia,
A conquista pacifica destróe.

Então, afluem de districtos varios
Fogosos contingentes voluntarios,
Para a obra commum de defensão.
Entre esses taes Quiteria se apresenta,
Desfarçando na impropria vestimenta
Seu feminino e bravo coração.

Examinado, inscreve-se artilheiro
O camponez intrepido, trigueiro,
De membros e maneiras tão gentis,
Que para logo desconfiam todos
Da sua compostura, dos seus modos,
Do seu porte e seus trajas varonis.

Eis se descobre a civica fallacia
E o bello ardil, a temerosa audacia
Abre um sulco de augurios no porvir
Cinge um curto saiote a vivandeira,
Que, agora, de espingarda e cartucheira,
Nos "Periquitos" lesto vae servir.

Encarniça-se a lucta horrendamente.
Quiteria, sempre indomita e fremente,
Caminha na vanguarda das legiões.

Salta impecilhos, mofa de emboscadas,
Accommette trincheiras, paliçadas,
Quadrados, contingentes, esquadrões.

Quando, em Paraguassu, varias senhoras
Se fizeram da Patria defensoras,
Num arremesso insolito e feroz;
Lá estava Quiteria, desgrenhada,
A tiros de fuzil, golpes de espada,
Guardando as aguas da patricia foz.

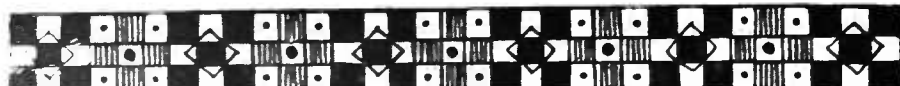
Com Labatut, na arena de Cabrito,
Correndo aos chamamentos do seu grito,
Quiteria de Jesus presente está.
Garbosa pelejou sete batalhas
E esteve na refrega, entre as metralhas,
Que a sagraram cadete em Pirajá.

Joven, galharda, deslumbrante heroína!
Triumphaste da horrifica chacina,
Calma, ascendeste ao Capitolio, a pé.
Bem haja a Communhão da Soledade,
Que a tua fronte de epica deidade
Ornou com ramos floreatos de café.

Ficaste sendo o symbolo da gloria
E entraste, eximia, os porticos da Historia,
Nascida embóra em asperos confins.
Fôste, naquella hora alviçareira,
A imagem da patria brasileira,
Toucada de esmeraldas e rubins.

Agraciou-te emfim, Pedro I
Com a merecida cruz de cavalheiro,
Insignia do brasilico valor;
E em vez de marechal só fôste alferes,
Enlevo e orgulho de homens e mulheres,
Pomba custodia de bravura e amor.

Carlos D. FERNANDES.



IMPRESSÕES DO SALÃO

Admirada, em conjunto, a nossa exposição official de bellas artes causa uma agradável impressão. Ha como em todas as mostras, o que satisfaz e o que não entusiasma; o que deixa o espectador indifferente e o que commove. Póde não ser um "Salão" á altura da nossa capacidade ou como querem os que diante da nossa produção artistica se abstrahem das condições do meio, da nossa educação esthetica, do estímulo popular ou official que os idealistas d'arte possuem. Acresce que o actual certamen fez-se logo após o do Centenario, o que denota esforço e dedicação dos nossos artistas.

Não podemos dizer que é inútil uma exposição de artes plasticas, mesmo quando nella não figurem, como na deste anno, pintores como Parreiras, Baptista da Costa, Visconti, Theodoro Braga, Lucilio e Georgina de Albuquerque, Bracet, Bruno e esculptores como Antonino de Mattos, Francisco Andrade, Kanto, Leopoldo Silva e Mazzucchelli e que ali falta sinceridade, quando o que se expõe, não foi realizado com perfeição, o que em nenhum centro de arte do mundo já se encontrou, foi feito com intelligencia e com alma e com a honestidade rara do artista brasileiro.

Ha obras interessantes e de valor no "Salão" de 1923. Veja-se, por exemplo, esse tumultuoso e singularissimo Antonio Parreiras, de uma capacidade de trabalho formidavel, de uma palheta rica de cor e luz, fremente e tropical. As suas telas, mais de setenta, ornamosinhas uma sala enorme. E a Natureza, varia e linda, placida, dormente, auroral, evocadora e pulchra de França, Suíssa, Normandia como a do Brasil, ali vive numa transplantação emocional poderosa e numa gloria fulgente de belleza.

E' verdade que a critica sabia e exigente não vê nessa opulenta realização pictorica motivos para ficar embasbacada como ficou diante da pintura de effeito do Sr. Koek-Koek, mais cabotino que "pintor de amargura y pesadilla", renovador e das paisagens vulgares de Monsieur Louis Tinayre. Mas, apesar disso o Sr. Parreiras é um mestre incontestavel. Ninguém o supera na paisagem, onde queríamos que concentrasse todos os primores do seu talento.

Pintor individual, possuidor de uma technica admiravel, colorista audacioso e justo, Parreiras traz consigo o sentimento da Natureza universal, interpretando-a com grande alma, de cada região traduzindo a formaosura e a dor, a alegria e a graça, de subito apprehendendo e traduzindo o característico deste ou daquelle lugar. Encanta na França como deslumbra no Brasil. E' maravilhoso em *Vallée de la Dala* (Suíssa) e em *Aurora nas planicies da Normandia*, como nos aspectos encantadores da Corsega e nos do Brasil, de tão intensa exuberancia.

Porque não vêr coisas harmoniosas e de profunda existencia pantheistica como *Castanhueiro de ouro* (França), de uma grande, inarravel beileza; *Velho Parque*, tão cheio de antiguras na solitaria morada e nas arvores outomnaes revelando erno e abandono? Como esquecer *Outomno florido*, de tão enorme desalento na paisagem, que é nossa, na maravilha d'ouro das arvores em efflorescencias lucidas? *Ultimo clarão* (Suíssa), um trecho de rua que em que os ultimos clarões do sol tocam a irregularidade do casario e que é um trabalho sobrio e solido — e *Piratininga*, admiravel de encantamento nas arvores e de esplendor na luminosidade alacre do dia?

Se nenhuma dessas telas valessem como arte, nem *Inferno verde*, que é uma das provas mais vigorosas da Natureza brasileira, nem *Salgueiros*, nem *Champfleuris*, ali estaria

esse grandioso triptico *Terra natal*, onde tão bem se sente a grandiosidade da matta que tão raros perustradores tem tido, onde a Terra é um hymno gloriosissimo de melodia e luminosidade.

Só os quadros desse portentoso Parreiras despertariam o louvor de quantos sabem apreciar as bellas coisas patriicias, como têm despertado o entusiasmo vivaz dos estrangeiros. Como o emotivo do *Solitude* apparece esse outro mestre da paisagem lyrica do Brasil que é o Sr. Baptista da Costa. Das suas quatro telas é bastante ver *Nevoas da manhã*, de tão doce poesia nas arvores distantes que a nevoaça da manhã envolve sob o céu calmo, sobre o lençol da agua dormente. Tudo nesse pequeno quadro é serenidade, luz meiguiceira, sereno amanhecer. E' uma tela valiosa, um pouco differente de quanto temos admirado do notavel paisagista brasileiro.

O Sr. Pedro Bruno tem: *Yara, A pescadora*, *Symbolo das praias* e *Repouso* e mostra que o premio de viagem lhe foi um bem apreciavel. Evoluiu. Sua pintura é agora mais fresca, mais espontanea e mais bella. Póde-se elogiar com prazer o *Repouso*, nú de justa e vigorosa carnção, interpretado com justeza e boa technica e louvar, com sinceridade, o *Symbolo das praias* — uma das obras mais importantes do "Salão" reveladora da nova maneira do artista. O tipo louro de mulher que sahe do mar trazendo no braço uma criancinha é de muita frescura e muita simplicidade, como o ambiente é harmonioso e sympathico.

Ao Sr. Theod. Braga de quem se não póde deixar de elogiar os trabalhos constantes e apreciaveis de estylisação da flora e fauna do viz, na ancia de crear, como evidentemente creou, uma esthetica puramente brasileira, cabe muitos louvores pela sua tela *Senhora*, um esbelto typo de mulher pintado com sobriedade, elegancia e leveza de tons, vivendo num ambiente calmo e de muita harmonia. A mulher loura, com um grande chapéo escondendo a farta cabelleira, de pé, tendo no braço direito a "boa" branca, voltada para o espectador, olha direito, numa expressão serena e numa *allure* natural e distincta. E' uma obra de arte brilhante, digna de ser vista com afeição e intelligencia.

Uma paisagem de immensa belleza é *Mangueira*, desse novo eminente que é Edgar Parreiras. O caminho á esquerda, a grande arvore á direita, os planos seguintes e o marmais além, são feitos com espontaneidade e conhecimento de valores e planimetria — todo o quadro sendo rico de colorido e de ar.

O Sr. Elyseu Visconti é o pincel sempre brasileira. Seis são os seus bellissimos trabalhos, feitos com aquella segurança technica que tanto se louva e aquella simplicidade intelligente, cheios de rythmo e de expressão cariciosa. De todos se destaca *Affectos*, de tocante sentimento e agradável maneira, como de sua obra se destaca uma alegre, festiva orchestração de cores e sonoridades.

O Sr. Paula Fonseca (João Baptista de), vai se distinguindo como paisagista, tornando-se senhor dos motivos, sentindo melhor a Natureza, com melhor conhecimento de perspectiva aerea, de planimetria, mais espontaneidade e graça. E' o que revela *Recanto de Fazenda*, bem sentido, de agradável corte e boa luz, traduzindo a grande poesia e solidão

campestres. *Retrato* (aguarella) *Duna ensolarada* — *Midnight*, são o envio do Sr. Gaspar Magalhães, o laborioso e estudioso pintor. Bem feito, com muito carac'er e conhecimento do genero é *Retrato*, como digno de menção é *Duna ensolarada*, trecho de praia de Ipanema tocado de sol e de rumor de ondas verdes.

O joven Sr. Garcia Bento, marinista, como na He panha Javier de Wethuysen, é o "pintor de los jardines" não nos poude dar os seus juvenis aspectos praieiros as suas ilhas solitarias e dá-nos apenas *Tarde de sol*, que confirma o seu renome. O joven Sr. Oswaldo Telxeira, por quem se deslumbra o Jury do "Salão", é a mesma revelação pictorica singular, inquieto, procurando a sua maneira caracteristica, a sua luz, a propria individualidade. Cada trabalho seu revela essa inquietude, fala da sua indecisão diante da arte eterna e divina, do cahos de que procura sahir, tomando rumo direito á belleza. Sua tela melhor devia ser *Sinit párrulus contre ad me*. E' a mais fraca. Preferimos *Recostada*, de muito vigor e naturalidade e os dois retratos.

Do saudoso pintor que soube ser Arthur Tlmotheo o "Salão" se honra com um *Retrato*, que é um primor d'arte, mostrando a intelligencia sadia que tão cedo enlutou a nossa pintura. João Tlmotheo figura com duas paisagens e uma mancha, esta sendo de muita belleza colorido agradável e confirmadora dos meritos do pintor.

A senhora Sarah Figueiredo merece incent vos com *Maruf* e *Retrato da senhorinha L. B.*

Manoel Santiago, que appareceu promettedoramente ha tres annos expõe *Yara*, que o não recommenda. Candido Fortunari fez o *Escultor Paulo Mazuchelli*, cujo caracter soube fixar. O joven Dakir Parreiras está representado com uma tela — *No quintal*, evidenciando a sua maneira moderna de ver e sentir as coisas. E' na feição que revela um bom trabalho.

A secção de esculptura diz que não temos escultores... o que Bernardelli, Corrêa Lima, Eduardo de Sá, Moreira Junior e outros podem desmentir. Tem uma duzia de expositores, sendo de justiça que salientemos Leopoldo Silva, com *Piedade*; Kanto, Andrade Antonino de Mattos e Mazzucchelli. Seis são os gravadores de medalhas, á cuja frente notavelmente se salienta o mestre Augusto Girardet, os melhores sendo Leopoldo Campos, Sobre e Arlindo Bastos. Dos novos expositores da secção de architectura destacam-se: Berna, Dubugras e Francisco Santos.

A secção de artes applicadas teve apenas quatro expositores: Helios Seelinger dá-nos dous azulejos nos quaes reproduz *Caravellas* e *Nossa esquadra em evoluções*; Theodoro Braga, que mostra varios trabalhos de estylisação da flora e fauna brasileiras tão despreczadas diante das suas pobrissimas rivae, estrangeiras e uma interessante frisa decorativa animando a lenda do *Veado e o jaboty*. Ludovico Berna expõe um *vitral*, em estylo Luiz XV e duas taças e a senhora Wanda Marie mostra um tapete bordado á mão, trabalho de gosto e habilidade, feito em antigagem e lã brasileiras sobre um desenho de Raul Pederneiros, que na secção de pintura assigna tres caricaturas a aguarella e que muito fazem rir.

E outros trabalhos ha no Salão e que nos escaparam neste relato ligeiro e pallido.

Carlos RUBENS

NOTAS & COMMENTARIOS

A reforma da justiça local

Tem sido muito debatido o projecto de reforma da justiça do Districto Federal, e varios advogados têm manifestado as suas opiniões a proposito, naturalmente cada um pensando de sua maneira e julgando erroneas as opiniões alheias... A reforma nem merece esse nome; pois não se reforma, mas se altera em alguns pontos o machinismo processual, o que, se pôde ter beneficios, não parece concorrer para melhorar a nossa justiça. O que ella precisa é de uma reforma, mas reforma na extensão perfeita da palavra, essa só com a revisão constitucional. O processo no Brasil é uma cousa inaudita. Basta que o leitor saiba (se já não sabe) que, afóra as 20 justicas locais dos Estados, o Governo Federal tem tres justicas, absolutamente autonomas, como se não fossem mantidas pelos mesmos cofres e nomeadas pelo mesmo poder, naturalmente com certas variações. Ha a justiça federal, propriamente dita, ou seja o poder judiciario, de que trata a Constituição; ha a justiça do Districto Federal, também federal, com a denominação de local; e ha a justiça, ainda federal, do Territorio do Acre. Isso é um absurdo que salta aos olhos e por que se ha de manter essa cousa exdruxula e incompreensivel? Aliás, uma das maiores necessidades para o bom funcionamento da justiça é a sua unidade. O federalismo centrifuga da Constituição deu aos Estados a competência para regular o direito adjectivo e a distribuição da justiça, salvo nos casos de competência federal expressa, resultando dahi uma série de abusos, que a pratica de mais de 30 annos já deve ter mostrado o inconveniente de manter o systema. Desde os Estados, em que a magistratura é enclotada, portanto, não podem os juizes exercer a sua nobre profissão com necessaria independencia, ou se sujeitam a vexames horribes, como acontece nesse longinquo e fantastico Amazonas; ou vivem subordinados ao imperio despótico da politicalha, que os ameaça sempre que lhe contrariam os abusos, findando por persegui-los abertamente, sempre que não conseguem a sua subserviencia absoluta. E' uma verdadeira lastima o que vai por certos Estados, onde se reduz a justiça a um papel desprezível e humilhante. Essa é a maxima questão, para a qual se devem volver as vistas. Que utilidade pôde haver em crear na justiça do Districto um juiz mais, ou fazer mais uma instancia? Modificações no aparelho judiciario, exactamente onde melhor e mais perfeitamente funciona? Em materia de justiça, temos muito a fazer. Mas, só o poderemos fazer, reformando a Constituição. E, agora que se agita a idéa, é lícito chamar a atenção para esse ponto capital. Nem o Supremo Tribunal, apesar do esforço e do trabalho intenso que têm os ministros da nossa alta corte, pôde ter reguladas as suas funções, pelo accumulo de serviço, nem ha meios de resolver. Os tribunaes regionaes morreram no nascedouro, porquanto tendo o Supremo considerado inconstitucional a sua criação, e cabendo-lhe indicar os candidatos a sua composição, nunca o fez, nem o executivo pôde levar a termo a sua idéa, caprichosa até. Portanto, isso de reformas por secção não nos pôde interessar, nem vemos porque essas alterações periodicas, cuja unica vantagem é crear lugares para os felizes apadrinhados, possam beneficiar a justiça. Só uma reforma radical, unificando a justiça, facilitando o seu funcionamento, barateando o seu custo, apresentando a marcha dos processos, seria um serviço real ao paiz. Mas essa depende da revisão e, agora que a questão está em ordem do dia é justo que os nossos juristas promovam a realização desses desiderata, com o que farão obra de são patriotismo.

"America Brasileira"

O Sr. Elvino de Carvalho, um dos nossos mais famosos e prestigiosos escriptores, que pôde ser autônomo pela efficaz exploração da propria industria, continúa brilhantemente a cumprir desenvolver o fecundo

programma civil e cultural da sua primorosa revista *America Brasileira*. O ultimo numero desse lustroso magazine, que se subintitula devidamente "resenha da vida nacional" é consagrado ao 2 de Julho, a grande ephemeride bahiana, que assignala em a nossa historia a consolidação da independencia nacional.

O director da *America Brasileira*, continuando a galhardia com que summariou os episodios do Centenario, acaba de enfeixar no presente numero uma curiosa e profusa documentação historica referente aos feitos bahianos. Essa obra de serena e imparcial indagação foi realizada com infrangível criterio, trahindo a cada passo o senso de selecção esthetica do seu abnegado cimprehendedor.

Variando e duplicando o interesse desses valiosos depoimentos de coetaneos e posteriores de 2 de Julho, agrupam-se na *America Brasileira* diferentes escriptos de collaboração autorizada, todos convergentes para accentuar o relevo, a graça e o influxo instructivo da insinuante revista.

Agradecemos a visita e encarecemos a pontualidade da *America Brasileira*. (D'A União, da Parahyba.)

CARLITOS

Carlitos foi o primeiro dos homens que soube realizar um drama cineplastico, — e nada mais do que cineplastico —, em que a acção não illustra uma ficção sentimental ou uma intenção moralista, mas faz um conjunto monumental, projectando do intimo do ser, na sua forma visível e seu meio material e sensível, sua visão propria do objecto. Eis ahi, segundo me parece, uma grande coisa, um grande acontecimento, analogo á concentração nesses mesmos de todos os elementos coloridos do espaço por Ticiano, de todos os elementos sonoros por Haydn para criar as suas almas e nol-as esculpir em nossa frente. Ninguém se apercebe disso, evidentemente, porque Carlitos é um palhaço e um poeta, por definição, é um homem solemne que vos introduz no conhecimento pela porta do tedio. No entretanto, Carlitos me apparece também como um poeta, e mesmo, um grande poeta, um criador de mythos, de symbolos e de idéas, dando á luz um mundo desconhecido...

ELIE FAURE.

A nossa situação julgada pelo Presidente de Minas

O valor da exportação geral do Brasil, nos seis ultimos annos, expressa-se do seguinte modo, em numeros redondos, em papel-moeda, com o seu correspondente em ouro:

Exportação total do paiz	
Annos	Peso em 1.000 toneladas
1917.....	2.017
1918.....	1.772
1919.....	1.908
1920.....	2.101
1921.....	1.919
1922.....	2.121

Valor papel 1.000 contos	
1917.....	1.192
1918.....	1.137

1919.....	2.178
1920.....	1.752
1921.....	1.709
1922.....	2.332

Valor ouro 1.000 contos

1917.....	544
1918.....	538
1919.....	1.034
1920.....	689
1921.....	403
1922.....	552

Ora, commentando a nossa situação economica, o Sr. Raul Soares, na sua ultima mensagem, externa commentarios dignos de reflexão e divulgação, pois colloca o Presidente de Minas a questão no terreno da realidade. Diz elle que, tirante o anno de terminação da guerra europeia, em que houve recrudescencia de preços pela abertura de mercados de consumo até então cerrados, ultimo decennio, encarado sob os aspectos reais do volume e do valor ouro da exportação, foi para o paiz um periodo de retardamento economico e de depreciação dos seus productos, apesar das apparencias de uma prosperidade vertiginosa, traduzida no volume dos negocios em papel-moeda. "E' este um phenomeno que se observa em gráo maior ou menor mas, invariavelmente, em todos os paizes affligidos pela inflação monetaria. A inflação, na ordem economica desenvolve a força centrífuga, fomenta na periphéria a actividade dos negocios, a especulação sobre terrenos urbanos, as transacções a termo sobre um volume muitas vezes superior ás possibilidades da produção, a conversão accelerada de outros capitales em capitales fixos (construcções civis, obras publicas), a affluencia para as cidades, a multiplicação dos bancos, sem fomentar a actividade productora, na mesma proporção da actividade especuladora, antes abatendo aquella pelo desequilibrio dos factores da riqueza. Aviltando a moeda do paiz, a inflação enfraquece a resistencia do productor contra a pressão natural do comprador externo. Se o mercado exterior offerece lb. 10 por um mercadoria nacional cotada a 200\$ com o cambio de 20\$ a libra, no primeiro desnivelamento da taxa, se a libra subir a 25\$, aquelle passará a offerecer pela mesma mercadoria lb. 9, isto é, 225\$, que o productor aceitará na illusão de que o seu producto se valorizou."

Na verdade, ao passo que a produção decresce em algumas partes do Brasil e apresenta, no conjunto, um augmento inferior á média dos paizes de economia cansada, recrudescce o movimento de negocios, expresso em papel-moeda cada vez mais depreciado. No ultimo quinquenio, o encaixe dos bancos que operam em nossa patria elevou-se de menos de meio a mais de um milhão de contos; o desconto de letras triplicou: quasi triplicou a somma dos depositos á vista. Se é verdadeira a lição dos economistas e da experiencia de todas as nações, devemos acreditar na gestação de uma crise, cujo desenvolvimento poderá ser abreviado ou retardado, attenuado ou aggravado, conforme o caminho que fór escolhido: ou alargamento da circulação fiduciaria, augmento das despesas publicas e dos "deficits", ou reforçamento das comportas da inflação, das economias e do equilibrio dos orçamentos.

O café, que durante a guerra europeia e no periodo immediatamente posterior, alcançava preços compensadores, entrou a experimentar nos mercados externos uma baixa em progressão mais rapida do que a que podia ser compensada pelo alteamento do seu preço interno, proveniente da depreciação da moeda nacional. O Presidente de Minas Ge-romeno se encontra nas variações da produção aggravadas com a retratação do credito pelos "Federal Reserve Banks" dos Estados Unidos que, em 1920, elevaram as taxas de desconto de modo a impedir a retenção dos "stocks" alli existentes e a formação de novos. Ao mesmo tempo, o declínio do cambio, dissimulando a depreciação

do producto, entibrou a resistencia do mercado interno, até o ponto de tornar necessaria a intervenção official da União, á qual Estado prestou, na medida dos seus recursos, a coadjuvação solicitada, por se tratar de uma mercadoria basica da economia nacional e em particular da de Minas. Mas, para executar a defesa do café, para conseguir na Europa e nos Estados Unidos preços apenas razoaveis, foi necessario que o preço interno se alteasse até atingir, senão ultrapassar, a capacidade acquisitiva do consumidor nacional, das classes menos providas de recursos.

Entende o Presidente de Minas que se este facto acarretar a redução do consumo do café, em vez do seu alargamento, que seria o recurso natural de defesa desse producto, provará apenas a difficuldade da solução do problema, sobre a qual tanta divergencia reina entre os entendidos. No primeiro trimestre de 1920, segundo os dados da Estatística Federal, a sacca de café custava no Rio, posta a bordo, em média 88\$, que valiam £ 6.10 sh. No mesmo periodo de 1921 cahio a 59\$, que valiam já apenas £ 2.7 sh. No primeiro quartel de 1922, para obter a sacca £ 3.6 sh., isto é, metade do valor de 1920, mistér foi que o preço subisse não lá a 44\$, metade daquelles 88\$, nem mesmo a esta somma, mas a 105\$000. Para conservar o mesmo valor ouro ou pouco mais, no primeiro trimestre do anno corrente, teve de galgar a altura desconhecida de 147\$ por sacca.

"O problema do café, escreve o Sr. Raul Soares na sua mensagem, é uma equação economica, cujos termos são o productor e o consumidor, ambos com interesses igualmente attendiveis. Baixe o preço de uma mercadoria e teros desalentado a sua produção; deprimi-o um tanto mais, e o teres estancado. Do mesmo modo com o consumidor. Alteie o preço do genero, e tornal-o-heis inaccessible á bolsa do povo. Elevei-o ainda, e começará a escassear a freguezia mediana. Exalce-o : artigo de luxo, e só terá a clientela dos abastados, que são o menor numero. Foi o alto preço da borracha do Amazonas que abateu essa riqueza nacional, suscitando-lhe a concorrência irremediavel da Asia."

A área productora do café dilata-se por tres continentes, numa grande extensão. E' certo que no Brasil a sua cultura encontra condições mesologicas inegualaveis, alhures, mas, em compensação, regiões ha no nosso e em outros continentes onde o braço o transporte são consideravelmente mais baratos. Desde que se mantenha o preço estabilizado em alto nivel, o concorrente não deixará de adoptar para com esse producto o processo que applicou á borracha. Vêde estes numeros da produção do café nos outros paizes, fóra do Brasil:

Annos	Saccas
1889-90.....	3.965.000
1899-900.....	4.842.000
1909-910.....	4.181.000
1919-920.....	8.463.000

Produção esta que proveio principalmente da Colombia, da Venezuela e das possessões hollandezas. No entanto, para compensar essa circumstancia, o uso do café desde alguns annos se alarga progressivamente no paiz maior consumidor desse producto, os Estados Unidos, onde vem substituindo gradativamente ao chá e, agora, ás bebidas espirituosas, depois da ultima reforma constitucional que prohibio o fabrico, commercio e ingestão do alcool.

Conclue o Sr. Raul Soares que a sorte da industria cafeeira depende do resultado da luta entre a produção e o consumo. Se est- avançar mais rapidamente que aquella, será a prosperidade e a riqueza. Se aquella se accelerar sobre este, voltarão os mãos dias e o desaparecimento dos concorrentes mais fracos. "Tenho confiança na preservação desta riqueza publica e na prudencia dos homens a quem está confiada a sua defesa. Não devemos, porém, dissimular os riscos desse empreendimento, inspirado por um patriotismo esclarecido e realizado com a maior competencia. Querer encobri-los seria adoptar a tactica do avestruz, que cuida evitar o perigo, encobrindo a cabeça para o não ver. O verdadeiro optimismo, condição essencial de progresso dos povos e de successo das administrações, não consiste em fechar os olhos ás circumstancias adversas, mas em pesal-as com exactidão, reconhecer-as com franqueza e enfrentar-as resolutamente, para prevenir as suas consequências. Não podemos dormir sobre a bonança do café. Man-

EMPRESTIMO EXTERNO DO MARANHÃO

As recentes discussões sobre o empréstimo externo do Maranhão eram provar que essa operação foi feita em condições muito pouco favoráveis. O empréstimo é de 1.500.000 dollars a juro de 5%, tipo 85, amortização em 20 annos. E do total serão, off-activamente, empregados nas obras a que se destina a transacção, apenas 76.440 ou seja pouco mais da metade. A outra metade é consumida, logo de inicio, da seguinte forma:

	Dollars
Diferença de tipo.....	225.000
Despesas de emissões de apolices na America.....	25.000
Remuneração da Casa Ulen.....	187.500
Idem adicional por despesas preliminares, (2,5 %).....	37.500
Para pagamento da amortização em quatro annos.....	119.280
Idem de juros em 1923.....	60.000
Idem de juros em Maio de 1924.....	59.280
Ou seja.....	713.560

Em garantia dessa operação deu o Estado os impostos não gravados: obrigou-se a depositar as receitas arrecadadas até completar quantia necessaria ao serviço de juros e amortização; comprometteu-se a não contrahir novo empréstimo sem resgatar um terço deste, tendo a casa Ulen preferencia, em egualdade de condições, caso se faça novo empréstimo, e assumiu a obrigação de não alterar, para menos, durante vigencia do contracto, os impostos dados em garantia.

tenhamos-nos despertos, preparados para oscillações de preço, que são contingencia inevitavel de todos os productos agricolas, empenhados em baixar-lhe o custo de produção, pelo aperfeiçoamento da cultura, e em melhorar-lhe os typos."

A situação de Santa Catharina segundo a Mensagem do Presidente do Estado

Segundo a mensagem do Governador Hercilio Luz, é a seguinte a situação do Estado, nos elementos principais de sua vitalidade: na instrução publica se notou um crescimento animador nas matriculas e no numero de escolas isoladas. Funcionaram, em 1922, todas as escolas publicas, com 31.097 alumnos, sendo essa frequencia de 7,8 % superior a de 1921. As escolas isoladas, de 450, passaram a 509, e a matricula nessas escolas de 23.671, em 1921, ascenderam a 25.502 em 1922. Nas escolas federaes, municipais, subvencionadas pelas Municipalidades, e particulares, a matricula foi de 14.553 alumnos, numero que, somado ao de alumnos das escolas estaduais, totaliza a população escolar do Estado em 45.650 alumnos, o que representa um augmento de 5,9 % sobre a matricula de 1921. O Estado de Santa Catharina é o que gasta maior porcentagem da sua renda com a instrução. Cuida, depois, da situação das obras do Estado, especialmente dos melhoramentos de Florianopolis. Passando a tratar das concessões de terras, em numero de 206, representando 292.476.554 metros quadrados, afóra as terras concedidas em virtude de contratos especiaes. O movimento immigratorio em 1922 se reannou, entrando 1.615 familias, com 9.731 pessoas. A receita do Estado foi de 9.979.445\$278, o que representa mais de 37 % sobre a estimativa orçamentaria, e a despesa realizada, de réis 11.344.141\$440. A divida passiva do Estado assim se representa: emprestimo externo de 1922, 4.843.028 dollars; emprestimo externo de 1919, 9.533.18 esterlinos e emprestimo externo de 1911, 35.613 libras; divida interna consolidada, 5.217.700\$ e divida fluctuante 3.504.298\$480. A divida activa do Estado é de 1.500.924\$580. Em 1922, o Estado exportou 42.891.807\$374, ou seja mais réis..... 11.880.309\$574 do que em 1921. O intercambio commercial com o estrangeiro foi de réis 5.736.197\$818, tendo sido a maior exportação feita para a Argentina, no valor de réis 5.931.950\$014.

Homenagem ao Mexico

Foi recebida com os maiores e mais sinceros applausos a idéa do Deputado Domingues Barbosa, apresentando á Camara de que faz parte um projecto de lei, mandando que se offereça ao Mexico uma estatua de Gonçalves Dias, com o duplo intuito de render uma homenagem ao grande poeta na America e de retribuir ás innumerables gentilezas que, de algum tempo a esta parte, temos recebido continuamente do Mexico. A elevação da Legação á Embaixada, a sua repre-

sentação por ocasião do Centenario, a offerta do monumento do Cautemoc do pavilhão na Exposição e o convite a escriptores brasileiros para visitar esse paiz, onde têm sido recebidos com as mais carinhosas e excepcionaes demonstrações, tudo isso tornou o Brasil devotor de altas provas de affecto do Mexico, que, em boa hora o deputado maranhense cuidou, não retribuir, mas agradecer, offerecendo a estatua do nosso grande poeta, aquelle que mais vibrou a sua lyra, cantando a gente autochtone da terra americana. Estamos certos de que o projecto não dormirá o somno do esquecimento nas pastas das commissões, tudo isso tornou ao plenário receber a approvação entusiastica do Congresso, a que se apresenta esse ensejo feliz para testemunhar ao Mexico o muito que nos têm tocado as suas provas de cordialidade e arraigado desejo de aproximação, não só economica, mas também intellectual entre as duas nobres patrias. A maneira por que foi acolhido o escriptor Sr. Ronald de Carvalho, na sua recente visita a esse paiz amigo, as multiplas manifestações que recebeu, não sómente da intellectualidade mexicana, senão do Governo, principiando pelo illustre Presidente Obregon, que lhe prestou varias homenagens, é mais um indicio do alto apreço que nos consagra essa admiravel Republica, em cujo sólo, plantando a estatua de Gonçalves Dias, testemunharemos um agradecimento sincero, vindo do coração.

A questão siderurgica

A questão da siderurgia nacional não teve ainda uma solução favoravel, como constitue ella um dos problemas fundamentais da nacionalidade, é interessante conhecer a opinião do Sr. Presidente de Minas a respeito desse grande problema economico. Na sua ultima mensagem, o Sr. Raul Soares declara que não é contrario á exportação do minerio, porque, possuindo o Estado cerca de 3.500.000.000 de toneladas dos mais ricos minerios, não ha nenhum inconveniente para o futuro encaminhar uma porção de tão opulento deposito ás nações que delles necessitam, mas acha que devemos em primeiro lugar cogitar da nossa siderurgia, assentando-a em bases nacionaes e impedindo se estabeleça o monopolio numa industria a que se ligam o progresso economico e a defesa do paiz.

A respeito do contracto da "Itabira Iron Ore Company", diz o Sr. Raul Soares que se recusou a assignal-o por considerar sobremaneira desvantajoso as suas clausulas. Assim se exprime o Presidente de Minas: "A victoria a Minas estava obrigada a melhorar as condições technicas de sua linha e electrifical-a afim de transportar minerio de ferro a oito réis por tonelada kilometro. Pelo contracto com a "Itabira Iron" aquella obrigação passa a esta empresa, que, em compensação, terá o direito de fazer trafegar seus trens pelas linhas da Victoria a Minas "gratuitamente". Desappareceria assim por completo qualquer esperança de ficar a União exonerada do pagamento da garantia de juros a Victoria a Minas muito menos de

ter restituição das garantias a pagar. Ora, a principal razão de ser da Victoria a Minas é o transporte de minério. Das rendas deste transporte é que deveria viver. E justamente de dessas rendas ficaria privada. Alias, parece que o intuito de "Itabira Iron" é substituir-se ella ou absorvel-a, em vista da concessão que lhe dá o contracto de fazer as linhas Itabira a Santa Cruz, entroncando nos pontos convenientes da Victoria a Minas e de collocar trilhos parallelos na zona privilegiada da mesma estrada. Os prejuizos da Estrada de Ferro Victoria a Minas que é feita com garantia de juros, portanto, com dinheiro da Nação parecem evidentes. Que a consequencia do contracto seria o estabelecimento definitivo irremovivel de um monopollio é cousa inacceptivel de discussão uma vez que ficariam fechadas a entrada e a saída do minério pelas estradas da "Itabira Iron" a qual nem sequer teria a obrigação de transportar numerosos alheios. E é essencial que a linha de Victoria a Minas seja absolutamente livre, por ser o caminho natural in substituiavel do minério do Estado para o oceano. Sem uma revisão attenta do contracto com a União, em que sejam salvaguardados tão grandes interesses, não pode, pois, o Estado facilitar o estabelecimento da "Itabira Iron".

Ao mesmo tempo encontramos na menagem informações confirmando que a nossa incipiente industria siderurgica apresenta de anno para anno, sensivel progresso e vai marchando lenta mas seguramente para a nossa independencia da importação estrangeira. A produção do gusa em breve supprirá todas as necessidades do consumo interno e já se tem feito com successo algumas remessas para a Argentina e Portugal, onde o gusa mineiro foi experimentado com exito completo, pelas suas qualidades excepcionaes. Por outro lado, a esperança de podermos, em dias não remotos ver empregado em fornos altos o carvão nacional, parece que se tornará realidade mais cedo do que se suppunha. Com effeito, as experiencias realizadas na Europa por um competente professor da Escola de Minas, expressamente commissioned pelo Governo Federal, demonstraram que, se a hulha do Rio Grande do Sul não se presta á produção de coque para o forno alto, os carvões mineiros de Santa Catharina o produzem e da melhor qualidade. Assim sendo, a questão do combustível nacional ficará dependendo sómente de transporte facil e barato.

Finalmente, a electro-siderurgia vai apresentando resultados promissores no paiz, e principalmente em Minas. De facto, o exito da Companhia Electro-Metallurgica de Ribeirão Preto, que está fazendo ago de primeira ordem com o minério de ferro levado de Minas, abre largas perspectivas á nossa industria siderurgica, que, ao lado das montanhas de ferro, encontra quédas d'agua poderosas e as florestas necessarias. Dentro do Estado de Minas já funciona a Companhia Electro Siderurgica Brasileira, que tem em Juiz de Fora um forno com capacidade de 12 toneladas diarias de aço, dous trens de laminadores e installações para segunda fusão de ferro e aço. A Usina Queiroz Junior Limitada dispõe de dous altos fornos na antiga e tradicional Usina Esperança e outro na Estação Burnier, todos em actividade. A Companhia Siderurgica Belgo-Mineira, com usina em Sabará, tem em serviço um alto forno e outro em estudos. Dispõe de fundição de ferro e cobra e de uma boa fabrica de cimento para o aproveitamento da escoria. Começa a Companhia a montagem de um forno Martin, pra fabricação de aço, e bem assim de dous trens de laminadores. A firma Gerspacher & Glanetto mantém em Rio Acima um alto forno de boa capacidade. Igualmente a Companhia Nacional de Altos Fornos está montando na estação de Gagé um alto forno com capacidade para 50 toneladas de gusa, que será transformada em aço por processo electrico. Serão igualmente installados alli laminadores para ago de varios perfis. A nossa siderurgia e carvão vegetal soffre actualmente o embaraço oriundo do alto preço de combustível nas regiões onde estão situadas as usinas. As Companhias interessadas estão enveredando para o bom caminho, com plantação de eucalyptus e outras essencias, de que a Usina Esperança já tem 20.000 pés e a de Gagé 60.000. A siderurgia e carvão de madeira anda bem, com tudo, uma vez que a zona para o seu desenvolvimento, pois nas margens do Rio Doce encontra abundante minério rico fundente e combustível.

Estudos brasileiros

Da Tribuna, de Santos, transcrevemos, com a devida venda, a seguinte local, sob a epigraphie supra:

Ha um aspecto da moderna litteratura brasileira — notadamente da em que se especializam os escriptores centralizados no Rio de Janeiro — que não pôde passar despercebida: é a maneira com que se volta para a nossa vida, para a vida do paiz, naquillo que ella tem de mais característico, de mais intimo, de mais apreciavel, deixando para além de uma época de desanimo e pessimismo os resabios do negativismo em que nos fomos afundando.

E' ler essa forte geração de estudiosos das nossas particularidades sociais e historicas em que, pondo ao de cima Rocha Pombo, é licito destacar os nomes de Elyso de Carvalho, Tasso da Silveira, Ronald de Carvalho, Oswaldo Orico, Nestor Victor, Renato Almeida, Andrade Muricy, Mario Simonsen, Graça Aranha.

Com a recente fundação do Instituto Varnhagen, graças aos esforços dessa pleiade pujante, vão os estudos brasileiros constituir, não só a preocupação dos altos espiritos acima apontados, além de outros muitos, como receber uma directriz, uma ordem, uma feição harmoniosa que os tornem accessiveis aos espiritos de menor alcance.

Porque a verdade em tudo isso é que tal surto espiritual, em torno da vida do paiz, não procede de outra causa senão esse despertar da consciencia nacional que se verificou aqui desde o inicio da Grande Guerra. O terrivel quadro europeu obrigou-nos a trocar a attitudie passiva de espectadores de tudo quanto se passava além-Atlantico — nunca é demais frisar esse ponto — por uma outra bem mais util: a de espectadores do nosso proprio drama historico e social.

E ahí estamos a ver com que ardor, com que desassombrado enlevo, os nossos escri-

O CUBISMO

O cubismo não é simplesmente uma fria enumeração mathematica. E' o corpo material que reconstruiu com logica, obedecendo aos principios do Universo, onde tudo é harmonia. Fora do realismo e das suas monotonias sentimentaes, é que reconquistou normalmente a verdade espiritual, unica razão de ser da obra de arte.

METZINGER.

ptores dedicam livros e livros aos nossos phenomenos, indagando, perquerindo, analysando. E' ha em tudo isso um facto singular: São Paulo, que é a acção, São Paulo, que é a força realizadora, São Paulo, que é o exemplo da energia constructiva, e possui um nucleo intellectual respeitavel, permanece, no tablado das letras, indifferente, quasi, ao movimento que se observa no Rio. A litteratura de São Paulo continua puramente especulativa, não se contando aqui, em numero superior a cinco ou seis escriptores-publicistas de merito real.

Os prélos na paulicéa estão diariamente despejando aos azares da publicidade volumes e volumes; poucos os que se prendem a assumptos praticos. Na quasi totalidade, obras de ficção. Eis aqui um phenomeno que está desafiando uma analyse mais detida, que a natureza deste "suelto" não comporta.

A sala Azteca

O Museu Nacional, em breve, augmentando o seu patrimonio, terá enriquecida a sua secção de assumptos americanos. O governo do Mexico, accrescentando uma nova demonstração de affecto ás innumerables provas que nos deu por occasião do Centenario da Independencia, doar-lhe-á uma rica colleção de trabalhos biologicos e archeologicos, constituindo, assim a Sala Azteca. O pretexto que a acompanha — se pretextos são necessários para os testemunhos de amizade — é a retribuição ás attensões que affirmamos aos representantes do paiz irmão nas festas de 7 de Setembro. Assim é que a secretaria de Agricultura e Fomento, conforme resolução do presidente Alvaro Obregon, entregará ao Museu, por intermedio do embaixador Torre Diaz, entre outros, os seguintes objectos. Se-

ção de Anthropologia — "Maquettes" da zona archeologica do valle de Teotihuacan, ao tempo de Omotzalcate (Ano dos Ventos) e da igreja de Acoomun, reprodução exacta de um altar do templo do Omotzalcate; ceramica peculiar da região de Teotihuacan; typos ethnographicos, em gesso, e objectos dessa região: ceramica Maya; album de photographias de ruínas archeologicas e colleção de photographias muraes; "A população do valle de Teotihuacan", importante trabalho em tres volumes, de autoria do engenheiro Manoel Gamio, Secção de estudos biologicos; 64 exemplares da fauna e flora mexicana e quinze telas, aquarellas. Constituirá ainda patrimonio da Sala Azteca uma rica variada colleção de "specimens" do Museu Nacional do Mexico.

A esthetica da cidade

E' este um problema no qual se deve sempre insistir. O Rio de Janeiro é uma formosa cidade, mas sempre victima de administradores sem gosto, de provincialismos injustificaveis, de imprevidencias de toda ordem. Assim, temos encravadas na arca monumental da cidade, por exemplo, na Avenida Rio Branco, entre os palacios do Supremo Tribunal e do Club Militar, algumas casinhas de fachadas modestas e ar burguez, que prejudicam sobremaneira a imponencia da nossa principal via publica. Por outro lado, em ruas estreitas installam-se grandes bancos, construindo predios admiraveis, como o feito para o Banco Italiano de Desconto, que é um dos mais bellos edificios da cidade, mas posto em lugar sem perspectiva sequer para se lhe contemplar a fachada. Os nossos prefeitos nem sempre têm o gosto aprimorado e o conhecimento de grandes cidades, de modo que administram o Rio como se fosse qualquer cidade do interior, resentindo-se, sobretudo, essa administração de unidade. Cada prefeito, cada orientação. Além do mais, nota-se uma grande ausencia de previsão, sendo que os melhoramentos são feitos, por via de regra, para um dado momento sem se contar com o vertiginoso desenvolvimento da capital, resultando d'ahi a sua deficiencia tempos depois. Acontece, destarte, que o Rio tem a sua esthetica comprometida em multiplos pontos, sobretudo pela construção, mestres de obra gananciosos e sem o minimo gosto, que entulham com monstregos as nossas ruas e estragam até a paisagem deliciosa da cidade. A Prefeitura se limita a verificar a segurança das obras, completamente indifferente á esthetica.

Agora, ao que se annuncia, já se estuda o plano de construção da grande área do morro do Castello, dizendo-se que uma comissão delinha o projecto. E' momento, pois, de chamar a attenção das autoridades para a importancia desse novo perimetro, qu, pela sua situação admiravel, se destina a ser um grande centro da vida urbana. E' preciso evitar que o primeiro individuo, que comprar um lote de terreno, tenha o direito de ali edificar a casa que lhe aprouver, de um só ou de dous pavimentos, com uma fachada simploria, de accordo com o aprazimento de qualquer mestre de obra imbecil. E' preciso organizar um plano de conjunto, fazendo-o executar rigorosamente, no qual se devem cuidar das exigencias do embelezamento, das condições da viação e transito (outro problema insolúvel e que dia a dia mais se complica), afóra as imprescindiveis necessidades de segurança, conforto e hygiene. O que não se pôde continuar a ver é esse sacrificio de uma cidade formosissima, ao máo gosto de seus dirigentes. A cada hora ha lastimaveis decepções. Em lindos jardins, collocam-se estatuetas horribes, compradas em qualquer marmorista estrangeiro; em ruas distinctas permite-se que um senho-rio em briga com o inquilino pinte de vermelho a fachada da casa, inclusive as cantarias; ao lado de palacios se da licença para uma casinha pittoresca. O resultado é que o Rio, de surpreendente natureza, offerece um deploravel espectáculo de esthetica urbana a quem o visita, admiradissimo por certo do descecho da Prefeitura por esses assumptos. Não sabemos se existe alguém que fiscalize a belleza da cidade (si existe devemos duvidar do seu bom gosto), mas o certo é que precisamos tornar uma realidade essa fiscalização, no caso de já haver, qu erial-a, quanto antes, se não existe, como parece. Agora, no Castello não pode haver a justificativa de que o conjunto saiu prejudicado pela diversidade de épocas, em que se cuidou da remodelação. E' preciso traçar um plano e executá-lo fielmente. Confiamos que o Sr. Prefeito Alair Prata tenha a necessaria energia para salvaguardar a cidade de quaisquer aventuras, porquanto as que ahí estão já bastam.

Ruy Barbosa

Inaugurando na sua sala de sessões, sob a tribuna dos oradores, o retrato de Ruy Barbosa, o Instituto da Ordem dos Advogados não rendeu, apenas, homenagem a uma memória insigne, mas cultuou o próprio Direito, que teve em Ruy Barbosa, na palavra e na actividade, a sua mais alta e formidável expressão. O grande advogado, será o symbolo mais augusto da perseverança na justiça, através todos os embates da força e da insidia; da crença no direito, contra os potentados e os arbitrios; de fé na liberdade "omnipotente creadora das nações robustas".

Essa homenagem foi como que uma canonização ao Mestre, perpetuando-lhe a glória imorteloura. Da oração que produziu o Professor Pinto da Rocha transcrevemos alguns trechos de grande brilho:

"Em um dado momento da sua evolução politica, cada povo tem um nome que o representa e o synthetisa.

Dentro da segunda metade do século XIX, a Italia teve Cavour; a Hespanha teve Castellar; a França teve Thiers; a Inglaterra teve Gladstone; a Alemanha teve Bismark; Portugal teve Fantes Pereira de Mello; o Brasil teve o Visconde do Rio Branco.

Dentro do século XX, Crispi representa a Italia; Canovas del Castillo, a Hespanha; Clemenceau personificou a França; Lloyd George, a Inglaterra; Bethman Holweg personificou a Alemanha. Theophilo Braga, a transição portugueza; Mitre foi o expoente argentino; Woodrow Wilson, synthetizou o espirito dos Estados Unidos; Ruy Barbosa symbolisa a evolução do Brasil e do Continente sul-americano.

Esse nome foi condão da nossa Patria, desde 1906, foi a vara magica da America.

Essa vida, Ruy Barbosa, depois dos dias luminosos de Haya, foi o oraculo dos Delphus, resurgido no Brasil.

Depois de morto, a casa de São Clemente vai ser, não o templo de Jupiter, mais o rellario de Mount Vernon. A casa da Virginia e a casa de Botafogo serão para as duas Americas, os focos do grande eclipse da evolução continental.

Desde 1868, esse nome appareceu no horizonte; subiu como o sol, mas ao contrario deste, apesar de desapparecido da nossa vista, ainda não desceu, e, assim, a nossa terra, desmentindo a fatalidade das leis cosmicas, parece haver parado os seus movimentos de rotação e translação, para se deixar ficar, como extasiada, á frente do astro, embebida na luz que delle ainda emana e aquecendo-se ao calor que o seu genio espargue prodigamente, em torno.

Esse nome viveu na dispersiva movimentação da Babylonia Carioca, sem se deixar empolgar por ella; ora, como um centro de convergencia e cohesão; ora, como um ponto de onde emanava a força de repulsão, mas alentando sempre a solidariedade deste formigueiro humano, erguendo uma vasta officina de labuta, rasgando uma arena immensa de justas incruentas, accumulando energias, actividade, iniciativas, musculos, vontades e sciencias, embora isolado na tepida serenidade da sua maravilhosa bibliotheca, tempo onde ia a romagem dos crentes beber inspiração e conselho, nas horas amargas da vida; onde accudiram, de toda parte, os que tinham sede de Direito e fome de Justiça; onde os amigos se concentravam, enquanto Elle discorria; onde os inimigos emudeciam quando

Elle surgia na clamyde da sua bondade augusta; onde os filhos encontravam em beações da alma paterna os effluvios excoelso do amor que os enlaçava; onde os netos lhe brincavam sobre os joelhos, como raios de sol que entrassem pelas janellas, para se descompor em sorrisos alacres no crystal da sua grande alma, asylada num organismo pouco menos debil e quasi, tão pequeno, como o dos netinhos, tal qual, na delicata contextura de uma gemma de ovo, habita em germen a poderosa musculatura de um Condor.

Na labutação interminavel da intelligencia, viveu apenas pela cerebro, como as velas vivem pela chamma que se consome, dando luz; na constante elaboração das idéas, es-tudando, nas fontes da vida, as transformações do Direito, através dos seculos, as conquistas da Liberdade, através da Historia, e os triumphos da Justiça, sob os escombros das gerações; accumulou, em livros preciosos, thesouros inesgotaveis e impereciveis, para que todos nós possamos ter, no recanto dos nossos lares, o direito de trabalhar, aspirando livremente o oxygenio que Deus distribuiu com igualdade entre os homens, e os homens pretendem monopolisar entre os privilegiados das seitas e das facções; transformou a eloquencia em catapultas contra a oppressão, fazendo de cada palavra um virote contra a violencia, de cada phrase um thermo-cauterio contra a prepotencia; pleiteou na tribuna do Senado, dos tribunaes e das Academias, a liberdade dos opprimidos e o castigo dos oppressores; acudiu a todos os perigos; estendeu a mão a todos os naufragos soccorrendo os encarcerados, abrindo horizontes novos ás almas dos moços que tentam penetrar na vida, defendendo o lar dos que, pelo trabalho, fecundam a terra da Patria; garantindo aos velhos a certeza de poderem dormir o sono ultimo da vida na terra livre do Brasil redimido e grande; poz uma aureola de glorias incruentas sobre o busto branco da Liberdade republicana, em troca da corôa de espinhos e punhaes, com que a caudilhagem de todas as procedencias, lhe compensou a abnegação liberal dos serviços prestados á grandeza da Patria; cimentou a paz, quando outros incitavam á guerra; ergueu a consciencia humana acima das imposições brutaes da força, alcandorando a soberania do povo acima da vontade dos potentados, vencendo a espada com a penna, fazendo calar, com a voz da sua garganta, a trovoadas dos canhões; evangelizou pela imprensa, como os apostolos evangelizavam na Judéa, levando a todos os pontos da terra brasileira a sublimidade das suas doutrinas concretisada na trilogia suprema do respeito, do amor e da honra: respeito á lei, respeito á Justiça, respeito ao Direito; amor á Família, amor á Patria, amor ao Trabalho; honra ao Povo, honra á Consciencia, honra ao Dever; finalmente, ergueu o nome da nossa terra ao conceito do mundo culto, muito acima da culminancia que attingu a Libellula de Santos Dumont, porque soube revellar e affirmar á consciencia mundial, na memoravel conferencia de Haya, um Brasil até então desconhecido, um Brasil novo que surgiu para o Direito internacional, como a luz emergiu do cahos ao "fiat" mysterioso e omnipotente do verbo de Deus; porque soube despertar da catalepsia perigosa da inconsciencia, para a gloria responsavel da neutralidade nova, na Cathedra da Universidade de Buenos Aires, a alma ensomnada de um Continente que se deixava dominar pela indolencia intertropical, enquanto se infiltrava sorradeira-

mente no organismo das Republicas Americanas o microbio da espionagem.

Viveu amanhado ás camadas sociais, afirmando fé na consciencia humana, e no trabalho; ingraticas, injusticias, injurias, falsas traições; nababo de talento millionario de serviços á Patria, perdulario da magnanimidade prodigo de perlas desceu ao tumulo, para subir á immortalidade, legando aos seus, apenas o maior nome que o Brasil já produziu em toda a sua historia."

O patrimonio da Viação

Acaba de ser publicado a estimativa do patrimonio da Viação, onde ha a avaliação dos mais valiosos bens do país como as estradas de ferro federaes, o Lloyd Correios, Telegraphos, etc

Edificio da S. de Estado...	2.753:649\$986
E. F. Moderna Memória...	59.157:787\$779
E. F. S. Luiz a Therezina...	39.076:227\$385
E. F. Central do Piahy...	7.509:970\$358
Rêde de Viação Cearense...	92.184:035\$174
E. F. C. Rio G. do Norte...	37.928:643\$362
Great W. of Brasil Railway	188.839:199\$777
Este Brasileiro	189.233:555\$572
E. F. Therezopolis	9.025:826\$757
Prolongamento da E. F. Maricá	3.392:113\$384
E. F. C. Brasil.....	623.692:000\$000
E. F. Rio d'Ouro (Repartição de Aguas Obras Publicas)	6.101:956\$694
E. F. Lorena-Piquete-Itajubá	9.000:000\$000
Rêde Sul-Mineira	135.643:087\$333
E. F. Oeste de Minas.....	192.866:623\$504
E. F. de Govaz.....	25.344:311\$554
E. F. Noroeste do Brasil...	90.823:777\$441
E. F. Paraná.....	71.500:000\$000
E. F. Barra Bonita a R. do Peixe	6.477:086\$939
E. F. Santa Catharina.....	6.212:933\$105
E. F. D. Thereza Christina	9.869:045\$083
E. F. Tubarão a Araranguá	5.122:938\$943
Ramal Urussanga	2.005:245\$735
V. F. Rio G. do Sul.....	233.479:102\$926
E. F. Jacuhy	3.118:731\$386
E. F. S. Pedro a S. Luiz...	5.663:241\$364
Ramal de S. Borja a Santiago	2.981:863\$493
E. F. Itaquí a S. Borja...	8.783:953\$440
E. F. Alegrete Quarahy...	2.058:357\$471
E. F. S. Sebastião a Santa Anna do Livramento...	4.587:334\$240
E. F. Bazilio a Jaguarão...	4.041:808\$401
Directoria Geral dos Correios	32.000:000\$000
Repartição Geral dos Telegraphos	74.146:942\$700
Inspectoria Federal de Obras Contra Seccas (exc. V. Cearense)	154.659:225\$659
Inspectoria de Portos, Rios e Canaes	524.179:347\$342
Repartição de Aguas e Obras Publicas (exc. E. F. Rio d'Ouro).....	183.095:163\$105
Inspectoria de Illuminação	100:064\$000
Inspectoria Federal de Navegação	130:370\$000
Lloyd Brasileiro (P. N.)...	99.220:111\$164
Total	3.146.977:835\$050

ROUPAS BRANCAS PARA HOMENS

Sortimento completo de todos os artigos necessarios á toilette masculina, desde o mais vulgar ao mais raro, desde o mais dispendioso ao mais modesto

PREÇOS CONSCIENCIOSOS

PARC ROYAL

A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

HABILITEM-SE AO
NOSSO SORTEIO DIARIO
DE MERCADORIAS NO
VALOR DE CEM MIL RÉIS

N O T U L A S

— O Ministro das Relações Exteriores, em nome do Presidente da Republica, resolveu incluir na lista de precelecência, de que trata o capitulo X do ceremonial diplomatico do mesmo Ministerio, com a categoria de príncipe de sangue, os cardeaes da Igreja Catholica, como membros do Sacro Collegio de Roma e, consequentemente, herdeiros eventuaes do Throno Pontificio.

— A produccão de petroleo no Mexico em 1922 foi de 951.904.151 barris, tendo sido a renda bruta das emprezas petrolíferas de 2.000 milhões de pesos mexicanos. Ora, considerando-se que os capitães investidos nessas companhias é de 1.000 milhões de pesos, e tendo sido de igual quantia os seus rendimentos líquidos, vê-se que produziram 100 %.

— Os vencimentos do Presidente da Republica franceza, antes da guerra, eram de Frs. 600.000 annuos, afóra somma igual para a representação. Agora permanecem os Frs. 600.000 annuos mas se lhe juntam Frs. 1.400.000, divididos em duas verbas: *despesas de casa e despesas de viagem e representações*. Está claro que não se incluem as despesas com as grandes viagens. Os ministros ganhavam, em 1914, Frs. 60.000 annuos tendo hoje Frs. 80.000 e mais 20.000 para automovel. Os sub-secretarios de estado, que tinham Frs. 25.000, ganham agora Frs. 45.000 e mais 20.000 para automovel, como os ministros. Os senadores e deputados percebiam Frs. 15.000 e, hoje, 45.000.

— O haiz de mais forte emigração é a Italia, seguindo-se a Inglaterra, a Hungria, Portugal, Alemanha, Suecia, Suissa, Dinamarca, Belgica e Finlandia. No quinquennio 1916-14, emigraram, annualmente, cerca de 562.000 italianos, em 1920 412.000; em 1921, 279.000 e, em 1922, 276.960. O paiz mais procurado pelos italianos era os Estados Unidos, mas devido ao rigor das leis federaes, as correntes diminuíram. A emigração continental euronéa duplicou, baixando a transoceanica.

— Por occasião do recente Congresso de Bibliophilos, reunido em Paris, houve uma interessante exposição do livro francez, desde os preciosos manuscritos monasticos, taes como o Evangelista de Carlos Magno, que é do seculo IX, até obras modernas illustradas por Gollais, Hermann Paul e Bonnard. Entre as raridades, citam-se um *Apocalypse*, de seculo XIII; a *Historia Romana*, de Tito Livio, do seculo XIV e os *Simulacros da Morte*, do seculo XVI.

— O Sr. Lou-Kao, director do Observatorio de Pekin traduziu para o chinez a theoria de Einstein (não sabemos se em livro ou se foi um apanhado geral da doutrina), tendo sido a obra apresentada na Academia de Sciencias de Paris, onde, por certo, foi muito admirada...

— Foi inaugurado em Paris um theatro norte-americano, por iniciativa da colonia de-se paiz na capital franceza. Fundou-o o actor Edwin R. Wolfe, com o grupo chamado dos "seis americanos", tendo sido a estrêa feita com a comedia de A. E. Thomas: *His Husband's Wife*.

— Por occasião das festas de Pasteur, o professor Calmette fez uma estatística da mortalidade em França, concluindo que passou de 228 a 179, por 10.000, de 1890 a 1910, o que representa uma salvaguarda annual de 90.000 pessoas. No que concerne, particularmente, ás molestias microbianas, a mortalidade nesses 20 annos diminuiu de 2 terços. Tambem a mortalidade infantil diminuiu de 167 para 127 por 1.000 nascimentos.

— Escrevendo na *American Medicine*, o Dr. Royal S. Copeland affirma que, segundo os documentos mais autorizados na Commissão Sanitaria da Liga das Nações, o numero de casos de typho registado na Russia, nos ultimos 4 annos, attinge ao algarismo incrivei e terrivel de 45 milhões, numa população de 130 milhões de almas. Como é natural a intensidade da epidemia cresce dia a dia, de um modo assustador.

— O Ministro Arthur Ribeiro, ao tomar posse do seu posto no Supremo Tribunal Federal, ao prestar o compromisso regimental, o fez sob juramento: *Juro por Deus cumprir os deveres do meu cargo de accordo com a Constituição e as leis de Republica*, "tendo feito questão que, nesses termos, constasse, do compromisso lavrado pelo Secretario do Supremo Tribunal, o que foi feito.

— Formou-se no anno passado em Madrid, um club de escriptores que leva o nome de P. E. N., club calcado sobre um semelhante existente em Londres. As tres iniciaes significam Poetas, Ensaistas, Novelistas. O presidente do P. E. N. de Madrid é Azorin, sobre quem a *America Brasileira* já publicou um estudo e de quem traduziu um trecho. O comité compõe-se de cinco dos mais notaveis escriptores de Hespanha: Ramiro de Maeztu, Ramon Perez de Ayala, José Maria Salaverría, Henrique de Mesa e Henrique Diez-Canedo. Na reunião de 10 de Fevereiro, foram nomeados socios honorarios os mexicanos: Salvador Dias Miron e Francisco de Icaza, o Inglez John Galsworthy, os portuguezes Guerra Junqueiro e Eugenio de Castro, os hespanhóes Armando Palacio Valdes, o dramaturgo Guimerá e o pensador Unamuno, os hispano-americanos Juan Zorrilla de San Martín, Leonoldo Lugones, Santos Chocano, Gabriela Mistral, Guilherme Valencia, Henrique Larreta, Blanco Fombona, José Varona, Ureña. Nenhum brasileiro foi escolhido para socio correspondente.

— A 2 de Agosto findo, Clemenceau, completou 90 annos. Diz um telegramma que passou esse dia trabalhando num livro de philosophia, que espera acabar nesses 15 annos... O "Tigre" levanta-se ás 5 horas e, depois de seus affazeres matinaes, começa a trabalhar no livro. Que philosophia nos legará Clemenceau, depois de uma vida empolgante de acção?

— O Presidente Coolidge prestou o juramento constitucional, perante seu Pai, que é notario publico, no salão de visitas da casa particular deste, usando uma velha Biblia de familia. Como não havia luz electrica, a cerimonia foi feita á luz de um lampeão. Contrastê singular: no paiz que gasta mais electricidade, não houve uma lampada electrica para o juramento presidencial...

— Pela Constituição dos Estados Unidos, o Vice-Presidente preenche o tempo do Presidente que morre, é destituído ou resigna. E' o que diz o n.º 6, da secção 1 do art. 11, da Constituição de 1789: "In case of the removal of the President from office, a this death, resignation, a inability to discharge the power and dutie of the so a office, the same shall devolve on the Vice-President..." Cabe portanto ao Sr. Calvin Coolidge desempenhar a presidencia dos Estados Unidos até o termo do periodo para o qual foi eleito Presidente Warren Harding.

— Em Madrid, a CALPE (*Companhia Anonima Libreria Publicaciones Ediciones*), acaba de erigir o Palacio do Livro, em edificio expressamente construído para servir de livreria e onde, além de se encontrarem os mais completos sortimentos de livros de todos os paizes e em todas as linguas, haverá sempre uma exposição dedicada a um livro, tendo sido a primeira, ao livro francez, seguindo-se o livro italiano, o livro hispano-americano, o livro allemão, etc. Haverá tambem o livro luso-brasileiro? Eis a questão. Annexo á grande livreria, ha um serviço bibliographico o mais completo possivel.

— A casa de Edmond Rostand, em Cambol, nas proximidades de Biarritz, foi recentemente adquirida pelo Sr. Francisco Costa, pela importancia de um milhão de francos. O novo proprietario daquella famosa vivenda é um dos mais conhecidos commerciantes portuguezes no Brasil.

— Uma companhia franceza explora em Paris 47 linhas de auto-omnibus, com 1.050 vehiculos, que representam 42.000 H. P. tendo em 1922, transportado mais de 3 milhões de passageiros.

— A famosa Biblia do Borso d'Este, avaliada em 250.000 dollars e que pertenceu ao ultimo Imperador da Austria, foi adquirida por um rico industrial de Milão. A Biblia é illustrada por artistas do 15º seculo e é considerada pelos conhecedores o mais bello specimen existente. Durante a estadia do mallogrado Imperador Carlos na Sulassa, no meio de difficuldades, teve que vender essa obra preciosa a um alfarrabista de Londres.

— A Academia Franceza concedeu o seu grande premio de Litteratura ao Sr. François Porché, por 14 votos, contra 9 dados ao Sr. Paul Valery e um ao Sr. Camille Mauclair. O grande premio de romance foi dado ao Sr. Alphonse de Chateaubriand, com o romance *La Bière*.

— A fortuna de William Vanderbilt foi de 50 milhões de dollars, sendo herdeiros os seus filhos William e Harold, afóra forte doação feita á filha que se casou com o Duque de Marlborough. Determina o testamento, que sejam doados quadros ao *Metropolitan Museum of Art*, quadros no valor de um milhão de dollars, entre os quaes incluem um Rembrandt, um Holbein e um Gainsborough. Tres quartos dessa colossal fortuna eram titulos do *trust* ferro-viario.

— Calculam as estatísticas em 100.000 o numero de radios trocados, mensalmente, entre a Europa e a America, em 1922, expedindo 37.000 a Alemanha; 31.000 a Inglaterra; 14.500 a Noruega e 14.500 a França. Este ultimo paiz, convem observar, augmentou muito o seu serviço radiographico de Novembro para cá, expedindo a grande central de Paris, diariamente, mais de 9.000 palavras pelo sem fio.

— O actual decano da Academia Franceza é o Sr. Georges Clemenceau, que está com pouco mais de oitenta annos, pois nasceu a 28 de Setembro de 1841. Segue-se o Conde de Haussenville, que é o decano de eleição e nasceu em 1843. Vêm após Anatole France, de 1844; Jules Cambon, de 1845; Pierre de La Gorce, de 1846; Jean Richpin e George de Porto Riche, de 1849. Preside actualmente á Academia o Sr. René Boylesve, que, nascido em 1867, é um dos mais moços do illustre cenaculo, só tendo abáxo Georges Govan, de 1869; Henry Bordeaux, de 1870, e Robert de Flers, de 1872. Ha seis vagas na Academia: de Loti, Freycinet, Masson, Rihot, Capus e Jean Alcard. A cadeira deste é a de n.º 10, numero igual á de Ruy Barbosa na Academia Brasileira, e acha-se vaga ha mais de dous annos, por não haver ainda nenhum dos candidatos que a disputam obtido a maioria necessaria. Além de Louis Madelin, que perdeu a eleição por um voto anenas, são candidatos Abel Hermant, Maurice du Plessis Flandre-Nohlesse, Paul Vigné d'Octon, Auguste Dorchain e o Duque de La Force.

— Segundo telegramma de Londres, o Sr. Philips Pilditch, Presidente da Comissão de Estudos Sul-Americanos, da Camara dos Communs, declarou aos representantes da imprensa que toda a actividade da comissão no decorrer do anno passado foi consagrada ao estudo de questões economicas e, sobretudo, á exposição internacional do Rio de Janeiro. No proximo anno, a comissão tratará da incorporação, no orçamento, de disposições que isentem do duplo imposto de rendimento os particulares ou casas commerciaes estabelecidas na Inglaterra e na America do Sul. Tudo leva a crer que a comissão conseguirá da Camara a votação dessas medidas. O Sr. Philips terminou declarando-se, em nome da comissão, satisfeito com a elevação, ao grão de cavalleiro, do Sr. Henry Lynch, um dos mais profundos conhecedores dos interesses do Brasil.

Portugal

Guerra Junqueiro e a sua obra

...Nunca discuti, nem jámais discutirei com quem quer que seja o valor literário duma obra minha.

Um livro atirado ao publico equivale a um filho atirado á roda. Entrego-o ao destino, abandono-o á sorte. Que seja feliz é o que eu lhe desejo; mas, se o não fór, tambem não verterei uma lágrima.

Não faço versos por vaidade literária. Faço-os pela mesma razão por que o pinheiro faz resina, a pereira peras, e a macieira maçãs: é uma simples fatalidade orgânica. Os meus livros imprimo-os para o publico, mas escrevo-os para mim.

Comtudo, desde o momento em que eu ponho todas as minhas ideias á venda em todas as livrarias, equiparo-me a qualquer producto que manda os seus productos para o mercado

Com uma differença no entanto. O artifice e o industrial, podem euchar de reclames bombásticos, de elogios próprios as esquinas das ruas ou a quarta pagina das gazetas. E' esse o seu interesse. O artista, pelo contrario, perante os applausos ou perante as invectivas, deve manter-se absolutamente digno e silencioso. E' esse o seu dever. Um poeta não é um marceneiro. Enquanto a critica, no uso dum legitimo direito, avalia livremente os meus versos, julgando-os optimos ou mediocres ou detestaveis, eu em vez de ir para os jornaes defender a minha obra, provando que ela é uma maravilha e o seu autor um homem de genio, acho um bocadinho mais sensato e mais util esquecer-me do livro feito para me lembrar unicamente do livro a fazer. Cortada a seara e recolhido o trigo, arroteia-se o campo e semeia-se de novo.

Cheio de luz ou cheio de sombra alegre ou triste, que importa o dia de amanhã? E' um cadaver. Deixa-o em paz. Fensemos no dia que ha-de vir, filando o azul na direcção da aurora. Só os viandantes exaustos é que se sentam de tarde á beira das estradas, medindo em silencio, melancolicamente, o caminho percorrido.

Nós, os que temos ainda força, não descansemos um minuto. O dia é breve e a jornada é longa. E os que se quedam contemplativos a olhar para traz, ficam muitas vezes, como a mulher de Lot, inpedernidos em estatua.

A nossa obra é o nosso monumento.

Não o cerquemos de grades de ferro com sentinelas armadas para o proteger, nem desperdicemos a existencia a doiralo constantemente de novo a oiro fino, a brunir-lhe as asperezas com o esmeril dulcissimo do amor proprio, e a sacudir-lhe as teias de aranha irreverentes com

um espanador olimpico, feito de grandes caudas de pavão.

Ao contrario. Levantemos a nossa obra com toda a coragem, ao ar livre, na praça publica, sem muros que a vedem e sem granadeiros que a defendam.



Batam-na os ventos, crestem-na os sóes, lasqueiem-na os raios, a ferrugem que a vermine, a lama que a conspurque, os cães que a mordam.

GUERRA JUNQUEIRO

O novo Presidente

O Dr. Manoel Teixeira Gomes nasceu em Villa Nova de Portimão a 27 de Maio de 1862. Estudou preparatorios no Seminário de Coimbra, naquelle tempo um dos estabelecimentos de ensino mais notaveis de Portugal, matriculando-se em seguida na Universidade que abandonou depois de perdido o anno. Indo para Lisboa, alli se relacionou com alguns homens illustres nas letras, vivendo na intimidade do grande poeta João de Deus e do critico Fialho de Almeida. De Lisboa partiu para o Porto, onde acamaraou com os rapazes em evidencia na bohemia litteraria, pertencendo ao grupo que invariavelmente se reunia em casa de José Sampaio (Bruno). Á rua do Bomjardim, grupo de rapazes cheios de talento e de irrequieta e audaciosa mocidade cuja historia, decerto, alguém fará um dia, aproveitando os episodios em que tão fértil foi essa época de que com tanta saudade se recordam os que a ella pertenceram. Com Queiroz Velloso, hoje conselheiro, politico e professor do Curso Superior de Letras, e Joaquim Coimbra, o Jovial Raul Didier que, serenando, das tumultuosas paixões que o abraçaram nos tempos felizes em que cantava as maravilhas das Polmyras loiras, se converteu no solícito negociante que hoje é, fundou o jornaizinho de theatros pomposamente denominado "Gil Vicente", que, como todas as publicações analogas, teve vida ephemera.

Collaborou tambem na "Folha Nova", o esplendido jornal que tão especial lugar occupa na historia do jornalismo portuguez, na "Folha de Hoje", no "Primeiro de Janeiro", e em varias revistas litterarias que então se publicavam e que, como as celebres rosas,

viviam apenas o espaço de um dia. Desta bohemia a que se entregara, cediendo á irreflexão dos annos juvenis, entendeu dever sair quando uma hora de mais recolhido pensar, se convenceu de que a vida tem exigencias imperiosas e que, para se viver nella com de-afoego e nobresa, é preciso adoptar um rumo que conduza a um destino certo. Estas reflexões feitas aos vinte annos, de sobejo demonstram o sã criterio do moço litterato. Assim, um bello dia abalou para Portimão, onde a sua chegada encheu de alegria os extremos paes e, decidido a trabalhar, dedicou-se á exploração de uma industria que desenvolveu com a maior habilidade e o mais completo exito aproveitando os mezes de mais descanso em viagens pelo paiz e pelo extrangeiro. Espirito de larga cultura e cada vez mais desejoso de ver e conhecer o que por esse vasto mundo existe, viajou durante o largo espaço de vinte annos, percorrendo a Europa e estudando minuciosamente toda a costa do Mediterraneo. Possuindo a paixão das viagens si não pousou nas arinças da terra dos Matebeles, entre capangas de elephantes, como Fradique Mendes, do Eca de Queiroz, frequentou, na ancia de conhecer costumes ineditos, as tribus dos Touareghs, ao lado dos quies galopou sobre camellos agéis com a pericia e a tranquillidade de quem se reconhece familiarizado com o deserto. Visitou tambem com vagares e attenção de artista as grandes e sombrias cathedraes, os vastos e solemnes museus, as galerias admiraveis e os palacios sumptuosos onde se reúnem as obras primas dos seculos. Dessas visitas solicitadas por um alto interesse espirital, adquiriu conhecimentos tão vastos sobre a arte e a sua historia que o infatigavel e atento viajante é hoje, sem contestação alguma um dos mais finos e subtilez criticos de arte que possui Portugal. Escolhendo á paz á alegria da sua casa de Portimão, principiou a escrever para dar, com esse trabalho tão grato ás nobres almas, uma grande alegria ao seu claro espirito. São desse periodo de fecunda actividade mental os bellos livros: "Inventario do Junho", "Cartas sem moral nenhuma", "Agosto Azul" e o drama "Sabina Freire" de que a imprensa portugueza se occupou com largueza e que são, de facto, do melhor que tem apparecido recentemente no mercado litterario de Portugal. Ultimamente, envolvido em outras explorações industriaes e agricolas, poz de lado a penna, que muito em breve retomou para concluir outros trabalhos já principados e alguns bastante adelantados. Teixeira Gomes é, realmente, um bello e primorossissimo espirito e um dos homens de letras mais notaveis de Portugal pela sua originalidade, pelo rythmo e pela cõr de seus pensamentos e pela graça dos seus conceitos.

Filho dum homem educado em França, onde assistiu á revolução de 1848, neto dum servidor de Napoleão que fez a campanha da Russia e commandou um esquadrão em Waterloo, e que, no regresso á patria, só encontrou desamor e odio, sendo atirado para o Limoeiro onde appareceu morto, exactamente na vesperta da Terceira entrar em Lisboa, com as tropas constitucionaes, Teixeira Gomes é tambem um grande liberal, tolerante, progressivo, com um austero e nobre culto pela justiça. Esta fórma de seu character completa a sua personalidade tão sympathica e tão attrahente. E' um algarvio com todos os caracteres da sua raça, dominadora e forte, embalada pelo mar rumoroso e immenso, esse mar donde outr'ora, em dias mais claros para a alma portugueza, sahiram as caravelhas do Infante na ancia infinita de alargar o mundo. Descendente dos celtas, idealistas e apaixonados, o autor do "Agosto azul" é, como elles, uma alma varonil e um espirito delicado e affectivo a que as viagens e o convívio com civilizações mais apuradas deram um encanto mais superior e uma harmonia mais perfeita.

Com o advento da Republica em Portugal, a 5 de Outubro de 1910, o Dr. Teixeira Gomes, que foi dos que mais cooperaram para a implantação da Republica no seu paiz, foi nomeado Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario na Grã-Bretanha, por decreto de 23 de Março de 1911, tendo sido considerado diplomata de carreira por decreto de 7 de Abril de 1919.

O programma do novo Presidente

O Sr. Teixeira Gomes, Presidente eleito de Portugal, entrevistado pelo representante da "Associated Press" expoz em linhas gerais seu programma de Governo, começando por dizer textualmente: "Tenho absoluta fé no futuro de Portugal. Irei para o governo certo de que poderei contar com o apoio e a colaboração dos meus concidadãos, pois que o meu programma não é outro senão o de todos os portugueses: trabalhar pelo engrandecimento da patria. Não sou politico, não sou partidario, orgulho-me sómente de ser portuguez de ter sido honrado com a confiança dos meus compatriotas. Sou um admirador sincero da obra realizada pelo illustre Presidente Antonio José de Almeida, obra de amor e de congraçamento de todos os portugueses".

O Fascismo em Portugal

O "Conselho Supremo do Nacionalismo Lusitano" publicou o seguinte documento:

1.º — Está organizado o movimento fascista em Portugal no chamado Nacionalismo Lusitano. A sua organização é feita dentro das leis não pôde ser desconhecida a ninguém, desde que se espalharam entre todos os elementos de ordem os boletins de inscripção, que se lançaram a publico manifestos contendo afirmações collectivas.

2.º — O Governo conhece essa organização que lhe foi devidamente participada.

3.º — A campanha que se vem levantando entre os elementos radicais, auxiliada pelo Governo, é exactamente devida á força já adquirida pelo Nacionalismo Lusitano. A doutrina do artigo de V. é louvável quando aponta aos portuguezes o erro e o crime do Governo em inclinar-se para os elementos da desordem. Mas seria um erro que não aproveitaria a ninguém senão aos elementos da desordem que procuram espalhar o terror antes de tentar o golpe, o affirmar-se que não existe essa organização de resistencia á anarchia social.

4.º — A organização Nacionalista, o fascismo portuguez se quizerem, não é um agrupamento feito em volta de nome nenhum. É uma causa que todos servem. A elle pertence o Sr. João de Castro, como um dos seus mais valiosos e nobres elementos. Não nos sentindo diminuidos pela affirmação da sua chefia devemos dizer que tal não é por amor da verdade. O Nacionalismo Lusitano não tem chefes pessoas. É dirigido por um Conselho Supremo a quem todos devem obediencia.

5.º — Do Nacionalismo Lusitano faz parte o Sr. Coronel João d'Almeida que abandonou toda a luta politica pela causa Nacionalista. Por isso mais odiosa foi a sua prisão, apenas motivada pela sua adhesão á organização Nacionalista, e aos principios que o Conselho Supremo redigiu e fez adoptar.

Assim ficam rectificados os erros que possam correr sobre o Nacionalismo Lusitano e que malevolamente poderão ser aproveitados para diminuir o movimento de Reorganização Nacional. — Lisboa, 8 de Julho de 1923. — O Conselho Supremo do Nacionalismo Lusitano.

Litteratura portugueza

A interessante revista *Minerva*, que se edita em Turim, publica no seu numero de 1 de Junho um artigo sobre "Alguns aspectos da litteratura portugueza". A litteratura portugueza, diz o autor anonymo do artigo, é a maior que tem sido produzida por um pequeno Estado, exceptuando-se a Grecia. O autor cita todos os grandes nomes lusitanos, Camões, Sá de Miranda, João de Barros, Lopo de Almeida, Gil Vicente, Guerra Junqueiro, Eça de Queiroz, etc., qualificando-a de "litteratura essencialmente lyrica".

A obra do grande poeta

Guerra Junqueiro deixa a seguinte obra:

Poesia — *Lira dos quatorze annos*, 1866; *Misticac Nuptiac*, 1867; *Voz sem eco*, 1867; *Victoria da França*, 1870; *A morte de D. João*, 1874; *O crime*, 1875; *Tragedia infantil*, 1877; *A fome no Ceará*, 1878; *O melro*, 1879; *A velhice do Padre Ernesto*, 1885; *A lagrima*, 1888; *A marcha do odio*, 1890; *Fanis Patriae*, 1891; *Os simples*, 1892; *A Patria*, 1896; *Oração ao ção*, 1892; *Oração á lua*, 1894; *Poesias dispersas*, 1920.

Prosa — *Via 1 m d roda Parrochia*, de colaboração com Guilherme de Azevedo; *Contos para a infancia*, 1881; *A festa de Camões*, 1882; *Miss Caccia*, 1914; *O monstro allemão*, 1919; *Poesias dispersas*, 1922.

UM INEDITO DE GUERRA JUNQUEIRO

Viver é amar, e amar é padecer. Deus é o infinito amor infinitamente vendendo a infinita dor. Todos os grandes homens, santos, heroes, filosofos ou artistas são expressões sagradas, religiosas. A mais alta é o Santo, porque na suprema bondade está incluída a verdade suprema e a suprema beleza. Mas, quer o sabio, quer o poeta, immortalizam-se como o santo, vivendo na vida instantanea, — da hora e do lugar, com alma de eternidade e de infinito. Não mexendo num grão de areia sem abalar o mundo, não arrancando uma folha de arvore sem que o Universo lhe venha preso.

É dessa familia augusta o vulto nobre de Herculano. Encarnou esplendidamente a sua existencia individual na existencia da patria, a ideia de patria na ideia humana, e esta na ideia cosmica e divina. A mascara robusta e grave do historiador emerge de uma penumbra ascetica, dum fundo de luz e de mistério. As linhas duras idealizam-se, tocadas de sonho transcendente. Descobre-se o monge, o cavador, o soldado, o sabio, o profeta. Sente-se a visão magnifica do homem heroico e religioso.

Osculemos todos a sua memoria, para exaltar o nosso espirito e purificar os nossos labios.

GUERRA JUNQUEIRO.

Os funeraes de Guerra Junqueiro

A decoração dos Jeronymos para os funeraes do Poeta foi feita pelo pintor Columbano, o grande mestre portuguez, tendo a orchestra do maestro Francisco de Lacerda executado no côro do templo-pantheon o "adagio" da Terceira Symphonia, de Beethoven (*Heroica*), que é a marcha funebre do Heroe. Foi essa a unica voz que se levantou para celebrar a gloria do grande Poeta, que repousa ao lado de Camões, Herculano, Garret e João de Deus.

ORIGENS DA NACIONALIDADE PORTUGUESA

Numa notavel conferencia, realizada em S. Paulo, o Sr. Ricardo Severo, fallando sobre as origens da nacionalidade portugueza, sustentou, com copiosa documentação alheia e propria, em valiosos trabalhos originaes, a existencia de uma raça lusitana com uma civilização propria e com caracteres essenciaes bem definidos que ainda hoje persistem, apesar de todas as influencias de alguns povos sobre outros, mercê da approximação e do cruzamento inevitaveis nas actuaes condições do mundo civilizado. Desse facto decorrem varias consequências que explicam a historia da nacionalidade portugueza á luz de um novo criterio, e justificam o culto das tradições nacionaes, como uma força propulsora de altos ideaes de democracia e de progresso no concerto pacifico das nações. Esse excellento documento de sciencia e de patriotismo, acaba de ser reimpresso e largamente distribuido pelo Governo Portuguez, por iniciativa do Ministro da Instrução Publica.

Commentando a deliberação do Governo de Portugal "O Mundo", de Lisboa, publicou as seguintes linhas, que reproduzimos com a devida venia:

"O Sr. Dr. João Camoesas, Ministro da Instrução Publica, resolveu mandar imprimir e distribuir pelas escolas o opusculo de Ricardo Severo sobre as "Origens da Nacionalidade Portuguesa". Passou quasi desapercebida esta patriotica resolução, pela qual, no entanto, o Dr. João Camoesas demonstra effizamente o seu intuito de criar em Portugal um forte e duradouro sentimento civico, de que tanto carecemos e para cuja eclosão a Republica nada ou muito pouco tem contribuido. E essa falha é a maior e a mais grave da sua obra educativa. Não conseguimos ainda, com effeito, libertar-nos do commodo scepticismo e da indifferença covarde que, desde o meado do seculo XIX, divorciou os portuguezes da vida e do futuro da sua patria. São por demais conhecidas as razões desta perigosa attitude. Mas as suas consequências surgem-nos com nitida virulencia na educação e no ensino publicos. Não ha um ideal colectivo a orientar os professores, não ha uma doutrina civica para transmitir aos alumnos.

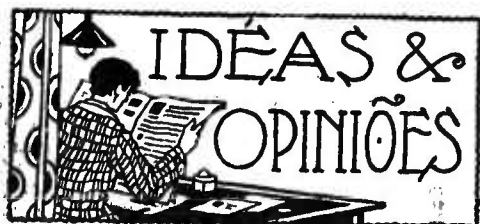
Permanece mas nossas classes dirigentes a noção falsa de que a formação da nacionalidade se deve attribuir apenas á vontade de um rei destemido e audacioso, e runca a um mandato imperativo da raça. Portugal apparece-nos assim como um paiz sem justificação ethnica e geographica, uma patria de acaso, sujeito só ás fluctuações de character e ás aventuras politicas dos seus governantes. Por isso, é frequente a opi-

nião, tantas vezes defendida por gente culta, de que a revolução de 1640, separando-nos outra vez da Hespanha, foi um caso historico, a que a nossa grandeza e prosperidade seriam infinitamente maiores se não tivessemos readquirido a independencia e a autonomia da nação livre. E, na verdade, a acreditarmos que Portugal é uma "invenção" de D. Affonso Henriques, torna-se logico suppor que nenhuma causa mais profundas e mais sérias de qualquer modo condiclonam e garantem essa independencia e essa autonomia. A multidão inculta, obscuramente, no seu instincto rude, mas seguro, reagiu sempre contra este criterio, sobretudo nos momentos de perigo. Não podia, nem sabia, porém, como é natural, exteriorizar em orientação firme e constante o seu insensiente protesto. De resto, qual a força a que se apoiaria uma acção orientada da alma colectiva, se, precisamente, a essa alma colectiva se não davam fóros de personagem importante e indispensavel na historia de Portugal?

Sem ella, no entanto, sem a sua permanente intervenção de que nos teria servido a iniciativa isolada dos nossos grandes homens? Não perdurarla além da existencia de cada um... Não ha, com effeito, genios individuaes que inventem patrias. Nem energia alguma, por maior que seja, leva um povo a expandir-se e a multiplicar-se pelo mundo afóra, durante tres seculos, como nós fizemos, plasmando tantas r giões e populações ao nosso impulso criador. Mas esta verdade axiomática foi posta em duvida de tal maneira que os portuguezes se julgavam um proprio, sem characteristics fixas, e, portanto sem ascendencia definida, sem passado tanto, sem um destino seu a realizar. Portugal surgindo por vontade de um homem, isto é, por um artificio — que liame indistinctivel poderia ligar os seus habitantes num ideal commum, num ideal de futuro que torrasse coercivas as aspirações, os interesses moraes e materiaes, e as ambições dos portuguezes? Nenhum, decerto. Dahl esse aspecto somnambulo do povo, que muitos observadores notaram, e que não era senão o resultado da nossa anciedade em procurar de novo a palavra magica, e perdido, capaz de dizer o segredo do nosso antigo poder, as causas da nossa gloria passada, e por consequencia, a finalidade da nossa existencia presente.

Ora, é essa palavra reveladora que Ricardo Severo nos trouxe estudando e explicando as "Origens da Nacionalidade Portuguesa". E, por que? Porque demonstrou que sendo o nosso territorio "uma unidade geographica independente", como o illustre Silva Telles minuciosamente e irrefutavelmente o prova e justifica, tambem, dentro da Peninsula Iberica a gente portugueza conservava-se em uma formula ethnica com feição distincta dos outros nucleos de população peninsular. É sempre o povo lusitano "localizado como no tempo do geographo Strabão". E delle descende, directamente, a "nacionalidade portugueza", proveniente de um anterior composto ibero-ligure que, apesar das suas diminutas proporções, resistiu e constituiu-se sob os grandes cataclysmos historicos que assolam o paiz, e luta heroicamente pela sua independencia, occupando algumas paginas da historia da humanidade com as suas epopéas de immorredoura e universal gloria".

REPERTORIO



"A revelação de uma consciencia nova"

"Assistimos, diz o Sr. William Speth, em *La vie des Lettres et des Arts*, ao que parece, em França como nos demais países, a revelação de uma consciencia nova. Preferimos a acção ao pensamento e os escriptores admittem a superioridade do pensamento sobre as paixões; ligam mais importancia ás manifestações de uma do que de outra.

Um sopro vivificante varre os miasmas do materialismo e do racionalismo. Os conductores de homens que fixam a evolução da intelligencia glorificam a victoria da idéa pura que domina enfim as nossas sensações, nossos gostos e nosso espirito instáveis.

A principio, a idéa não era senão um germen num espirito e eis que ella desabrocha, que ella convence mesmo seres que não a comprehendem mais inteiramente, porque ella sabe dissimular as suas fraquezas e as suas loucuras, e occultar a sua severidade sob o manto da paixão. De costume, ella nasce pelo raciocinio e propaga-se pela sensação conquista-nos pelo coração. Ella sóbe, avulta até ao mysticismo onde, finalmente, attinge ao ponto culminante da sua força e ao maximo da sua efficacia.

Nascida da observação imparcial, a idéa, na sua marcha regular, alimenta primeiro a necessidade especulativa dos sábios; ella volta em seguida para a vida donde sahio, onde, como uma semente atirada ao acaso dos ventos, ella germinará, crescerá, e entenderá seus ramos por sobre o mundo.

Assim se verifica o phenomeno o mais estranho e o mais mysterioso; a humanidade não se deixa guiar pela razão, ella obedece raramente a sensações espontaneas e a sua marcha é allumada pelos homens de sensibilidade super-aguda que sabem amar as idéas como nós amamos uma mulher e cujo raciocinio é sustentado por uma convicção que guia e estimula a sua intelligencia sem deturpala.

Sómente estes foram ouvidos da multidão que se exalta e que ama; são os grandes mysticos cuja fé vivificam as theorias,

cuja razão domirou pela inconsciencia, cujo verbo repercutiu-se pelo mundo porque elle se impunha pela certeza da verdade e a magia do amor.

Se o mysticismo esclareceu algumas intelligencias, elle precipitou muitas outras no absurdo e no nada. Assim, jamais elle conseguirá substituir a razão e é pouco provavel que forças sufficientes nos envolvam para nos dirigir, máo grado nós mesmos, sem o sabermos, para a verdade e a luz. Também no impeto da inconsciencia ou da revelação, os espiritos superiores sentem-se quasi sempre levados para uma fé existente e theorias conhecidas. O impeto das idéas deduzidas não será jamais proporcionado á força da evocação mystica, mas sim á altura da intelligencia e ao rigor do raciocinio.

Pelo contrario, o ruido dessas idéas no mundo, as conversões que hão de operar na multidão, a violencia com que se imporão, não só á nossa intelligencia, como também ao nosso coração, dependerão dessa illuminação invencivel e espontanea."

O Sr. William Speth tocou num dos aspectos mais curiosos da grande evolução que se prepara no espirito humano. O factor inconsciente, a que elle confere o papel tão importante, parece nos o essencial nessa gigantesca transformação que preoccupa os pensadores e apavora muitos espiritos. De facto, o materialismo e o racionalismo parecem bem mortos. A fallencia da sciencia não é uma palavra vã. Mas a fallencia da intelligencia também é cabal. Debalde o mundo de-norteador procura uma nova disciplina. O inconsciente domina. Rehabilitem-se os instinctos. O espirito humano inhibido, põe-se em marcha, sequioso de intensidade. Nesse transe dramatico podem surgir as trévas ou um novo rythmo de vida. Qual dos dois ao certo? O segundo com certeza. A vida é movimento eterno...

O momento francês

A proposito da França de hoje, lemos o artigo seguinte, que vale transcrever: — Muito se falou do desenvolvimento do fascismo na França. Parece que esse teria difficuldade em se acclimatar ali. O fascismo supõe e implica a dictadura, e a França de hoje permanece fiel ás suas idéas republicanas e ás suas doutrinas democraticas. Admittindo mesmo a possibilidade de um golpe de estado anarchista contra a republica, ha grandes possibilidades que os realistas não adoptem methodos de combate semelhantes aos dos fascistas. Com effeito, a propria divisão e a força respectiva dos partidos da direita e da esquerda parecem assegurar á França um equilibrio politico, ainda firme no presente.

Outros problemas de interesse immediato preoccupam o país. Em primeiro lugar, o da reconstrução dos territorios devastados. E' preciso não esquecer que, segundo os ultimos mais recentes, o numero de communas destruidas se eleva a 3.255, o que representa uma superficie de 3.337.000 hectares e uma população de 4.000.045 de almas (1º de Abril de 1922). As despesas que exigem as reparações são consideraveis e o numero de operarios empregados não faz mais do que crescer.

A questão do equilibrio orçamentario deve merecer toda a attenção. O deficit previsto para 1923 ultrapassa de um milhão o de 1922 e vai a 6 bilhões. As despesas militares aggravam sensivelmente as finanças.

A população da França é ainda um factor que se deve levar em conta, se se quizer lutar efficaçmente para o seu socorrimento. Apesar da volta da Alsacia-Lorena, e do computo dos tres departamentos do Mosella, do alto e do baixo Rheno ha ainda na França, neste momento, 500.000 habitantes a menos do que antes da guerra. E' certo que as perdas de homens durante o conflicto, devem ser tomadas em consideração, mas convem notar que, em 1920 e 1921, annos que se registraram mais casamentos e em que houve um excesso de nascimentos sobre mortes na população de 327.000, essa porcentagem foi ainda inferior á do periodo decenal de 1901-1910. Por outro lado, em 1922 e 1923 de novo se manifestaram os symptomas de despovoação. Durante esse tempo a Alemanha registrou em 1920, um excesso de nascimentos de 623.000 almas ao passo que na Inglaterra se eleva a 491.000.

A infelicidade da França é de permanecer hoje num isolamento quasi completo, onde é relegada de um lado a politica egocentrica da America e da Inglaterra e, do outro lado, a attitudé quasi passiva da Italia, nas questões concernentes á paz da Europa.

Publicidade e Litteratura

O Sr. Jean de Bennefon, respondendo á *enquête de La Revue Mondiale*, sobre a publicidade e as letras, disse apenas: — "A publicidade matou a critica! Só Deus pôde resuscitar os mortos".

Terá, de facto, o reclame, contra cujo mercantilismo ainda agora se levantam as iras do Sr. Camille Mauclair, o poder de matar uma das mais altas expressões da intelligencia humana? Si assim o fór, poderia a critica esperar a sorte de um novo Lazaro? E's duas perguntas que o leitor bem nos poderia responder e, se se desse ao trabalho, muito nos honraria.

Januario

ALFAIATE

Rua Rodrigo Silva, 18—1.º andar

HOMENS e COUSAS ESTRANGEIRAS

O Presidente dos Estados Unidos

O Sr. Calvin Coolidge, eleito com Harding, substituiu o seu companheiro de chapa, quando não esperava. Passando a primeira plana da politica norte-americana, quando se vai abrir a campanha presidencial, o Sr. Coolidge vai desempenhar agora uma função importante na solução dos problemas partidários provenientes do desaparecimento prematuro e inesperado do Presidente Harding. Tudo indicava que o grosso do partido acabaria por concordar com a reeleição do Sr. Harding, e toda a dificuldade ficaria para os democratas. Os republicanos intransigentes ou ultra moderados, deviam ceder diante da conveniência da unidade do partido. Agora, tudo mudou e a influencia do Sr. Coolidge, que já era grande, tomou outra feição. O novo Presidente dos Estados Unidos é um homem de cinquenta e um annos, e se pôde considerar um novo, apesar de seu largo tirocinio de mais de vinte annos de vida politica. Nascido a 4 de Julho de 1872, o Sr. Calvin Coolidge, estudou em Plymouth, sua terra natal, e depois em 1895 graduou-se em leis pelo Collegio Amherst, abrindo banca de advogado mezes depois em Northampton. O seu feitiço de batalhador causou sempre impressão em Massachusetts e assim, entrando na politica, o joven advogado ganhou fama pelo seu espirito resolutivo, combatendo com igual calor os excessos do argentarismo e do syndicalismo. Assim foi eleito para a Camara de Representantes do seu Estado, onde occupou posição de destaque de 1907 a 1908. Depois foi *mayor* de Northampton, de 1910 a 1911, tendo realzado varias reformas importantes. Ser *mayor*, chefe do poder executivo municipal nos Estados Unidos, é exercer uma acção poderosa e pratica em todos os ramos da administração porque la as attribuições das municipalidades são muito extensas, indo até a policia, etc. Depois, foi membro do Senado Federal, de 1911 a 1915. Era, no começo da guerra, e apesar de seu americanismo, primo do professor cujas doutrinas sobre o monroismo fizeram tanto successo na Europa e no Brasil, o Sr. Calvin Coolidge, Senador, depois Vice-Governador de Massachusetts sobresahio-se logo pela sua attitude diante das perturbações resultantes da liquidação da guerra. Foi dos que mais profligaram os elementos dissolventes, contra os que exaggeravam a crise de trabalho. Eleito Governador em 1913, reeleito em 1919, elle foi um elemento de ordem e de pacificação moral. A parede de policieiros de Boston pareceu á opinião publica, sempre vibrante e entusiastica nos Estados Unidos, como um caso typico do estado de espirito produzido pela guerra. O sobresalto foi grande, varecendo a uma corrente impressionada que o mal poderia alastrar e que convinha contê-lo. O Sr. Coolidge mostrou, no momento opportuno, que, sabendo respeitar a liberdade de cada cidadão, não poderia permittir nenhum abuso dissolvente e desorganizador. E o advogado, o politico de combate soube reprimir com energia a parede de policieiros e outras que se tentaram alastrar. O seu nome deixou de ser de uma celebridade local e ganhou logo a fama em todos os Estados Unidos e foi analysada pelos grandes jornaes da Europa. Era um representante de uma geração moça, mas que releva acima de tudo a ordem. O Sr. Coolidge passou a ser o homem do dia, e assim na Convenção Republicana o seu nome reunio todos os suffragios para o segundo lugar na chapa. É um bello typo de americano moderno, anglo-saxonio sem mescla, homem de leis, politico de rapido prestigio, conhecedor dos negocios administrativos, homem de nêra, que em todas as suas campanhas politicas sempre demonstrou acompanhar as grandes linhas de orientação do Sr. Harding. Pseudo-americanista, é o typo do advogado do interior, facto politico como o Presidente fallecido era do jornalista. Como Harding é, porém, um velho meditante do

seu partido e toda a politica dos Estados Unidos não tem segredos para elle, e a seu o mundo, a America, como os norte-americanos, pôdem confiar na efficiencia da acção do novo presidente, que passa a ser em virtude de ter fallecido o seu companheiro de chapa depois de completar mais da metade do tempo de seu mandato. Em 1919, nos Estados Unidos, repercussão da confusão da guerra, a Federação Geral do Trabalho queria tomar uma attitude revolucionaria e subversiva, e chegou a attrahir funcionarios e até policieiros. A parede dos policieiros de Boston era um resultado desse trabalho demolidor. O Sr. Coolidge disse então, numa phrase que ficou celebre, que admittia todas as liberdades, menos a de ser contra a ordem. A sua figura passou a ser representativa da resistencia conservadora ás reivindicações socialistas e communistas. Dahl a sua popularidade. Orador agradável, conquistou depois legítimos successos como tribuno e é considerado, como dos que fallam com mais bom senso e calma no partido republicano. Num momento dado, o Sr. Coolidge representou a ordem, quando pela crise depois da guerra elementos subversivos tentaram abalar a estrutura conservadora da sociedade norte-americana. Por isso, adquirio rapidamente uma nomeada justa e representativa.

O Sr. Stanley Baldwin e o seu avô

É sempre interessante conhecer a vida do chefe do gabinete ing'ez, um dos homens que concentram nas mãos maior somma de poder, governando as Ilhas Britannicas e, de certo modo, todo o Imperio. Equivale a dizer, pensando nas decisões da Europa e do mundo inteiro. Pois bem, o homem que reúne agora essa somma consideravel de mando e de responsabilidade é neto de um clérigo, o reverendo George Browne Macdonald, que exerceu seu ministerio em Wolverhampton e que é também avô de Rudyard Kipling sendo o primeiro ing'ez primo irmão do primeiro romanista britannico. Esse avô de ambos foi um pamphletario, com a ingenuidade de todos os destruidores e prégadores, dizendo que tudo está viciado e perdido e que só nas suas receitas está a felicidade. Escreveu um livro contra o romance, em 1832, e, em 1841, uma brochura com esse titulo: *Da obrigação para os christãos de se absterem das bebidas alcoholicas*. Dizem que o Sr. Baldwin é partidario da lei secca na Inglaterra, com o que muito honrará a memoria puritana do seu reverendo avô.

Hugo Stinnes

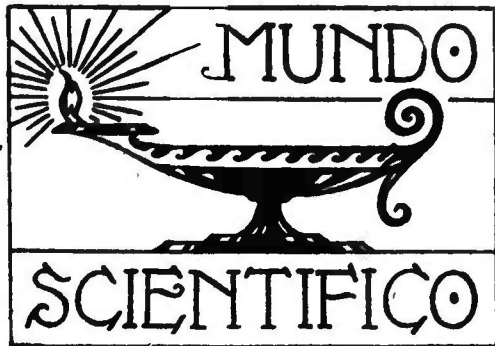
Passou, ha pouco, pela nossa capital, um filho de Hugo Stinnes e logo se disse que esse poderoso industrial volvia as vistas para o Brasil, o que, embora desmentido pelo nosso hospede, não se desfez. Diz-se que Stinnes se interessa pelo carvão nacional e tencionaria adquirir jazidas em Santa Catharina, havendo mesmo quem affirme a existencia de negociações nesse sentido. É, pois, interessante lembrar quem é Stinnes. As variadas empresas á frente das quaes se encontra esse grande cerebro, exercem em toda a Europa central uma actividade assombrosa, nos diferentes ramos da sua especialidade, com uma technica e uniformidade de acção surpreendente. Raros são os intimos de Stinnes que ignorem esse admiravel systema economico que funciona com uma precisão cronometrica. Nos agrupamentos dos "trusts" Stinnes, com uma excellente imprensa á frente, estão comprehendidas companhias de navegação, hotéis, empresas florestaes e agricolas, na Hungria, Russia, China e Mandchuria. É sobretudo nas industrias carboníferas e siderurgicas que a ramificação é mais completa. Na alta Siberia, foram adquiridas pelo "trust" do aço e ferro, as minas Bismarckshutte e Katowise (sociedade mineira) com as importantes fundições da Westphalia e as ultimas aquisições realizadas na Alemanha occidental e federada sob o nome de Rhein Elbe Union, a Siemens-Schuckut e as carvoarias de Brunswick. Stinnes conseguiu dominar a maior parte da industria germanica, methodicamente, desde o Rheno á Polonia. Anteriormente á organização da Rhein Elbe Union, as industrias Stinnes dispunham das seguintes e formidaveis riquezas: Produção annual: hulha 21 milhões de toneladas; coque 4 milhões; aços e ferro 5 milhões, isto sem contar as emprezas no estrangeiro, taes como a "Alpine Montangesellschaft" na Austria, as fundições Liptak & Co. na Hungria e as industrias balticas da Luger Grube. No entanto, estas indicações não dão uma idéa exacta do colossal esqueleto do grande Imperio Stinnes. O seu formidavel poder de aquisição e controle escapa a mais minuciosa estatística. Nessas paisagens apocalipticas do Ruhr, centro da maior organiza-

ção industrial do mundo, desde a hulha aos altos fornos, até aos laminadores e ás fabricas de munições, movimentam-se diariamente 35.000 operarios e produzem-se annualmente 85.000 toneladas de ferro só nas gigantescas fabricas Stinnes, corcadas por florestas de chaminés recortadas por centenas de linhas ferreas e canaes. Esta estranha figura de politico e industrial, o novo imperador allemão que, segundo Reehberg, a sua autoridade dentro da Alemanha é tão excepcional que, de facto, ultrapassa do governo, acaba de adquirir mais dois grandes diarios allemães, elevando assim a 140 o numero de quotidianos da imprensa Stinnes. Agora, ao que se annuncia, Stinnes está desenvolvendo dois novos "trusts" — o do óleo e o dos annuncios. Annuncia-se que projecta adquirir a monopolio do petroleo da Tcheco-Slovaquia, tendo já se apoderado de grande parte das acções da chamada Companhia Industria de Petroleo, como também das usinas de óleo mineral "Olea" de Frankfurt e das companhias de óleo de Hamburgo e de Stuttgart. Annuncia-se também que Stinnes possui interesses na Argentina e que até agora não procurou dar maiores desenvolvimentos. Ao mesmo tempo informa-se que elle adquirio direitos de "controle" na "Aiz", grande empreza que exerce a sua influencia numa larga parte do serviço de collocação de annuncios nos jornaes de toda a Alemanha.

Os Presidentes e Vice-Presidentes dos Estados Unidos

Num artigo de *Bassanio*, colhemos as seguintes notas interessantissimas, feitas a proposito da successão de Harding pelo Sr. Coolidge:

Dos vinte e nove Presidentes dos Estados Unidos, Washington, re-eleito, Adams, Jefferson, re-eleito, Madison, re-eleito, Monroe, re-eleito, J. G. Adams, Jackson, re-eleito, Von Buren, Polk, Perce, Buchanan, Grant, re-eleito, Hayes, Cleveland, Cleveland outra vez, Roosevelt, eleito depois de ser vice-presidente em exercicio. Taft e Wilson re-eleitos preencheram o tempo de seu mandato presidencial. Harrison, que tomou posse a 1841, foi presidente só um mez, morrendo aos 68 annos, de complicações hepaticas. Taylor, inaugurado em 1849, governou um anno e 4 mezes, fallecendo com 65 annos de febre biliosa. Lincoln foi assassinado com um mez e 11 dias de segundo periodo presidencial; Garfield com dois annos e tantos, Mac-Kinley, com 6 mezes e 10 dias. Assim dos seis presidentes que morreram no posto, tres foram assassinados. O Sr. Coolidge é o sexto Vice-Presidente feito presidente. O primeiro foi Tyler, democrata, que succedeu a Harrison em 1841, governando 3 annos e 11 mezes. O segundo Fillmore, que substituiu em 1850 a Taylor, presidindo a republica dois annos e sete mezes. O terceiro Johnson, successor de Lincoln, republicano, governando 3 annos e 10 mezes. O quarto Asthor, que continuou o tempo que faltava a Garfield, tendo uma presidencia de 3 annos e 5 mezes. O quinto Roosevelt, que succedeu a Mac-Kinley governando dois annos e 5 mezes. Logo depois eleito Presidente para o quadriennio seguinte. O Sr. Calvin Coolidge é o sexto, portanto. O novo Presidente chega ao Governo supremo com 51 annos. Washington quando tomou posse, tinha 57, Adams 61, Jefferson 57, Madison 57, Monroe 58 T. S. Adams 57, Jackson 51, Van Buren, 59, Harrison 68, Tyler 59, Polk 49, Taylor 64, Fillmore 50, Rince 48, Buchanan 65, Jackson 56 Grant 46, Hayes 54, Garfield 49, Arthur 50, Cleveland a primeira vez 47 e a segunda 56; Harrison 55, Mac-Kinley 54, Roosevelt 42, Taft 51, Wilson 56 e Harding 55. O Sr. Coolidge foi e é um advogado e homem de leis, como Adams, Jefferson, Madison, Monroe, o segundo Adan, Jackson, Von Buren, Tyler, Fillmore, Pierce, Buchanan, Lincoln, Garfield, Arthur, Cleveland, Harrison, Mac-Kinley, Taft, Adams começára, porém como professor primario, Fillmore e Johnson como alfaite, Lincoln com lenhador, Garfield, Arthur, Cleveland, como professores; Washington era proprietario agricola; Roosevelt publicista, Wilson professor, publicista, historista e constitucionalista; Harding, jornalista e director de jornal, Harrison tinha sido militar, e era proprietario agricola quando foi eleito e Gant militar. O Sr. Coolidge é o 21º homem de leis, jurista, advogado ou juiz, que sobe á Presidencia dos Estados Unidos. Assim só oito não foram o que nós chamamos bachareis, tres agricultores, um General, um alafalte e tres jornalistas e publicistas. Contamos 29 Presidentes antes do Sr. Coolidge dando duas vezes o nome do Sr. Cleveland como Presidente, porque exerceu duas mandatos com o intervalo de um periodo presidencial.



O mysterio do homem equatorial

O Dr. Muraz, medico francez, é um homem paradoxal. Durante quinze annos elle correu os sertões africanos, armado da sua seringa hypodermica e de uma Kodak, para tratar as victimas da molestia do somno e fixar na pellicula os mais estranhos espectaculos que os olhos do homem possam ver. O paciente Dr. Muraz voltou a Pariz para publicar um livro em que resume os problemas mais importantes da Africa Central, livro sobre o qual o Sr. Pierre Mille chama toda a nossa attenção. Segundo a opinião do Dr. Marcelin Boule, professor de anthropologia prehistorica no Museu de Pariz, é no centro africano que se encontrará, com toda certeza, exemplares vivos da humanidade prehistorica. O Dr. Muraz accrescenta que encontrou na grande selva equatorial, primitivos cujo aspecto simiesco era extraordinario. E' interessante tambem notar as semelhanças existentes entre os primitivos da Africa e os da Oceania e da America, porque se a evolução pôde explicar que no Congo como na Polynesia os homens fabriquem tecidos com cascas de arvores batidas e usem as mesmas tangas com cascas de folhagens, como interpretar a similitude de costumes entre mulheres sarras-jingés e as Aymorés do Brasil, que usam a mesma taboa enfiada no belço? E' duvidoso que se encontre jámais o individuo traço-de-união entre o macaco e o homem actual, pensa o Sr. Pierre Mille. Talvez tenha existido a especie intermediaria (mas será talvez num continente desaparecido, como aquelle que unia a Africa ao Brasil, e que se afundou ha milhões de annos, antes que fosse submersa a Atlantida quaternaria. O que faz que não só ignoramos hoje, como sempre ignoraremos essas origens. E todavia se o descobrissemos um dia, mais evoluído do que o gorilla, menos evoluído do que o homem, verdadeiramente homem mas tão perto do gorilla quanto o Dr. Muraz n'ol-o mostra, num canto da floresta equatorial?...

Confirmando a theoria da relatividade

No *Journal of the Royal Astronomical Society of Canada* (numero de Maio ultimo) vem publicado um artigo do professor R. K. Young, do Observatorio de Victoria (Canada), em que expõe pormenorizadamente o methodo de medição empregado para o estudo das chapas photographicas tomadas na Australia, quando da recente expedição canadense, durante o eclipse do sol, em 20 de

Setembro ultimo. Foram duas as photographias tiradas, em cada uma das quaes se veem a coroa solar e cerca de 25 estrellas, das quaes, porém, apenas 19 poderam ser medidas. As photographias de contrólo foram conseguidas na ilha de Tahiti, em condições astronomicas e meteorologicas semelhantes ás tiradas na Australia, durante o eclipse. Depois de preparadas as chapas e verificados os erros e desvios, foi feita a medição, no Observatorio de Victoria, incumbindo-se desse trabalho os professores Young e Harper. As medidas foram repetidas 7 vezes por cada observador, sendo depois corrigidas, devido aos desvios da refração, da aberração e da superposição das chapas. Os valores assim obtidos foram introduzidos em 38 equações com 7 incógnitas, que foram resolvidas pelo methodo do minimo quadrado. O resultado é que a deflexão, assim medida, está accorde com os calculos de Einstein, oscillando entre um segundo e quatro decimos e dous segundos e um decimo; o valor medio de um segundo e sete decimos é igual ao predio pela theoria da relatividade, assim confirmada mais uma vez.

Um inquerito sobre Einstein

A revista "Scientia" iniciou um inquerito internacional, a propósito da theoria de Einstein, com o duplo intuito: primeiro, de tornal-a accessivel a todos os homens de cultura geral, mas sem uma cultura mathematica intensiva; segundo, submeter a theoria a uma critica objectiva, para lhe apreciar o valor, importancia e logar no conjunto do progresso scientifico. A primeira resposta foi dada pelo professor Bouasse, de Toulouse, que o fez com o melhor "humour", por ser daquelles que não se impressionaram com a doutrina do insigne sabio, julgando-a mesmo uma simples diversão para dias de chuva... Principia dizendo que nem Fresnel, fundando a optica moderna, nem Faraday, achando as bases da telegraphia sem fio, nem J. J. Thompson propondo a theoria dos electrons, que renovaria o estudo da condutibilidade dos gazes, nenhum delles mereceu essa gloria tão retumbante, essa fama tão difundida, essa curiosidade, que Einstein despertou. "Os jornaes estão cheios de seus retratos, escreveu; as mulheres formosas formam circulo para vel-o; annuncia "tournées" como uma atriz e a gente briga em seu favor ou contra elle. Está claro que ha aqui, como se diz em Toulouse, alguma coisa de mais ou de menos.

A razão dessa gloria, que reputo ephemera, continúa, está no facto da theoria de Einstein não entrar no quadro das theorias physicas: é uma hypothese metaphysica, que, por ser incompreensivel, é perfeitamente digna do grande exito." Depois defende a hypothese do ether, que embora extranha á realidade, explica milhares de phenomenos. Todo o tumulto levantado pela theoria de Einstein gira em torno de uma experiencia negativa de Michelson e Morley, isto é, de um phenomeno de optica. Pois bem: já se publicaram bibliothecas inteiras de commentarios, já se desbaratou toda a optica, quer-se abandonar o ether, no entretanto ainda não se pensou em fazer um trabalho de optica, baseado nos principios maravilhosos da relatividade. Se a pedra de toque da theoria é uma applicação, temos que convir que os relativistas são homens sem apuro. Além do mais, observa

que os parciales de Einstein, com a sua leia a alguns raciocínios, quanto repellentes outros, o que o leva a perguntar se os dados intuitivos são um só bloco, ou se podem ser separados, e, nesse caso, adoptada uma parte sem detrimento de outra. Depois, a pergunta sobre a explicação do sucesso da theoria entre os mathematicos, disse a uma nova geometria não euclidiana. Os mathematicos se voiem satisfeitos por terem que delinir uma hypothese qualquer que seja. Aceitemos essas premissas, nos dizem elles, contradictoria ou não com a evidencia, vejamos por diversão, o que sahe dahi de accordo com as regras da logica tradicional. A theoria de Einstein é um inutil passatempo... Tal é a opinião do Professor Bouasse, que entra em desacordo com as tendencias modernas, pendendo todas á relatividade, em que vêm, mais do que uma diversão para noites de chuva, uma larga perspectiva de salvação, que abre aos nossos olhos assemblaças.

Premio Orlando Rangel

O pharmaceutico Orlando Rangel, sem duvida um dos mestres da therapeutica brasileira, acaba de instituir na Academia Nacional de Medicina, um premio, que não terá o seu nome, ao menos enquanto S. S. viver, para incentivar os estudos de therapeutica no Brasil. Esse premio, que será distribuido pela primeira vez em 1922, por occasião do centenário dessa doutissima instituição, com a denominação "Premio Soares Meirelles", conta dos juros acumulados, durante 4 annos, de 50 apolices de conto de réis que o Sr. Orlando Rangel entregou ao Presidente da Academia, para o fundo do dito premio. Poderão concorrer medicos e pharmaceuticos, ainda que não sejam membros da Academia, inclusive estrangeiros desde que residam ha mais de 4 annos no Brasil. Os trabalhos serão entregues a 29 de Fevereiro (annos bissextos) data do anniversario do seu instituidor, devendo a sua entrega ser feita na sessão anniversaria da Academia. Julgará os trabalhos uma commissão presidida pelo Presidente da Academia e composta pelos diversos presidentes das varias secções da mesma.

Visão extra-retiniana

O escriptor Jules Romain, que é um dos nomes mais em voga nas modernas letras francezas, annunciou ha cerca de 3 annos a sua descoberta maravilhosa: pôde-se ver sem os olhos, pela pelle. Os sabios pouco se interessaram com a descoberta, que chegou a attimar pouco seria, mas ultimamente numerosos trabalhos têm culpeado do assumpto e dizem que as experiencias feitas são as mais favoraveis, para confirmar a doutrina ocellar. No ultimo numero do "Monde Nouveau", o Sr. René Maublanc descreve uma experiencia feita com exito por Jules Romain, para affirmar que essa nova descoberta, cujo realce por se mesma, renova os valores sociaes, pela educação dos cegos; os biologicos, pela modificação dos problemas paropticos e os philosophicos, pelas suggestões e alterações nas theorias psychologicas do conhecimento, da percepção, do espaço, dos regimens de consciencia, dos estados hypnoticos, do parallelismo psycho-physico e outros mais. Ainda não se pôde affirmar até que ponto essas experiencias são positivas, pois, embora os seus autores afastem



A VICTOR VICTROLA

REPRESENTA UM THEATRO

Adquirindo um destes instrumentos fechará um contracto permanente com os mais afamados artistas do mundo. Peça uma demonstração pratica.

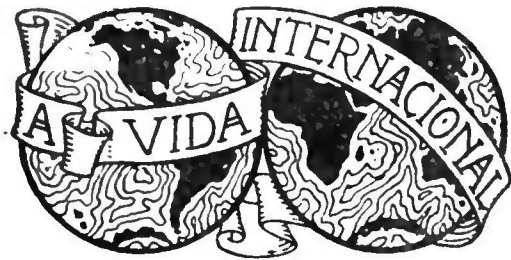
UNICOS REPRESENTANTES PARA O BRASIL

PAUL J. CHRISTOPH & C^{IA}

98. RUA DO OUVIDOR, 98.

RIO DE JANEIRO

sempre a hypothese de uma transmissão da vida, e da accão hypnotica é preciso que as despesas sejam depois de prova absolutas e radicais. Quem ousará duvidar da possibilidade de uma visão extra-retiniana? Mas, o que não se póde é aceitar essa hypothese, cuja apparencia repugna ao senso commum, sem que esteja romprada de um modo completo e irrefutavel.



Anatole France propheta uma nova guerra

O grande Anatole France, cujas idéas libertarias succederam, na velhice, ao suave epicurismo de sua vida, fallando na inauguração da estatua de Jaurés, em Carmaux, verberou a burguezia e previu o mais tragico futuro para os homens, terminando a sua inflamada oração com esse calor, que Jérôme Coignard acharia talvez imprudente:

"Estamos em vespéras de uma guerra igual á de 1914. Aliás, todos os grupos que governam a França confessam e declaram isso.

Entretanto, ainda ha pouco, quando já iam além do razoavel, os horrores da guerra, nos diziam: "serão os ultimos"

Hoje, elles nos dizem: "preparemo-nos para a guerra: haverá guerra dentro de vinte annos, de dez annos, talvez até antes; é possível que ella estale se abandonarmos o Ruhr, região que fornece munições aos allemães". Não sei, mas não me atrevo a dizer que isso seja impossivel.

Mas, quem tem a culpa? Não foi a nossa politica quem fez tudo para provocar e para apressar essa nova guerra que se annuncia?

Não fizemos a paz. E eu já disse — a burguezia franceza não póde, não quer, não sabe fazer a paz.

A guerra não cessou. Bem vedes que estamos em guerra desde o proprio dia do armistício. E que acto mais característico de hostilidade poderíamos imaginar que esse da occupação do Ruhr?

Com engenho e subtilidade, arguir-me-hão que era um acto indispensavel para cobrar o que nos deviam. E não acreditaes que uma accção firme e pacifica teria resultado melhor e que, por outro lado, o reatamento de negocios com uma nação vizinha, importante em população, na industria e no commercio, nos teria enriquecido mais que uma reclamação e não chamada e que até agora nos tem custado tanto?

Que povo é o nosso? Em que sonho cobarde nos sumimos? Perdemos até o instincto de nossa conservação, para entregar a gestão de nossos negocios a uma Camara de Deputados que nos conduz á ruína, não já pelos prestigios de seus brilhantes erros e pelas loucuras do genio, senão, tambem, pelas sugestões da ignorancia e da estupidez. E a deixaremos por mais tempo decidindo dos nossos destinos?

Cidadãos, despertemos á voz de Jaurés! Cinco annos antes da guerra, esse grande homem disse: "Tenho fé na possibilidade de um congresso europeu de paz e, mais, tenho fé na possibilidade de uma approximação entre a Alemanha, a Inglaterra e a França."

Jaurés — não te quero contemplar hoje, em bronze ou em marmore, numa solemne immortalidade. Estarias demasiado longe de nós e eu te quero ver vivo, tal como te conhecemos!

Nesta hora critica, ameaçados dos mais temíveis perigos, precisamos das lições da tua prudencia e te imploramos, mestre e amigo, a ti que foste o melhor dos homens, que nos guies e nos consoles.

Fallando em Lyon, a 25 de Julho de 1914, nas vespéras da guerra, Jaurés disse: "Jamais nos encontramos em situação mais ameaçadora e mais tragica do que a actual."

Ouvi o velho, ouvi o homem que viestes honrar e cuja previsão nunca falhou.

Nunca estivemos em uma situação mais ameaçadora e mais tragica do que a que nos

crearam a imprudencia e o erro dos nossos "anos" de hoje "

Lei de imprensa na Italia

O Conselho de Ministros da Italia approvou uma nova lei de imprensa. Agora, que se discute, entre nós, o assumpto, é interessante referir as bases da lei italiana. Entre as medidas tomadas, estabelece-se que as funções de editor responsavel devem ser exercidas pelo director ou por um dos principaes redactores. Os senadores e os deputados não podem ser gerentes de jornaes. O prefeito, depois de ter ouvido uma commissão especial, na qual se encontra um representante da imprensa, tem o direito de acabar com a publicação de noticias falsas ou tendenciosas e de aquellas que possam entrar a accção diplomatica do governo, combater o credito nacional, lançar o alarme entre a população ou perturbar a ordem publica. Podem ser tomadas medidas violentas contra os editores dos jornaes que por meio de artigos ou desenhos levem ao odio de classes, ao desprezo das leis, etc. Isto sem prejuizo da accção eventual dos tribunaes. Se o editor de um jornal soffreu duas condemnações no espaço de dois annos, o prefeito pode deixar de o reconhecer. Esta lei de imprensa, que contém disposições absolutamente d'atualidade, e cá sendo objecto de acerbos commentarios, tanto dentro como fóra da Italia.

A agonia do bolschevismo

Sob esse titulo acaba de apparecer um livro do Sr. Italo Zingarelli, editado por Fratelli Treves, de Milão, que é um depoimento da situação da Russia, fascinada ou dominada pela loucura bolschevista. O escultor italiano visitou a terra, onde Lenine impera, para ver in loco a accção dos soviets e trouxe de lá o mais vehemente libello, na simples narração do que viu de miseria, de torpeza, de destruição e morte. Por toda parte, a fome, a fome terrivel, chegando ao cannibalismo, pois os casos de antropophagia não são raros e "medicos compilarão depoimentos de maridos que mataram as mulheres, para comer, de pais que se sustentaram com a carne dos filhos". A esse proposito, conta-se o seguinte episodio, de uma buffoneria tragica: dous palhaços de um circo de cavalinhos, *Bim e Bom*, diziam cynicamente — Na republica dos soviets progredimos tanto, que uma criança de peio sustenta os seus pais durante uma semana. Não é preciso juntar mais. Essa constatação macabra e horripilante é um symbolo de soffrimento e miseria, que edifica o mundo. Onde o remedio? Como conjurar a crise tremenda? Não se luta contra o vendaval, espera-se que passe a insania do vento.

A Estrada de Ferro do Bagdad

A recente aquisição, por financeiros britannicos, da parte anatoliana da estrada de ferro de Bagdad e seus ramaes de Angora e Konia, representa um dos maiores acontecimentos commerciaes destes ultimos annos. O syndicato encabeçado pelo Barão Rothschild, Barão Schroder, Baring & Co., e Lloyds Bank, que adquirio os titulos da Banque des Chénins de Fér Orientaux, vai fazer immediatamente um adiantamento de 25 milhões de dollars para o inicio das obras de reconstrução das linhas. Pelo accordo feito com o banco, os capitalistas britannicos deverão levantar o capital para a reconstrução não sómente para a construção de grande parte das 900 milhas da estrada de ferro da Anatolia, destruida durante a retirada grega, mas tambem para construir mais de 1.200 milhas de novas linhas, conforme exigia o contrato original transferido, notadamente a linha Berlim-Bagdad. O total em dinheiro necessario a essas obras será, portanto muito superior aos 25 milhões de dollars acima referidos. Nos circulos britannicos considera-se essa aquisição feita pelos capitalistas britannicos muito mais importante do que as famosas concessões cuja ratificação era pretendida pelo grupo de industriaes norte-americanos chefiado pelo Almirante reformado Colby M. Chester.

A futura guerra Tcheco-Poloneza

Ao que parece a grande guerra europeá, longe de ter acabado com a guerra, como esperava o Sr. Barbusse quando escrevia a sua famosa phrase: "guerre á la guerre", vai pelo contrario motivar innumerados outros conflitos entre nações. O céu da Europa Central e Oriental é o que apparece o mais

carregado de nuvens ameaçadoras. Eis agora que um artigo notavelmente documentado, publicado pelo jornal "Luzien k Poznań", nos annuncia uma proxima guerra entre a Tcheco-Slovaquia e a Polonia. A incorporação da Galicia oriental á Polonia constitue um serio obstaculo para a politica tcheca cuja base fundamental é o desejo ardente de possuir essa provincia. O intuito secreto dos Tcheco-Slovacos, segundo dizem os Polonezes, vai mais longe. Seria de dividir entre a Alemanha e a Russia os territorios Polonezes que se estendem até os rios Klicza e Narva, guardando para si Cracovia, Wlislak e Bochina, recompensando ainda a Russia com o abandono dos territorios Ruthenos arrancados á Hungria. Seria o meio de realizar o seu desejo de crear uma fronteira commum entre a Tcheco-Slovaquia e a Russia, dos dous lados dos Carpathos. O autor do artigo, depois de assignalar a imminencia da conclusão de um tratado Germano-Tcheco, chama a attenção da França e da Italia sobre os perigos de uma guerra entre a Polonia e a Tcheco-Slovaquia que viria romper o equilibrio na Europa Central, abrindo as portas do niundo civilizado á influencia bolchevista. Falta-nos para firmar o nosso juizo a opinião dos Tcheco-Slovacos.

As difficuldades da Hespanha

O que falta a Hespanha e o que ella poderia inventar é uma grande politica externa que a libertasse das suas mesquinhas dissensões internas, indignas do seu grande engenho. Entre os embaraços de toda especie, a rotação liberal e conservadora continúa a sua pequena manobra, enquanto a Europa toda se renova. Alguns espiritos querem imitar a Europa, mas o communismo, apesar de toda a agitação creada na Caltacenia, não consegue ganhar o povo. O fascismo não lograria melhor exito, porque se este ideal nacionalista seduz muitos hespanhóes e conseru o implantar-se no Mexico, cujo exemplo é muito admirado na Hespanha, falta aos hespanhóes um sentimento unanime de reacção. A Hespanha vive sonhando, enquanto as suas possibilidades são grandes, bem inimigas exteriores, sem duvida exaggerada (150 pesetas por habitantes quando a Italia tem 415, a Belgica 484, a Inglaterra 561, França 593), a Hespanha tem deante de si uma tarefa positiva de exploração e de renovação, que deveria reter melhor a attenção dos seus politicos e dos seus pensadores.

O calendario Juliano

Noticiam de Constantinopla que o Congresso Pan-Orthodoxo, allí recentemente reunido, resolveu abolir o calendario Juliano e adoptar o calendario gregoriano, a partir do proximo 1 de Outubro. Essa noticia, diz Ch. Nordmann, que nola refere, val emocionar os observatorios, chancellarias do Infinito; os astrónomos têm tambem elles sua "questão do Oriente", a qual reside precisamente na "unificação dos calendarios". Os actuaes calendarios apresentam muitos inconvenientes. O mais grave delles é justamente o serem varios: na Europa, estão em uso nada menos que 3 differentes. De forma que, por exemplo, o dia que para nós e para os europeus do sul e do occidente, se denominou 15 de Julho de 1923, para os orthodoxos avós foi o 2 de Junho do mesmo 1923, e para os musulmanos 1 dzel-i-kalch de 1841. Ha alguns annos, quasi metade da Europa empregava ainda o calendario Juliano com seu atrazo de 13 dias sobre o nosso. Ha pouco, o Governo Bolchevista o substituiu por este, o que prova que ás vezes os soviets têm juizo. Algumas nações balticas, porém, insistiam em manter-se fieis ao outro, e apesar de que a Bulgaria, em 1915, logo após a visita que Guilherme II da Alemanha então fez a Sofia, adoptou tambem o calendario gregoriano. Fizeram-no, aliás, por uma razão pittoresca: para provar que... os bulgaros não são slavos, tanto que movendo a guerra contra os slavos russos, de logo repudiaram o calendario juliano que esses slavos russos observavam. Como fez em 1915 a Bulgaria, e fez depois a Russia bolchevista, vão agora fazer todos os outros paizes orthodoxos, o que demonstra que o amor proprio religioso naquellas regiões acaba por ceder ao bom senso. Vale, porém, aqui um pequeno mas importante registro: a China e o Japão, que não são orthodoxos, nem sequer longinquamente christãos, já adoptaram, ha muito tempo, o calendario gregoriano.



A temporada theatral de 1923

Felizmente, aplainadas as dificuldades, foi possível à Empresa Walter Mocchi nos dar este anno a temporada do Municipal, não só com uma magnifica Companhia Dramatica Francesa, de que já tivemos ensejo de fallar, bem como a estação lyrica symphonica, iniciada com os maravilhosos concertos da "Wiener Philharmoniker", dirigida pela batuta do eminente "kappellmeister" Ricardo Strauss. Ao entrar em circulação o numero desta revista, estará occupando o nosso Theatro Municipal a grande Companhia Lyrica, em cujo elenco artistico se incluem nomes do maior relevo na scena moderna e cuja vinda a esta Capital, na crise presente de cantores, representa um esforço inaudito, que não podemos deixar de registrar. Por outro lado, o repertorio é admiravel, com peças novas para a nossa platêa, como "Debora e Jaele", de Hildebrand Pizzetti; "Sakuntala", de Franco Alfano; "Electra", de Strauss; "Vida Breve", de Manuel Falla e "Compagnac", de Primo Ricotti; com duas peças brasileiras: "Saldunces", a grande opera de Migucz, e "Júpiter", do maestro Francisco Braga; com as operas de Wagner: "Tristão e Isolda", "Lohengrin", "Walkyria"; "Boris Godounov", essa obra impercível de Moussogsky; "Damação de Fausto", de Berlioz; "Salomé", de Strauss, afóra as peças mais comuns do repertorio italiano e francez, que tantas predilecções tem no nosso publico. Agora, uma ligeira referencia ao elenco. O primeiro lugar cabe ao illustre maestro Cav. Gino Marinuzzi, que é um regente do melhor quilate, com qualidades admiraves e um alto poder artistico, tornando a sua interpretação de um fulgor desusado. Citaremos depois os nomes, que já dispensam louvores, tão applaudidos têm sido de nossa platêa, das senhoras Claudia Muñoz, Ninon Valin, Toti Dalmonte, Carlota Dahmen, Flora Perini, Elsa Bland, Elena Hirn e das artistas brasileiras, senhoras Lydia Salgado e Antonietta de Souza. Dentre os cantores citaremos Carlos Galeffi, Armand Crabbe, Aureliano Fertile, Walter Kirchoff, Miguel Fletta, Marcel Journet, Giulio Cirino, José Segura Tallen, John Sullivan, e Asdrubal Lima, este ultimo nosso patricio, do grupo de artistas brasileiros. Essa simples indicação, basta para mostrar ao leitor a garantia de exito da Companhia que hospedamos neste momento.

Mais uma vez vingaram os esforços do Sr. Walter Mocchi, que, conforme já tivemos ensejo de assgnalar, tem procurado, através innumeradas dificuldades, dar ao publico carioca temporadas dignas de sua cultura e bom gosto, merecendo portanto que os poderes locais, se interessassem com elle, conjuntamente, pelo exito da sua iniciativa, tornando o contrato, não um instrumento rijo a impedir as estações, mas perfeitamente maleavel, para attender ás contingencias variaveis anno a anno. Aliás, tudo indica que as modificações pleiteadas pela empresa, e de que já tratamos longamente, serão attendidas, como de justiça.

O actual concessionario do Theatro Municipal, como se sabe, não é um improvisador, como insinuam malevolamente certos indivíduos de má-fé e ignorancia respeitavel, mas, não só já occupou cargos politicos em

seu palaz e exercou o jornalismo, como director de jornal, como tambem e hoje um dos "leaders" dos empresarios de todo o mundo, por enfeixa varias concessões, numa polerosa organização, que bem de perto conhecemos pela ainostra do nosso Municipal. Não predomina a ganancia (e se fosse assim já não o teriamos no Municipal) mas o desejo de contribuir para o cultivo do povo, variando os repertorios e pondo em scena operas de monarca difficilissima, como as de Wagner, e muito especialmente a Tetralogia do Nibelungen trazendo quadros espectaes, com artistas insignes, enfim tornando o nosso theatro um centro de arte e de belleza. Convenhamos em que trazer uma companhia em época de crise cambial, em que o mil rês da a dia se desvaloriza, é um empreendimento audaz e só o interesse e amoroso intento de cumprir o contrato podem justificar. Foi o Sr. Walter Mocchi, cuja operosidade é digna do maior relevo. Aliás basta lembrar o papel que teve, no Congresso Nacional do Theatro Lyrico Italiano, reunido em Roma em Março deste anno, para mostrar o seu prestigio indiscutivel. Nesse certame, a que o chefe do Governo italiano, Sr. Benito Mussolini deu a maxima attenção, representantes do-se pelo Ministro das Belas Artes, o Sr. Walter Mocchi foi o "leader", conseguindo ver approvadas as suas conclusões, formadas num conhecimento profundo das coisas do theatro, na v.são esclarecida da situação moderna dramatica e lyrica, na sua brilhante intelligencia. Se referimos esses factos é apenas com o intuito de fazer justiça e escaudrecer os leitores sobre o esforço que representam as nossas temporadas do Municipal. São momentos de infinito gozo artistico e de optimo cultivo espirital e temos o dever de velar por ellas.



Vincenzio Gaudio, o architecto illuminado

Barcelona é talvez a unica cidade que possui um architecto illuminado. Imaginae um sonhador fanatico para quem as formas tradicionaes são perimidas e que combina novas formas, pretendendo copiar a natureza na pedra. Tal inventor de palacios bizarros parece escapado de um livro de Villiers de l'Isle Adam. Qualquer cidade do mundo o teria affastado; Barcelona protegeu-o e encarregou-o de realizar os seus sonhos.

Vincenzio Gaudio hoje está velho, mas, durante annos e annos edificou como possuido de uma furia sagrada. Se trechos inteiros dessa cidade apparecem inconsistentes, se o estrangeiro recua espavorido deante das columnas obliquas, das chaminés serpentinadas, das casas de proporções e invertidas que parecem animaes ou plantas fantasticas, é a Gaudio que se deve essa impressão extraordinaria. Ninguém detestou mais a linha recta e o gosto. O edificio gigantesco do Pasado de Gracia é um bloco pavoroso, furado de orificios irregulares, chapado de ferro, propositalmente inhabitavel e absurdo. O Parque Guell é a realização de um pesadelo. Mas é a Sagrada Família que manifesta melhor esse genio louco.

Essa cathedra inspirada pelo desejo sombrioso de ser a unica no seu genero, é enorme. Tres vezes mais alta do que São Paulo de Veneza ella ultrapassa o Paez de Roma, doze torres nas quaes s'atambam placas de bronze representam os Apostolos, quatro os Evangelistas e uma, de 170 metros, o Christo. Centenas de personagens e de

monstros animam as suas fachadas onduladas, pintadas em certos lugares com cores violentas, de onde penhem esculturas e que enchem pesadas naves de pedras. Prendidos os electricos acendem toda a noite, de baixo para cima do edificio, e as de ouro e de prata de inscrições sagradas.

Todavia, essa cathedra mystica e curiosa, começada em 1882, e que custará centenas de milhões, ainda não existe. Só se vê por enquanto uma unica fachada, de pé como uma decoração de theatro em um vasto terreno baldio. Aberto sobre o espaço, esse muro desmedido parece um grande grito solitario. Gaudio não verá o fim da sua obra. Sombrio, rude, asceico, obstinado, cego e surdo para tudo o que não tem no seu orgulho, elle se cansa para erigir, num cego demolido alto para os architectos a sua basilica impossivel, novo Solness possuindo do desejo do infinito.

Paul Landowski

A medalha de honra do Salon de Paris deste anno, coube ao escultor Paul Landowski, com o grupo "Fantômes", cuja descripção fez Camille Mauclair, escrevendo para "La Nación", de Buenos Aires, nestes termos: "Em escultura não citarei senão uma obra que domina todas as outras. O autor é Paulo Landowski e se intitula "Les Fantômes". São oito figuras de soldados que surgem do tumulto commum para formarem uma unica muralha contra o invasor do solo patrio. Estes homens, apesar dos detalhes, das vestimentas e armas, são seres de todos os tempos. Suas expressões, suas attitudes, são de grande força pathetica e, no conjunto, lembram os calvarios bretões da Idade média. Observa-se essa criação com uma elevada admiração e piedade. Esse monumento será erigido sobre uma das collinas da Champagne, de onde se desencadeou, em Julho de 1918, o ultimo ataque allemão, perto de Reims. Estas oito figuras de irmãos e martyres se destacão solitarias do céu, enquanto que os seus corpos de bronze parecerão surgir da terra, vivendo na mesma coração. Faz muito tempo que Paris não admirava uma obra de tão grande valor artistico."



A joven musica norte-americana

A joven America vive actualmente uma época de nacionalismo musical. No entretanto, os mais valorosos compositores da America não recusam a assimilação da grande cultura musical europeia, criada na idade de ouro da musica, no velho mundo. Sobre os diversos grupos e circulos dos jovens americanos perpassam as influencias as mais variadas, ora as de Ravel e Debussy (em Frederico Jacobi, Emerson Whithorne) ora de Scriabine e Stravinsky (em Deems Taylor ou Leo Ornstein), ora de Strauss e Busoni (em Louis Gruenberg), etc...

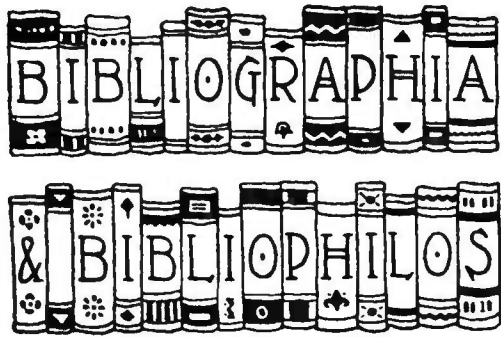
Mas os autores americanos de nosso tempo se servem dos processos musicaes europeus de um modo mais logico; tratam unicamente de adoptar a technica da alta composição europeia, sem se escravizarem ás idéas musicaes que dominam a formação psychologica dos povos transoceanicos. Essa tendencia para se emancipar do dominio de espirito musical europeu criou um passado muito pro-

Loteria só da Bahia

xino, uma espécie de nacionalismo primitivo que consistia em adoptar a composição americana melodias populares, negras, índias e outras das mesmas origens. Esse americanismo elementar dá lugar, pouco e pouco, a uma corrente energética que vai crear a verdadeira vida musical americana. Isto é, o americanismo espiritual. A medida que os acontecimentos economicos e sociais se desenvolvem na America, a medida que se eleva o genio desse paiz, cuja admiravel e clarevidente iniciativa, longe de ficar escravizada a industria, se eleva e penetra nas esferas superiores, é util assignalar o nascimento de uma arte nacional absolutamente nova e caracteristica de uma raça. Quando se procura definir o que impressiona nas peças como as americanas como os encantadores *Les Notes de Nova York* de Emerson Whitthorne, ou a *Serie Indiana* de Guilbert, chega-se a reconhecer um elemento que serve como base a toda essa cultura: o elemento anglo-celta. Chega-se assim a essa conclusão que o fundamento original, que dá a composição norte-americana o seu caracter proprio.

Mas a joven composição americana comprehendendo também alguns creadores que, nascidos na Europa, se adaptaram a vida e às instituições do paiz e influíram seriamente sobre os trabalhos de seus camaradas mais moços, graças a seu ideal particular... Ernesto Bloch, um dos maiores compositores da America, cujas obras procuram traduzir o espirito da Biblia na musica, era na frente desse movimento novo. E', pois, um phenomeno interessante. A America do Norte, paiz do industria febril, disfrutando um bem-estar material inaudito e de procuras technicas as mais rebuscadas, esse paiz se interessa pelo renascimento musical da Biblia, na realização musical de imagens pacificas e longinquas. Bella lição aos que julgam ligeiramente esse paiz e seus compositores que, para bem dizer, são completamente ignorados na Europa.

LAZARE SAMINSKY.



Letras francezas

A casa Crés de Paris acaba de publicar as cartas de Pascal — *Les Lettres de Blaise Pascal* — em edição organizada por Maurice Beaufreton, nas quaes o grande espirito se nos revela sob os multiplos aspectos de seu genio. Eram essas missivas pouco conhecidas, pois os "Pensées" e as "Lettres provinciales" são os seus livros mais familiares, onde a sabedoria inquieta nos revela sua excelsa e miseravel grandeza. Andou bem a conhecida casa editora divulgando essa nova obra de Pascal. Talvez não venha alterar o conceito pascalino, mas, seja como for, ao menos creará ainda melhor a penitente psychologia de sua altissima figura, onde sangram as dores da inquietação humana, amargando a vida, corrida ao pé do abysmo. O philosopho, o homem e o crente se encontram ligados indissoluvelmente, apparecendo, nessas cartas, aquella enoção religiosa penetrante e profunda, que leva a Deus o espirito humano, depois das tentativas falhas e duvidas e de negação. Nellas se reflete a ansia da creatura, desejosa de attender a Deus e lutando contra todas as perturbações que medram ao caminho. Sendo ainda pouco conhecida essa correspondencia, a publicação da Casa Crés se destina a uma larga divulgação, sobretudo na crise actual, quando Pascal, com a sua duvida orientada para a fé christã, tão directamente empolga o espirito das gerações modernas.

Depois de Baudelaire, que ha uns tres ou quatro annos esteve repentinamente em voga, repetindo-se as edições das *Fleurs du Mal* em toda a França, eis que na ordem da lista Por toda a parte apparecem estudos sobre o autor de "Sagesse". G. Jean Aubry publica no "Mercure de France" algumas recordações e documentos sobre Verlaine na Hollanda, Ad. Van Bever, no mesmo numero, reproduz algumas cartas do poeta a Léon Va-

nier. Lucien Aressy escreve um livro "Verlaine et son milieu", com um prefacio fantástico de Rachilde, enquanto o editor Escoffier imprime uma "plaquette" sobre a "Agonia de Verlaine", (1890-1896), com retratos, versos e cartas, tiradas da bibliotheca de Robert de Montesquiou. É curioso notar-se que todos esses estudos se referem aos ultimos annos de vida de Lélan (Verlaine esteve na Hollanda em 1892) quando o poeta já se achava no cyclo mystico da sua evolução. Isto, depois do interesse manifestado pelo "poeta maldito", não indicaria uma certa transformação no espirito dos francezes contemporaneos?

Naturalmente, Renan também chama a attenção dos criticos e dos pensadores, não me atrevo a dizer por ser este anno o centenario do seu nascimento. O terrivel Sr. Pierre Lasserre num livro chamado "Renan et nous", analisa a influencia de Renan na evolução do espirito do seculo XIX, "que teve uma idéa muito mais vasta das variedades do espirito humano do que o seculo XVIII podia ter". O Sr. Lasserre, naturalmente não deixa de fazer certas restricções, a mais seria das quaes é considerar que Renan foi um dispersivo, que estendendo o raio do seu espirito a uma região mais ampla, enfraqueceu-o. Faltava a Renan, acha o Sr. Lasserre, a fé constructiva. Convem notar também uma interessante "Bibliographia das obras de Renan", de Henri Girard e Henri Moncel, livro completo e consciencioso.

O Sr. Henri Allorge, o bello poeta da "Splendeur Douleureuse" e do "Esort Eternel", que a Academia Franceza coroou, acaba de publicar nas edições de G. Crés, em Paris, um romance da imaginação dos mais curiosos: "Le grand cataclysme".

Este romance, cujo enredo ocorre no seculo 100, transporta-nos a uma humanidade fabulosa, com que a sciencia transformou profundamente não só as instituições e os costumes, como os proprios homens. A humanidade que nos descreve o Sr. Henri Allorge é diversa na nossa. Diminuida por catástrophes pavorosas que destruíram toda a Europa, ella occupa apenas uma parte da Africa do Norte e alguns pontos da zona torrida. O tempo dos cataclysmas, porém, não se achava terminado; surge um outro, mais terrivel talvez que os anteriores e o resto da humanidade é destruida. Apenas escapa um pequeno grupo que, tomando consciencia da sua fragilidade, volta a ser como os homens primitivos, isto é, simplesmente humanos, despojado-se do orgulho scientifico.

Por ahi, vemos que o Sr. Henri Allorge não quiz sómente fazer obra de romancista da imaginação, mas também esboçar a sua philosophia da vida, que procura nos fazer voltar às fontes primitivas de nós mesmos. A humanidade do seculo 100 não conhece o amor; o homem reduziu-se a um ser pensante e não sensível. O formidavel e terrivel espectáculo do cataclysmas, que destróe definitivamente os recursos da sciencia e põe de novo os homens na sua mesquinha condição de animal desarmado, traz aos sobreviventes a revelação da propria sensibilidade e do amor, que só poderá reconstruir o mundo.

E é nessa scena de fé tranquilla que o Sr. Henri Allorge termina o seu romance, no correr do qual soube mostrar mas uma vez o seu harmonioso temperamento de poeta.

Os livros de Sarah Bernhardt

Uma parte dos livros pertencentes á bibliotheca de Sarah Bernhardt foram vendidos ultimamente em leilão no Hotel Drouot de Paris. Essa primeira venda produziu 69.187 francos, alguns livros attizaram um preço bastante elevado. Um exemplar das "Céré-

monies et coutumes religieuses", com as "Superstitions anciennes et préjugés vulgaires" em 10 volumes, attingiram a 2.650 francos; esta bella obra foi offerecida á grande artista em 1903 pelo pessoal do seu theatro. A imprensa sobre papel de luxo, com o brazão do Chancelier d'Aguesseau. O "Voyage pittoresque á Naples et en Sicile", do Abbade de Saint-Nom, alcançou 4.000 francos; os "Portraits des grandes hommes et illustres" do Sergent, 5.600 francos; as "Metamorphoses" de Ovidio, 2.800 francos, um bello exemplar de covantes, in-quarto de 1746, com figuras de Coypel, 4.620 francos; as obras de Racine (Lefevre) edição de 1820, seis volumes la-oltavo, 5.100 francos; o "Martyr de S. Sebastião", de d'Annunzio, original sobre papel de Hollanda, com dedicatória, 1.260 francos; a "Parisienne", de Henri Becque, original (1885) com dedicatória, 1.100 francos; "Amants", de Maurice Donnay, original, sobre China, com dedicatória, 1.100 francos; "Shylock", de Edmond Haraucourt, original, sobre China, com dedicatória, 1.055 francos; as "Obras Completas de Victor Hugo" 45 volumes, 1.255 francos; duas outras de d'Annunzio, texto italiano, "La Città morta e Fedra", 1.005 francos; e 800 francos um Shakespeare, em inglez, 3 volumes de Knight, 1.350 francos; um "Chantecler", original, sobre Japão, 3.700 francos; um manuscrito de Alexandre Dumas f.l.s., "Une visite des noces", 1871 3.200 francos; "Divorçons" de Najao (1883); um d'Annunzio, texto italiano, original em Hollanda, (1899) com dedicatória: A Sarah Bernhart Alla signora di Sogni, religiosamente offere, Gabriele D'Annunzio, comprado por Maurice Rostand por 500 francos. Esses pregos não são, todavia, muito elevados. Certos livros de Sarah Bernhardt, em outros tempos, teriam alcançado quantias mais fortes.



Antero de Figueiredo: **ESPAÑA** — Livro Allaud & Bertrand. Paris e Lisboa — 1923. Este livro de uma grande emoção em que a paisagem e a vida multipla e fremente da Hespanha apparecem humanizadas na sensibilidade fina e admiravel do A., é lido com um raro prazer. Senhor de um estylo proprio e brilhante, por vezes rebuscado no floreio e na imagem, mas solido e preciso, como de um vibrante pintor impressionista, o A. se conta entre os mais significativos dos prosadores de Portugal contemporaneo, sobretudo no genero desse livro. A Hespanha maravilhosa e subtil, com seus coloridos quentes e os seus recantos prodigiosos, se revê nas paginas do S. Antero de Figueiredo na intensidade integral de seu rythmo de deslumbramentos. Feito com amor, de quem sente no sangue o fremito da Hespanha e comprehende uma unidade iberica, numa mesma e singular vibração, o livro que registamos é uma descripção luminosa das terras hespanholas, feito por quem as sentio como poeta inebriado na luz e no brilho dessas terras singulares e fascinadoras. A Hespanha é como uma lenda, que attrahe o artista para lhe decifrar o mysterio da sua propria essencia.

Antonio Sardinha: — **CHUVA DA TARDE** (Sonetos de Amor) Empreza Internacional Editora — 1923 — O nome do Sr. Antonio Sardinha é, nas letras modernas de Portugal, um dos que se têm cercado de maior fulgor, quer como ensaista vibrante, quer como poeta. A sua arte é bem filha do meio que o cerca, sendo um dos mais commovidos cantores de seu paiz, tendo feito na *Epopeia da Planície* o louvor das terras alentejanas, com um encanto e uma côr local verdadeiramente deliciosos. Em *Quando as Nacentes despertam...* a emoção é toda evocativa, seja das paisagens que lhe encantaram os olhos extasados, seja de pequenas intimidades, ou recordações, que se lhe prendem nalma. Esta série de sonetos de amor — *Chuva de Tarde* é de um lyrismo encantador, nos motivos subtils, nos rythmos coloridos e amaveis, nos episodios de graça e de fascinação. É um impressionista de tons incisivos e sonoros,

O MELHOR
AUTOMOVEL DO
MUNDO É



BUICK

DEPOSITARIOS:

MESTRE & BLATGÉ

RUA DO PASSEIO, 48-54.

Rio de Janeiro

cuja palheta possua coloridos singulares e imprevistos, de vibração e calor. Que delicado esse soneto, *Velho Motivo*, em que retorna o motivo do mais bello soneto de aior de nossa lingua:

Soneto de Jacob, pastor antigo,
— Soneto de Rachel, serrana bella...
Oh quantas vezes o relembro e digo,
pensando em ti, como se fôras ella;

O que eu servira, p'ra viver contigo,
— tão doce, tão alrosa e tão singela!
Assim, distante do teu rosto amigo,
em torturar-me a ausencia se desvela!

E vou soffrendo a minha pena amarga,
— pena que não me deixa nem me larga,
bem mais cruel que a de Jacob pastor.

Rachel não era delle e sempre a via,
enquanto que eu não vejo noite e dia
aquella que me tem por seu Senhor!

Esse soneto é um formoso exemplo desse livro de cantos de amor, ungidos de uma doce emoção e repassados de um lirismo commovido, que o tornam de merito pouco vulgar. O Sr. Antonio Sardinha é um dos artistas mais representativos de seu país, cujo espirito se reflecte no seu temperamento e na sua sensibilidade de um modo incisivo, para que o faça reinar no seu estro, como um raio de luz que o crystal irisa. Já o chamaram com razão: o poeta do lusitanismo.

Adolfo Bonilla y San Martín — **LOS MITOS DE LA AMERICA** — Editorial Cervantes, Barcelona, 1923. — Este ultimo livro do eminente membro da Real Academia Hespanhola não é só uma preciosa contribuição á historia da America precolombiana, como também uma série de interessantes ensaios, finalmente analysados, sobre os assumptos os mais diversos da America hespanhola. O seu ensaio sobre a litteratura hispano-americana, por exemplo, é um solido e luminoso estudo no qual o autor proclama a necessidade de uma cultura mais unitaria e mais directamente hespanhola nos países hispanos do Novo Continente. Outros estudos, como os ensaios sobre Ramos Megia e o philosopho cubano Felix Varela, revelam o mesmo profundo senso critico do autor, cujo nome, aliás, já conquistou a merecida posição na admiração dos hispano-americanos.

Pierre Loti: **LA INDIA** — Editorial Cervantes, Barcelona, 1923. A Editorial Cervantes teve uma feliz idéa em publicar a excellente traducção do Sr. Vicente Diaz de Tejada. O estylo de Pierre Loti não perde, traduzido em castelhano, esse sabor evocativo que fez a fama do autor de "Madame Chrysanthème", e a *India* é desses livros de Loti que se lê sempre com o mesmo prazer.

Marcello Fabri: **LE VISAGE DU VICE**. Edições do Monde Nouveau, Paris, 1923. — O vigoroso autor do romance das multidões modernas, que já registrou a sua visão implacavelmente aguda no *Inconnu sur les Villes*, cuja ambição, "supprimando o individual, era de procurar além das suas degenerescencias, o romance e as suas fontes proprias, isto é o Poema Epico", acaba de publicar

um novo livro, *Le Visage du Vice*, em que se firma mais uma vez o seu robusto talento. Começado em Abril de 1912, este livro foi abandonado e retomado varias vezes, e devemos felicitar o autor por tê-lo terminado, pois, conseguiu realizar nelle uma bella pintura da vida contemporanea. Os Herschall, terríveis polvos das cidades modernas, que jogam com a vida e o destino dos fracos que os cercam, como o Le Poitevin, esse degenerado avassalado pelo vicio, são personagens que o Sr. Marcello Fabri sabe animar de uma vida intensa, collocando-os sob a luz crua da sua observação impiedosa, dissecando-os com uma frieza systematica de cirurgia, e communicando-nos, ao mesmo tempo, pela sua narração directamente suggestiva, uma sensação elevada de arte. *Le Visage du Vice* é um dos livros que dominam a produccão destes ultimos annos.

Henri Massis: **JUGEMENTS** — Paris, 1923. — Com este titulo um pouco aspero, um pouco definitivo, apesar da segunda epigraphe que elle põe na capa do seu livro, o Sr. Henri Massis acaba de reunir tres curiosos e finos estudos sobre Renan, Anatole France e Maurice Barrés. A intolerancia do autor é um pouco rigida e o Sr. Henri Massis parece mais condemnar do que julgar esses tres mestres. Renan, France e Barrés são, no conceito do autor, os tres malfeteiros da intellectualidade contemporanea. Por acaso o Sr. Henri Massis não exaggera um pouco a influencia ou melhor os perigos da influencia desses escriptores? Para elle, a interpretação poetica, o espirito critico, a curiosidade esthetica, são liberdades e ousadias perniciosas, sybaritismo desprezível. O orgulho e a duvida de Renan, o scepticismo requeintado de France são escolas de destruição. Uma disciplina do bello, ou melhor, uma utilidade do bello conforme uma certa disciplina, va lá — para a ethica do autor, mas para toda ethica? E preferir a esthetica á moral, como Renan, é então um erro tão lastimavel? Também, se o thema poetico e a duvida confundem, momentaneamente, o pensamento, ellas não deixam igualmente de o repousar e de o tonificar. Outros homens hão de vir que farão outra cousa, com toda certeza, — contra Renan, France e Barrés, mas ha de ser graças a elles.

CARTILHA DE HYGIENE, organizada pelo Instituto de Hygiene e publicado pelo Estado de S. Paulo — Monteiro Lobato & C., Editores — 1923 — Essa interessante publicação para uso das escolas primarias, e que nos foi gentilmente enviada pelo Sr. Director Geral do Serviço Sanitario de S. Paulo, comprehende uma série de conselhos hygienicos, illustrados com desenhos, de modo a impressionar a criança e demonstrar a efficacia dos preceitos. Quer a linguagem, quer as gravuras são feitas singelamente, mostrando as vantagens da boa pratica das regras comestivas de asseio, de alimentação e de prudencia, illustradas, não com o pavor de doenças, mas com exemplos de meninos sadios ou robustos, em contraste com outros amarellos e doentios. E' esse um serviço admiravel, que muito honra o Serviço Sanitario de S. Paulo e que deve ser imitado, em toda parte, pelos beneficios incalculaveis que

póde produzir, como elemento de instrucção intuitiva.

Ricardo Jorge: **O OBITO DE D. JOAO II** — Portugalia editora, Lisboa, 1922. — Sobre a morte do monarcha portuguez que "lançou Portugal no caminho da supremacia do orbe, propulsor de um imperalismo de-venturadamente ephemero", o Sr. Ricardo Jorge publicou um interessante trabalho, em que estuda todas as circumstancias da molesta de que falleceu D. João II, que tudo indica ter sido uma nefrite chronica. Com uma solida documentação, dá-nos ao mesmo tempo um interessante estudo psychologico do meo de então, descorrendo sobre as possibilidades de envenenamento do monarcha e sua autoria.

Conde de Sabugosa: **OUTRA RAINHA** — Portugalia editora, Lisboa, 1922. — Numa elegante *placquette*, a casa editora *Portugalia* publica a conferencia que, sob esse titulo, proferio o Conde de Sabugosa, na Liga da Acção Social Christã, em homenagem á Rainha D. Amelia. A figura da antiga rainha de Portugal nos apparece, nessas paginas de emoção, cercada do maior fulgor, que mais reluz ainda no sacrificio. Diz-nos que foi "Uma que espalhou a boa semente e só conseguiu o ceifar espigas amarelas."

Mercedes Blasco: **OS BASTIDORES DO AMOR**, Portugalia, Lisboa, 1922. A Sra. Mercedes Blasco, conhecida actriz portugueza, que já publicou anteriormente as suas *Memorias de Actriz*, dois curiosos livros: *Musa hysterica* e *Vagabunda*, reuniu nos *Bastidores do Amor* uma série de historietas, que bem podem ser veridicas.

Nesses diversos amores, que se succedem ao correr do livro, aparentemente diferentes, contradictorios quasi, a autora mostra a eternidade do amor, sempre igual na sua força dominadora. Escripito com singeleza, num estylo direito e escoreito, o livro agrada e interessa.

Mercedes Blasco: **CARAS PINTADAS**, Portugalia, Lisboa, 1923. E' toda uma pleiade de caras pintadas, isto é, de actores e actrizes, que passa nesse livro ligeiro, amavel, por vezes commovido. As celebridades do theatro lisboeta desfilam, desenhadas com um traço incisivo: Ignacio Peixoto, Cynira Polonio, Eduardo Brazão, Anna Pereira, Sylvestre Alegria, Pepa Ruiz, outros mais, numa atmosfera exactamente sentida.

Adrien Timmermans: **L'ARGOT PARISIEN**, Victorion Frères et Cie, Paris, 1922. — O *argot* ou gria parisiense existe ha tanto tempo que é hoje uma verdadeira lingua, tendo já suas regras fixas. O Sr. A. Timmermans, que foi professor de linguas e litteraturas franceza e ingleza, na Hollanda, procurou nesse livro completo e bem documentado estabelecer a ethymologia do vocabulario *argot*. Não é sem surpresa que se vê, pelo estudo do Sr. Timmermans que muitas palavras de *argot* derivam directamente do grego antigo, sendo que a maioria dellas vêm de linguas vivas. Assim se percebe os laços mysticos que unem ás vezes os idiomas os mais diversos por intermedios imprevistos. O livro do Sr. Timmermans parece tratar de um assumpto futil, mas constitue na realidade uma synthese instructiva e digna de louvores.

LEVES COMO BORBOLETAS

os deliciosos

CAPRICHOS

torradas especiaes para estomagos debeis da

F.A.D.A. do Alto da Serra - Petropolis.



JOSE' CONSTANTE & C.^{IA}

MATRIZ: RIO DE JANEIRO

91, Avenida Rio Branco, 91

BAHIA E PERNAMBUCO

Commissões-Representações

REPRESENTANTES DE:

Adriano Ramos Pinto & Irmão, Ltda
Antonio Pardo
Asss & Cia, Ltda.
Brandão Gomes & Cia, Ltda.
Estabelecimentos Herold, Ltda.
Garona, Laporte & Ca.
Gross Hermanos
Manoel Costa & Cia., Ltda.
R. Singfehurst & Co. (1918) Ltda
Werrng, Jue & Co.
Peter Skarbvig, Ltda
Vicente, Merguza

Porto
Murcia
Lisboa
Espinho
Lisboa
Paris
Malaga
Lisboa
Liverpool
Crisiania
Aalesund
Malaga

e outras firmas estrangeiras e nacionaes.

AGENTES NO RIO DE JANEIRO

Do: Banco Commercial do Porto

SAQUES - SI PORTUGAL E OUTROS PAIZES

Cartas de Credito - Abertura de Creditos Mensaes

Ordens de pagamento: por telegraphia e por carta.

Caixa Postal, 373

Telephone, N. 1659

End. Telegraphico: CONSTANTE

RIO DE JANEIRO

BREVEMENTE

Historia da Musica Brasileira DE RENATO ALMEIDA

ALVARO PINTO - EDITOR
(ANNUARIO DO BRASIL)
RIO DE JANEIRO

S. A. Monitor Mercantil

FUNDADA EM 1912

*Para defesa do Commercio
contra os mãos negocios*

Apparelho regulador do credito
e multiplicador
das transacções mercantis

ESCRITORIOS:
RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 96
(TERCEIRO ANDAR)
RIO DE JANEIRO = BRASIL

LIVRARIA E PAPELARIA AZEVEDO

CASA EDITORA DOS ROMANCES DA COLLECÇÃO CHIC
A. DE AZEVEDO & COSTA

Livros Colegials e de Literatura

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS OS ARTIGOS DE PAPELARIA

SECÇÃO DE IMPORTAÇÃO
ESCRITÓRIO
Rua Senador Dantas, 120
Telefone, Central 3079
DEPOSITO
Rua Senador Dantas, 104

SECÇÃO DE VAREJO
LIVRARIA E PAPELARIA
Telefone, Central 5238
Rua Uruguaiana, 29
RIO DE JANEIRO

NAÇÃO PORTUGUÊSA

REVISTA PORTUGUÊSA DE CULTURA NACIONALISTA

Director: ANTONIO SARDINHA

Editor: J. FERNANDES JUNIOR

Secretario: DOMINGOS DE GUSMÃO ARAUJO

Rua Serpa Pinto, 38 -- 3.º LISBOA

PUBLICA-SE TODOS OS MEZES

Assignatura annual para o Brasil: 48 escudos (Adiantado)

Pode-se assignar ou annunciar por intermedio da AMERICA BRASILEIRA
que fornece todas as informações

CHARUTOS



Stender

BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

Casa Matriz : AMSTERDAM

FILIAES NA AMERICA DO SUL:

Rio de Janeiro --- S. Paulo --- Santos --- Buenos-Aires --- Santiago do Chile --- Valparaizo.
Na Allemanha --- HAMBURGO.

Capital autorizado..... Florins 50.080.000
Capital realizado e reservas..... Florins 22.680.000

*Fundado pela Rotterdamsche Bankvereeniging
Amsterdam -- Rotterdam -- Haya
Cujo capital realizado e reservas montam em florins a 114.000.000*

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO

II, RUA BUENOS AIRES, 13

TELEPHONES: NORTE 5356, 5357 E 5358

Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

CAPITAL. FRs. 50.000.000

CAPITAL REALISADO

Ações Frs. 50.000.000 e Obrigações Frs. 65.000.000
Fundo de reserva: Frs. 12.500.000

Empréstimo sobre primeira hypotheca a curto e longo
prazo, reembolsaveis a prazo fixo ou por
amortisações semestrais
com direito de reembolso antecipado.

DINHEIRO PARA CONSTRUÇÕES
Abertura de credito para construcções de predios
até 50 % do valor dos mesmos
e terreno.

Contas correntes garantidas por hypothecas
e de movimento.

Adiantamento sobre titulos, mercadorias
e warrants.

Gerencia de immoveis, cobrança de juros sobre apolices, ações
e debentures, guarda de valores, etc.

SÉDE SOCIAL EM PARIS:

39 BOULEVARD HAUSSMANN 39

Séde de Operações e Direcção Geral:

44, AVENIDA RIO BRANCO, 44 — RIO DE JANEIRO

Endereço Telegraphico-BRESIFONCI
CAIXA POSTAL, 307

TELEPHONES { Directoria N. 4.116
Secretaria N. 2.085
Expediente N. 3.750

AGENCIA:

24, RUA S. BENTO, 24 — S. PAULO

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).